



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

## **ALAÍZE DOS SANTOS CONCEIÇÃO**

**“O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”:**  
Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções.  
Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970)

## **ALAÍZE DOS SANTOS CONCEIÇÃO**

**“O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”:**  
Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções.  
Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edilece Souza Couto.

Salvador

2011

---

C744 Conceição, Alaíze dos Santos  
“O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”: práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970 / Alaíze dos Santos Conceição. – Salvador, 2011.  
125 f.

Filosofia Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edilece Souza Couto  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de e Ciências Humanas, 2011.

1. Cura – Aspectos religiosos – Recôncavo (BA). 2. Curandeiros – Recôncavo (BA). 3. Religiosidade – Recôncavo (BA). I. Couto, Edilece Souza. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 248.2

---

## **ALAÍZE DOS SANTOS CONCEIÇÃO**

**“O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”:**  
Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções.  
Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História Social.

Aprovada em \_\_\_\_ de julho de 2011.

### **BANCA EXAMINADORA**

Edilece Souza Couto – Orientadora  
Doutora em História – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Universidade Federal da Bahia.

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas  
Doutor em História – Université de Paris IV (Paris – Sorbonne)  
Universidade Federal da Bahia.

Wilson Roberto de Mattos  
Doutor em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Universidade do Estado da Bahia.

Salvador  
2011

Aos meus avós que tanto amo, Parente e Preta.  
À minha mãe, Lia, símbolo de força e muita luta.

## AGRADECIMENTOS

Nos caminhos tortuosos e angustiantes da escrita, é maravilhoso poder contar com pessoas iluminadas que alimentaram o meu coração de tranquilidade e prudência em meio às turbulências acadêmicas. Finalmente, é chegada a hora de agradecer algumas pessoas que contribuíram para a edificação desta investigação histórica.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concedido sabedoria e equilíbrio nos momentos mais angustiantes e tensos de minha vida. Ao bom Deus e a todas as energias positivas que emanam no universo, santos, caboclos e orixás, serei grata por ter conseguido concluir mais uma etapa na vida.

Agradeço à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, pela concessão da bolsa de Mestrado, que me possibilitou cumprir, com dedicação exclusiva de maneira bastante satisfatória, os créditos teóricos e práticos do curso. Além disso, esse apoio tornou possível a minha participação em diversos congressos e simpósios da área.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pela formação singular em História; ao núcleo de Pesquisa AFROUNEB que me oportunizou as primeiras lições da pesquisa histórica a partir dos viveres das populações negras na diáspora; Sou grata ao Centro de Estudo dos Povos Afro - Indo - Americanos – CEPAIA, bem como aos pesquisadores deste mesmo centro e os constantes incentivos direcionados.

Agradeço aos protagonistas da pesquisa: a todas as Rezadeiras e aos Rezadores, muito obrigada pela atenção e as maravilhosas contribuições que, com certeza, irão transcender o universo acadêmico. Sem vocês, seria impossível a construção desta narrativa. Não poderia deixar de destacar minha gratidão à senhora Neci, à senhora Preta, ao padre José, ao senhor Piu, à senhora Inês, à senhora Benedita e à enfermeira Lurdes, pela disponibilidade e paciência e, sobretudo, por me “emprestarem” trechos de suas memórias para a composição desta pesquisa.

À minha orientadora Edilece Couto, por ter acreditado na temática ainda no processo de seleção, pelos direcionamentos da dissertação, sugestões e críticas ao

texto. Sou grata pela confiança e amizade desenvolvidas em meio às demandas acadêmicas.

Aos professores Wilson Roberto de Mattos e Antônio Fernando Guerreiro de Freitas, por aceitarem compor a banca de qualificação e estarem presentes na defesa desta dissertação. Agradeço pelas excelentes contribuições, direcionamentos, sugestões e leitura cuidadosa do texto. Sem vocês, com certeza, o resultado desta pesquisa não teria o êxito esperado.

Ao professor Antônio Luigi Negro, pelas recomendações referentes à metodologia da pesquisa, bem como pelas sugestões e crença dispensadas a esta pesquisa. À professora Gabriela Sampaio pelas lições da História Social e os constantes incentivos.

Aos meus familiares, em especial, aos meus irmãos Robson e Érica, e à minha sobrinha Yasmin, por existirem e tornarem a minha vida mais feliz; aos meus tios, representados aqui em nome de Jailton, Girlene e George: obrigada pelos constantes incentivos para seguir em frente, na trajetória acadêmica. Aos meus primos Johnny, João, Gabriel, Evandro e Leandro, por quebrarem o clima tenso da “escrita histórica.” Pelos diversos momentos de descontração, agradeço a vocês.

Aos amigos conquistados via mestrado, Ricardo Batista, por ter me ofertado aconchego, carinho e cumplicidade quando precisei, se revelando uma pessoa presente e solícita diante de um mundo tão áspero que é o nosso. A Caroline, pela amizade, pelas conversas e os debates teóricos da História; A Tatiane Cunha e Israel, por terem tornado as idas a São Lázaro mais agradáveis, e por terem sido pessoas cuja fala, por diversos momentos, foi fonte de tranquilidade e inspiração. Agradeço a Gissele, pelo compartilhar de experiências, pelas palavras verdadeiras e repletas de luz, e a Mariana Ellen pela forma doce de ver o mundo e as pessoas, demonstrando ter um coração iluminado.

Aos meus amigos Jacó, Wanderson, Joseney, Eliane, Rose, Daniela Rocha, Francinéa e Chacauana, pela cumplicidade, amizade, carinho, incentivos e dedicação: cada um de vocês contribuiu imensamente para que esse rito de passagem pudesse acontecer. A Silvana, principalmente, pelas expectativas e experiências compartilhadas, pela amizade sublime que desenvolvemos e por toda a cumplicidade dos últimos anos. A Fabrício Amorim, pessoa singular que despontou em minha vida como um anjo de luz: obrigada, Fau, pelas correções, pelas palavras e, sobretudo, por ter acreditado no meu potencial. Agradeço a Aécio Mendes, pela

presença, cumplicidade, carinho, dedicação e todo o amor a mim direcionado: sem você, jamais conseguiria suportar as hostilidades da capital, bem como o desafio tamanho do Mestrado.

Aos professores e amigos Denílson Lessa, Cristiana Ximenes, Cláudia Pons e Luís Carlos Borges da Silva, pelas importantes observações que fizeram em meu texto e pelo humilde gesto de se colocarem à minha disposição, quando necessário. Pelos constantes incentivos, serei eternamente grata a todos vocês.

Por fim, agradeço aos meus avós, Parente e Preta, pelas constantes lições de vida, pelos ensinamentos, incentivos; talvez o simples fato de existirem já me torna uma pessoa iluminada. A minha mãe, Lia, símbolo de força e perseverança, com quem aprendi a arregasar as mangas e correr em busca dos meus sonhos. Aprendi, ainda, que, apesar das dificuldades do viver, devemos criar oportunidades e contrariar as estatísticas que muitas vezes nos condicionam.

Um povo impossibilitado de refletir sobre a sua função no mundo é, com efeito, um povo oprimido. Nos dias de hoje, a verdadeira liberação de um povo no Todo-o-mundo é a possibilidade de refletir sobre a sua função e agir no mundo. Se isto não acontece, então essa liberação é inútil, porque significa que ele continua dominado e oprimido.

Édouard Glissant, 2005.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. “*O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!*”: Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970). 125 f. 2011. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

### RESUMO:

A pesquisa visa refletir acerca do universo cultural e religioso de Rezadeiras e Rezadores do município de Governador Mangabeira, Recôncavo sul da Bahia, nas décadas de 1950 a 1970, ressaltando as suas atuações nas comunidades que residem. Esses sujeitos históricos são integrantes das classes trabalhadoras e negras, os quais, motivados por questões econômicas, foram introduzidos no mundo do trabalho ainda na infância. Por fatores raciais, esses indivíduos, em sua maioria, alocados na segunda geração do pós-abolição, perambularam pela região em busca de melhores condições de vida, uma vez que as *migrações* pelas cidades do Recôncavo foram intensas até as décadas de 1950. Nesse sentido, buscou-se na elucidação de experiências cotidianas, sobretudo no universo do trabalho e nos aspectos religiosos da benzeção refletir acerca das identidades individuais e coletivas construídas no processo. A permanência dos elementos culturais presentes no âmbito das benzeções revela particularidades de uma população no que tange à relação que estabelecem com o sobrenatural, as doenças e a cura, suas expectativas, sentimentos e as possibilidades de transcendência da dura realidade. Sendo assim, as fontes utilizadas foram os periódicos *Folha do Norte* e o *Jornal A tarde*, assim como os depoimentos orais dos sujeitos históricos envolvidos no contexto histórico em análise.

**Palavras – chave:** Benzeção; Cura; Religiosidades; Rezadeiras e Rezadores.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. *“The Saint is our defender, man! Believe it if you want to!”*: Cultural and religious practices in the blessing extent. Governador Mangabeira - Recôncavo Southern Bahia (1950-1970). 125 f. 2011. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

## ABSTRACT

This research aims to reflect on the cultural and religious universe of women healer and man healer from the town Governador Mangabeira, Recôncavo Southern Bahia, from 1950 to 1970 decades, emphasizing their role in the communities where they live. These historical subjects make part of working and black classes, who, forced by economic necessities, were inserted into the working world yet in the childhood. Due to racial factors, most of them were allocated in the post- abolition second generation, which made them perambulate through the region in search of a better life, because migrations through Recôncavo Southern Bahia were very intense until 1950. Thus, by elucidating everyday experiences, especially in terms of working and religious blessing practice aspects, this work aimed to reflect on individual and collective identities built in the process. The permanency of cultural elements presented in the blessing practice extent reveals particularities of people regarding relations they firm to the supernatural, the sicknesses and cures, their expectations, feelings and the possibility to transcend from the tough reality. The following sources were used in this study: periodicals *Folha do Norte* and *Jornal A tarde* and oral testimonials of the historical subjects involved in the historical context under discussion.

**Keywords:** blessing practices; Cure, Religiosity; Women Healer and Man Healer.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 SOCIABILIDADES NO MUNDO DO TRABALHO E DAS REZAS</b> .....	24
1.1 <b>“O fumo já levantou a cabeça de muita gente!”</b> : trajetórias de vida e experiências compartilhadas. ....	25
1.2 <b>“Já ganhei muito dinheiro naquela fonte!”</b> : fonte das cabeças e a lavagem de roupas de ganho.....	33
1.3 <b>“Têm alguém que reza de olhado ai!”</b> : as práticas de cura.....	39
<b>2 INSERÇÃO NO UNIVERSO DAS REZAS</b> .....	44
2.1 <b>“Não aprendi a rezar com ninguém, aprendi mesmo foi com meu destino!”</b> : o aprendizado do ofício.....	45
2.2 <b>“No meu tempo, quando eu era criança [...] todo mundo era Rezador!”</b> : práticas de benzeções.....	49
2.3 <b>“Quem se gaba, não se lava, sabe disso?”</b> : a cura das enfermidades mau olhado, ar do vento e espinhela caída. ....	57
<b>3 RELIGIOSIDADES E BENZEÇÕES</b> .....	74
3.1 <b>“O povo diz que eu tenho parte com Obaluaê!”</b> : imbricamento de crenças entre Rezadeiras e Rezadores.....	75
3.2 <b>“São Cosme é um bichinho sabido, ninguém se engane. Vai brincar com ele [...] Prometeu tem que cumprir!”</b> : Devoção aos santos gêmeos, Cosme e Damião.....	84
3.3 <b>“[...] Eu já vi umas passagens de Caboclo que dá pra acreditar!”</b> : A presença do Caboclo.....	91
3.4 <b>“O boiadeiro trabalhava em benefício das pessoas.”</b> : Uma médium chamada Carmelita.....	

3.5 “Ser Rezadeira é ser serva do senhor”: identidades individuais e coletivas no âmbito das benzeções.....	103
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>114</b>
<b>5 FONTES.....</b>	<b>117</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

A presença de Rezadeiras e Rezadores no Recôncavo sul baiano, ainda que em pequenas proporções no início do século XXI, levou-me a investigar de que maneira se constituía o universo cultural e religioso desses indivíduos. Eles possuem notável respeitabilidade entre diversos segmentos da população, sobretudo em virtude da forma peculiar que têm de lidar com a doença e o corpo individual e coletivo.

Tomando tal assertiva como ponto de partida, lembro-me da confiança de meus avós nas Rezadeiras no combate a enxaquecas, ventre-caído,<sup>1</sup> dor de dente, mau-olhado<sup>2</sup> dentre tantas outras enfermidades presentes no cotidiano familiar. Dessa forma, instigada pelas intervenções curativas que as Rezadeiras fizeram em minha infância, e o *servir-se* constante de meus familiares das suas benzeções, resolvi investigar a temática como possibilidade de pesquisa em história. Tais inquietações surgiram ainda na graduação, quando desenvolvi uma monografia sobre o assunto. Contudo, para o mestrado, pensei na ampliação da abordagem, sobretudo no que tange à representação dos saberes nessas práticas culturais, que concedem determinada notoriedade a esses indivíduos na comunidade em que residem e atuam.

Logo, se hoje pude fazer a escolha em trabalhar com a história social da cultura, a qual envolve Rezadeiras e Rezadores, foi devido às novas perspectivas historiográficas que vigoraram entre os anos 1960 e 1980, possibilitando a abertura e ampliação de novas temáticas, assuntos que antes eram tidos como *temas malditos*, pois se tratava dos excluídos sociais, como trabalhadores, mulheres, negros, índios, etc.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Entende-se por ventre-caído a enfermidade que acomete o indivíduo, sobretudo as crianças, que, ao ser suspenso a uma altura superior à cabeça de quem está lhe carregando, pode apresentar os seguintes sintomas: diarreia, malevolência corporal e dores.

<sup>2</sup> O mau olhado é entendido como o arremesso de energias negativas aos indivíduos; geralmente é uma enfermidade provocada pelos ciúmes e inveja. Os sintomas são: malevolência, bocejos constantes e cansaço corporal.

<sup>3</sup> FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In: *Projeto história: Revista do Programa de estudos pós-graduados em História e do departamento de História da PUC-SP*. São Paulo – SP, 1981.

Nesse sentido, penso que o estudo sobre o universo das Rezadeiras e Rezadores convergem com as novas perspectivas historiográficas, nas quais as camadas populares também são consideradas como agentes e sujeitos da história. Com o surgimento da história social, algumas questões concebidas como impossíveis de serem trabalhadas, sobretudo pela ausência de fontes oficiais, passaram a ser investigadas, propondo reformulações da concepção de fonte, adquirindo um significado mais amplo e abrangendo outros vestígios que contemplassem a existência humana. No caso específico das Rezadeiras, a possibilidade investigativa contribui para refletir acerca de como as representações simbólicas de cura, principalmente no que concerne às palavras mágicas das benzeções, interferem na ordem do mundo material, além de suscitar reflexões acerca da representação dessa esfera de saber, mormente do sexo feminino.

Nesta pesquisa, trato as benzeções não como uma exclusividade feminina. Contudo, como é inegável que tais saberes encontram-se majoritariamente assegurados por Rezadeiras, é impossível não explorar a dimensão da representação dos saberes no feminino. Possivelmente, em várias passagens da dissertação, o leitor perceberá a escrita numa perspectiva do gênero: objetivou-se com isso não antagonizar feminino e masculino, mas conceder visibilidade às mulheres que são as principais resguardadoras desses bens culturais. A proporção de mulheres Rezadeiras é notoriamente superior aos homens Rezadores.

Os estudos culturais têm dado amostras de grandes reflexões acerca do conceito de cultura, pois tais investigações, durante séculos, ficaram sob a responsabilidade dos folcloristas que concebiam essas manifestações culturais com olhares pejorativos, como bem assinalou E.P Thompson em *Costumes em Comum*. Thompson definiu cultura como sinônimo de costume, tratando costume de maneira diferenciada, não pensando somente nas permanências das tradições, mas encarando as práticas culturais como campo das mudanças, o lugar da diversidade, fruto das (re) significações e conflitos.<sup>4</sup>

É notório que as práticas de cura na Bahia, nos últimos anos, têm sido foco de várias pesquisas acadêmicas, principalmente no que diz respeito à sua eficácia nas sociedades que as concebem. Elas são mencionadas também enquanto referências tidas como negativas pelos órgãos públicos de saúde, em virtude do

---

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

*teórico* impedimento da efetivação e consolidação dos projetos modernizantes e higienizadores dos principais centros urbanos do país. Pensava-se que somente uma *varredura* dessas práticas culturais, vistas como primitivas e animais, conduziria as cidades à civilidade nos moldes europeus.<sup>5</sup>

Comumente, diversos autores preocupavam-se em demonstrar uma dualidade entre as ciências médicas oficiais e os saberes considerados populares.<sup>6</sup> Uma série de evidências de fontes são habilitadas para consolidar essa assertiva, demonstrando os impactos entre as dimensões dos saberes. Contudo, nesta dissertação, tal abordagem não foi contemplada, primeiro, porque, como acima mencionado, já dispomos de uma vasta referência bibliográfica discutindo tais questões e; segundo, porque, neste estudo, se buscou evidenciar questões outras, vinculadas, por exemplo, ao fator *identidade*. Assim, seria impossível conceber um estudo acerca do universo das benzeções excluindo o cotidiano de Rezadeiras e Rezadores nas práticas de cura, por isso o capítulo II dedicou-se a tal discussão.

Nesse contexto, a relevância da pesquisa justifica-se em virtude da inovação da perspectiva de abordagem temática, pois, apesar de trabalhar com membros das práticas de cura, Rezadeiras e Rezadores, observei que, nas pesquisas existentes, os autores não abordam as especificidades do universo cultural em que esses sujeitos se inserem, sobretudo em relação às mulheres. Assim, questões referentes ao cotidiano das Rezadeiras, bem como reflexões acerca da formação identitária dos sujeitos em análise ou até mesmo a representação dos saberes sob a égide do feminino na benzeção não foram contempladas, carecendo, portanto, de novas reflexões.

A pesquisa possibilitou a reflexão em torno de experiências particularizadas e diferenciadas entre homens e mulheres negras do Recôncavo, focando-se, entre outros aspectos, nas mulheres, o que permite a edificação de uma história duplamente marginalizada: a história das mulheres<sup>7</sup> e das populações negras de

---

<sup>5</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>6</sup> E.P Thompson em seu livro *Costumes em comum* demonstrou o quanto é problemático o conceito de popular, sobretudo quando a concepção de popular fica restrita ao fator classe econômica, nesse sentido o pesquisador sugere que utilizemos o conceito vinculado ao pertencimento grupal dos indivíduos levando em consideração as experiências compartilhadas que podem transcender a uma pertença de classe.

<sup>7</sup> Ver: SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da História*. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

modo geral, uma vez que majoritariamente tratamos de histórias de vida e práticas culturais de indivíduos pertencentes às camadas populares afro-brasileiras.

A opção em fazer o recorte temporal entre as décadas de 1950 e a década de 1970 do século XX está intimamente ligada às fontes orais e escritas disponíveis. Apesar de algumas das fontes orais me possibilitarem um maior recuo cronológico, observei, nas entrevistas, sinalizações ao período de vivência na Vila de Cabeças e, em seguida, referência à cidade recém-emancipada de Governador Mangabeira.

As diversas lembranças do cotidiano da Vila de Cabeças desprovida de calçamentos, escolas e grande vizinhança conduziram-me a localizar as memórias de Rezadeiras e Rezadores nesse período. Claro que tais idas e vindas da memória no tempo fogem a uma precisão, podendo por ora se localizar além dos anos pospostos ou anteriores a eles.<sup>8</sup> Pensei, pois, nos anos 1950 por corresponderem à década anterior à emancipação política de Governador Mangabeira e por terem representado o período de maior desenvolvimento econômico da vila, segundo relatos de moradores.

Em 1959, o governo do Estado decidiu pelo funcionamento da Coletoria de impostos na própria vila, que antes funcionava em Muritiba, demonstrando um significativo passo de autonomia fiscal da localidade. No ano de 1962, ocorreu a primeira eleição municipal com a vitória de Agnaldo Viana ao cargo de prefeito. De acordo com as narrativas dos antigos moradores, fizeram parte de seu plano de governo a abertura de estradas, inauguração de ruas (seguida da nomeação das mesmas). Ao que parece, a localidade deixou de ser vila caminhando para demonstrações efetivas de transformações em busca do *civilizar-se*.<sup>9</sup>

A década de 1950 também representou, para algumas das Rezadeiras entrevistadas, o principal período de suas inserções no universo da benzeção. Nessa década, começaram a realizar suas próprias benzeções. Este foi o caso das senhoras Neném,<sup>10</sup> Celina,<sup>11</sup> Teka,<sup>12</sup> que inseriram suas memórias na década

---

<sup>8</sup> NORA, Pierre. Os lugares da memória: História e cultura. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação e do Departamento de História – PUC/SP. São Paulo: EDUC, n.10, 1994.

<sup>9</sup> O processo de modernização da Bahia presente já nas últimas décadas do XIX e início do século XX é mencionado por diversos pesquisadores. Consultar: FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza*. Salvador, 1890-1940. Salvador. EDUFBA, 2003. FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita”: Cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1987-1930*. Salvador, EDUFBA, 2002. LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana em Salvador (1912-1916)*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996.

<sup>10</sup> Francisca Santos Oliveira. Apelido Dona Neném. 76 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira. Natural de Laranjeiras, zona rural do Município de Governador Mangabeira, antiga Vila de

mencionada, quando assinalaram o início do *ofício* a partir dos 20 ou 30 anos de idade. Do mesmo modo, outras depoentes entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1950 estavam nascendo, alcançando somente uma *memória madura*, a partir dos anos 1970. Este foi o caso da Rezadeira Merú,<sup>13</sup> da professora Neci,<sup>14</sup> da técnica em enfermagem Lourdes<sup>15</sup> e da Sra. Preta.<sup>16</sup>

A presença de Rezadeiras e Rezadores no universo agrário contribui para pensar nas possíveis formas de inserção no mundo da benzeção, pois se sabe que as práticas de cura, de modo geral, propagavam-se devido a vínculos com o mundo natural, o conhecimento das ervas e raízes, bem como a necessidade das camadas populares em gerir seus espaços de existência a partir das relações de solidariedade em comunidade.

Investiguei como as experiências compartilhadas no processo migratório, nas atividades cotidianas, e a inserção desses indivíduos no universo das rezas contribuíram para pensar na aquisição dessa esfera do saber e poder diferenciado, que são as práticas de cura, nesse caso específico, a benzeção.<sup>17</sup> Será que, em alguma instância, as experiências particularizadas das Rezadeiras e dos Rezadores, sobretudo atreladas à trajetória de vida de seus ascendentes, contribuíram para o espaço de poder ocupado nas comunidades que residem?<sup>18</sup>

---

Cabeças. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 08 de fevereiro de 1934.

<sup>11</sup> Celina de Jesus Neris. Apelido Dona Celinha. 87 anos de idade. Charuteira aposentada. Rezadeira. Natural da cidade de Bonfim de Feira de Santana. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 15 de maio de 1923.

<sup>12</sup> Maria Custódia Cerqueira da Silva. Apelido Dona Teka. 76 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira. Natural de Queimadas, zona rural do Município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 24 de julho de 1934.

<sup>13</sup> Aumerinda Conceição Rodrigues. Apelido D. Merú. 64 anos de idade. Lavradora e charuteira em exercício da profissão. Rezadeira, nascida no Município de Governador Mangabeira, atualmente reside nesse mesmo município. Data de nascimento: 20 de julho de 1946.

<sup>14</sup> Neci Santos Leite. Apelido Prof<sup>a</sup> Neneu. 52 anos de idade. Professora em exercício da profissão. Natural de Cachoeira – Bahia. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 11 de outubro de 1958.

<sup>15</sup> Maria de Lourdes Pinto de Souza. 60 anos de idade. Enfermeira aposentada. Nascida no município de Governador Mangabeira. Atualmente reside nesse mesmo município. Data de nascimento: 13 de janeiro de 1951.

<sup>16</sup> Aurelina dos Santos Conceição. Apelido dona Preta. 71 anos de idade. Ex-trabalhadora dos armazéns de fumo aposentada. Nascida no município de Maracás, sertão da Bahia. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 13 de março de 1940.

<sup>17</sup> Consultar: OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. 2<sup>o</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>18</sup> A historiadora Suelen Gonçalves dos Anjos produziu um artigo científico no qual buscou refletir acerca das contribuições das organizações matrifocais como nítido espaço de conservação e propagação dos elementos culturais das populações negras. Ver: ANJOS, Suelen Gonçalves dos. *Cultura e Tradições negras no Mesquita: Um estudo da matrifocalidade numa comunidade*

A dissertação também gira em torno das práticas religiosas de Rezadeiras e Rezadores, objetivando elucidar como a religiosidade permeia o cotidiano desses indivíduos. Todas as atividades desenvolvidas tendem a ser regidas sob a proteção de um santo, um guia e/ou caboclo. Sendo assim, seria impossível desenvolver uma pesquisa acerca desses sujeitos desprezando-se os elementos religiosos que compõem suas rotinas diárias.

Geralmente, as casas dos Rezadores são espaços que abarcam o ofício da benzeção. A presença de nichos e altares é uma constante entre eles: nesses espaços sagrados, foram encontrados caboclos, santos católicos e orixás, o que demonstra um nítido imbricamento cultural e religioso.<sup>19</sup> Cada Rezadeira, por exemplo, guarda em suas memórias passagens da vida que justificam a devoção a determinados santos: São Roque, São Benedito, Nossa Senhora Aparecida, São Cosme e Damião e tantos outros. Nesta dissertação, foi analisada a relação de reciprocidade entre eles e os santos que, para muitos, representam a possibilidade de equilibrar as forças de proteção e devoção.

Partindo dessas interrogações, fomentaram-se discussões acerca da formação identitária desses sujeitos, uma vez que é impossível concebê-las como permanente e unificada.<sup>20</sup> Ainda no âmbito dos estudos em torno das identidades, é válido ressaltar que nas benzeções são erguidos espaços coletivos que possibilitam pensar nas intersecções grupais que tendem a caracterizar uma pertença cultural, comumente tratada como espaços de identidades coletivas.

Não obstante, Rezadeiras e Rezadores apresentaram grande afinidade com as celebrações afro-brasileiras; outras foram bastante reticentes ao admitir tais aproximações, apresentando ligeiras recusas ao conceber sua inserção nesses espaços. Portanto, se questiona: as reticências nos discursos em admitir aproximações com os cultos afro-brasileiros se desenvolvem em função de quê? Quais os possíveis motivos?

É considerando essa heterogeneidade cultural presente no universo das benzeções que investiguei de que forma essas diversas práticas culturais e a posse

---

remanescente de quilombo. *REVISTA PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos*. Brasília, UniCEUB, FACJS, Vol.1, n.1/06.

<sup>19</sup> Sobre o conceito de imbricamento cultural ou interpenetração cultural ver: BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: Contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985.

<sup>20</sup> Sobre as discussões em torno de identidade atentar para as contribuições de Stuart Hall. Consultar: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

dos conhecimentos acerca da benzeção puderam contribuir para a formação identitária dos indivíduos. Nesse contexto, a história das mulheres deixa de ser apenas uma tentativa de corrigir ou suplantar um registro incompleto do passado, e se torna um modo de compreensão crítica dos fenômenos que acometem a produção do saber, numa perspectiva das relações estabelecidas na sociedade.<sup>21</sup> Mas, em vista de tal realidade, esta pesquisa se propôs a refletir em torno das relações sociais estabelecidas no universo da benzeção,

Diante dessas inovações historiográficas, muda-se a forma de *fazer* história. Nesse contexto, o historiador Carlos Ginzburg sinaliza algumas dificuldades: “a escassez de testemunhos sobre o comportamento e atitudes das classes subalternas do passado é com certeza o primeiro – mas, não o único – obstáculo contra o qual as pesquisas históricas do gênero se chocam”.<sup>22</sup> É nesse sentido que algumas estratégias investigativas tiveram de ser utilizadas para que os historiadores pudessem investigar realidades das camadas populares, entre elas, destacam-se as fontes orais.

Assim, todos os indícios, sinais e sintomas dos grupos subalternos seriam tomados como resultado de um processo maior, com relevância global, não permanecendo marginalizados e entendidos como atitudes sem significado para a edificação da história. O particular de pessoas comuns – que há muitos séculos permaneceu negligenciado – transformou-se em ponto de partida para os novos estudos. As novas perspectivas historiográficas sinalizavam para a necessidade de investigação dos acontecimentos nos âmbitos locais e as possíveis repercussões na escala regional.<sup>23</sup>

Portanto, do ponto de vista dos procedimentos teórico-metodológicos utilizados, procurei refletir acerca das concepções de memória,<sup>24</sup> história oral e

---

<sup>21</sup> MATOS, Maria Izilda. *Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea*. Cadernos Pagu, n.11,1998.

<sup>22</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.16.

<sup>23</sup> Ver: LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Vol.9, n.19, Fev/1990.

<sup>24</sup> Ver: THOMSON, Alistair. Reconstituo memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Ética e história oral. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP. São Paulo: EDUC. n. 15, Abril/1997. p.51-84. BURKE, Peter. *O mundo como teatro*. Tradução: Vanda Anastácio. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 235-251.

tradição oral.<sup>25</sup> A partir dos diálogos estabelecidos com as fontes, os questionamentos ganharam significados. A coleta de depoimentos (fontes orais) entre os sujeitos investigados, nesse caso Rezadeiras e Rezadores, constituiu principal veículo facilitador da pesquisa. Além disso, procurei dialogar com bibliografias que discutem cultura, cotidiano, práticas culturais, trajetória das populações negras no Brasil e cultura afro-brasileira como nítida possibilidade de fundamentação teórica.

A história oral, entendida como metodologia de pesquisa, possibilitou dar voz aos excluídos dos documentos oficiais, trabalhando com temáticas da vida cotidiana. A autonomia concedida às fontes orais possibilita entendê-las não mais enquanto complementos aos documentos considerados oficiais, mas como fontes e objetos de análise substanciais.<sup>26</sup>

Nesta pesquisa, as fontes orais constituem a principal maneira de reflexão em torno das práticas culturais de Rezadeiras e Rezadores, pois se trata de indivíduos integrantes das camadas afro-brasileiras empobrecidas, em grande escala, não alfabetizados. É justamente na memória desses sujeitos que se encontram experiências acumuladas de suas vidas.

Para além do analfabetismo disseminado entre eles, é oportuno ressaltar que no próprio universo da benzeção, a fala constitui o principal veículo responsável em resguardar tradições e ensinamentos para as gerações futuras. Nota-se que, em algumas regiões do continente africano,<sup>27</sup> a saber, a região ocidental, a oralidade também é entendida como a fonte asseguradora da memória histórica, realidade esta próxima das benzeções. É possível que elementos dos viveres dessas populações negras, que via *diáspora* chegaram ao Brasil, tenha deixado marcas culturais no Recôncavo. Assim, preservar as tradições implica em valorizar aqueles que por tempo e vivência têm muito a relatar de suas memórias: os anciões /ãs.

---

<sup>25</sup> Consultar: HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (coord). *História Geral da África. Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática, 1982. Vol.1.

<sup>26</sup> JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

<sup>27</sup> Segundo o pesquisador Luís Nicolau Parés as categorias étnico-raciais das populações negras do Recôncavo, entre os séculos XVII e XIX, permitem confirmar uma predominância na Bahia dos escravos da África ocidental, em relação àqueles da África central, sobretudo na zona fumageira. Os dados demonstram predominância dos Jejes, Nagôs, Angolas e Minas, respectivamente. Consultar: PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. 2ªed.rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.p.63-69.

Nesse sentido, foram entrevistados Rezadeiras, Rezadores, membros da comunidade, de modo geral, que utilizaram e/ou utilizam dos serviços da benzeção, como, por exemplo, a primeira auxiliar de enfermagem do município, o pároco da cidade de Muritiba que durante décadas foi responsável em celebrar missas na comunidade de Governador Mangabeira e alguns dos filhos da senhora Carmelita<sup>28</sup> – a médium.

É válido ressaltar que a senhora Carmelita – a médium, só aparecerá no último capítulo porque é esse o espaço do texto destinado a explorar aspectos da religiosidade comungada entre Rezadeiras e Rezadores, para além das benzeções. Carmelita era uma guia espiritual que incorporava uma entidade, portanto, no âmbito das benzeções, ela só recomendava banhos, chás, remédios e a própria benzeção mediante a incorporação do caboclo Boiadeiro, daí se diferencia das tantas outras Rezadeiras, nesse sentido, merecedora de destaque. Em situações que a reza, por si só, já não dava conta de restabelecer a integridade física dos indivíduos, a senhora Carmelita despontava como grande alternativa. No âmbito da hierarquia religiosa, a médium ocupava lugar de destaque.

No mais, na benzeção, a cura é intercedida, sobretudo, pelo domínio da palavra, a qual assume inquestionável importância ao expulsar as mazelas do corpo e do espírito. Portanto, estudar as Rezadeiras e os Rezadores, suas práticas culturais, bem como o processo de formação e construção identitária, possibilita pensar a memória como referência na capacidade em assegurar manifestações sobreviventes de um passado inexplorado.<sup>29</sup>

A baliza temporal escolhida (1950-1970) foi contextualizada com periódicos da época, em circulação na cidade de Feira de Santana. Esses veículos noticiosos garantiram a percepção, ao menos existente do cenário urbano do Recôncavo sul, de modo geral. O título desta dissertação consiste numa frase pronunciada por uma das Rezadeiras: a senhora Neném. As subdivisões dos capítulos também obedecem tal critério, os *dizeres* de Rezadeiras e Rezadores foram utilizados para anunciar as reflexões dos três capítulos.

---

<sup>28</sup> Carmelita Pereira dos Santos. 91 anos de idade. Natural de Queimadas – zona rural de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Trabalhadora rural. Data de Nascimento: 18 de fevereiro de 1920.

<sup>29</sup> PINTO FILHO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*. Revista PUC/SP. São Paulo: EDUC, n. 17, 1998.

Sendo assim, no primeiro capítulo, pretendeu-se apresentar alguns sujeitos históricos da pesquisa, foram ressaltados aspectos de suas experiências cotidianas, a saber, do processo migratório por que alguns passaram até fixarem moradia na antiga Vila de Cabeças. Para aqueles que já moravam nessa comarca territorial, a migração foi considerada sob a perspectiva de um fenômeno de deslocamento da zona rural da Vila de Cabeças para as mediações do que a, *a posteriori*, se tornaria o centro urbano do município de Governador Mangabeira. Através dos depoentes, bem como da utilização de periódicos das cidades circunvizinhas, pretendeu-se pensar no contexto histórico político e social daquele município.

Outro aspecto de fundamental importância que foi abordado nesse capítulo diz respeito às experiências compartilhadas entre os sujeitos históricos no mundo do trabalho, as atividades cotidianas, em sua maioria sempre ligadas ao âmbito rural: o trabalho nas lavouras, na plantação do fumo e, para algumas das mulheres negras aqui abordadas, experiências nas atividades da lavagem de roupas de ganho, na antiga *Fonte das cabeças*, bem como sinalizações para o trabalho nos armazéns de fumo. Tais atividades, nesse contexto, representaram, para muitas famílias, as únicas possibilidades de sobrevivência.

No capítulo II foram colocadas em foco questões vinculadas à inserção de Rezadeiras e Rezadores no universo da benzeção, dando ênfase ao aprendizado do ofício que, em grande parte, é fruto de um aprendizado adquirido por observações cotidianas de outros Rezadores. Na maioria das vezes, diz respeito a práticas curativas desenvolvidas por um parente: pai, mãe, tia etc. Como segunda possibilidade de inserção no universo das benzeções, foi identificada a aprendizagem vinculada a uma experiência sobrenatural. Nessa perspectiva, a Rezadeira é acometida por uma doença que ocasiona, basicamente, o desfalecimento físico e, ao se dar conta do que está acontecendo, há uma possível descoberta do dom; a partir daí, ela é instruída a praticar a caridade, aceitando, portanto, o ofício.

Uma vez aceito o ofício, Rezadeiras e Rezadores devem zelar pela integridade física e espiritual dos enfermos da comunidade. Nesse sentido, é objetivo do capítulo refletir acerca de possíveis significados atribuídos por eles à benzeção, bem como promover reflexões acerca das enfermidades mais frequentemente combatidas no contexto em análise (1950 – 1970). Assim, as possíveis estratégias utilizadas para conduzir os enfermos à cura também são

destacadas; para tanto, as fontes orais constituem principal possibilidade investigativa. Busquei analisar tais sujeitos históricos a partir de suas inserções e atuações em redes de relações sociais, quando estendiam os *serviços* da benção a segmentos sociais *elitizados* que, de acordo com as fontes, também faziam uso dos receituários das Rezadeiras. É notório que a cura é sempre amparada a elementos do universo *mágico-religioso*; sendo assim, a ligação com elementos das diversas expressões religiosas constitui importante veículo *na luta* pela extirpação da doença.

Por fim, o capítulo III tratou dos aspectos da religiosidade presente no cotidiano de Rezadeiras e Rezadores, no qual é dado destaque a devoção a determinados santos, sobretudo a São Cosme e Damião. Discuti, ainda, a intervenção frequente dos santos protetores no cotidiano dos indivíduos, bem como frisa o momento de aliança de determinadas Rezadeiras com os mesmos. Sendo assim, pretendeu-se analisar o equilíbrio diário fornecido pelas forças de devoção estabelecidas entre as Rezadeiras e Rezadores e as diversas entidades sobrenaturais (santos, orixás, caboclos). Nesse ínterim, é concedido destaque a médium Carmelita, natural da antiga Vila de Cabeças, que, por várias décadas, zelou pela saúde coletiva, sobretudo ao incorporar a entidade do Caboclo Boiadeiro. Expedia um receituário vasto, cujas recomendações variavam entre chás, banhos energizantes ou a prática de caridade. As fontes orais concederam importante destaque a esta líder espiritual.

Dessa forma, foi notada a importância creditada à entidade do Caboclo no cotidiano de Rezadeiras e Rezadores, que não hesitaram em reconhecer suas crenças. Entretanto, quando as interrogações foram direcionadas à crença e/ou participação em determinados cultos afro-brasileiros, sinalizações de cunho negativo e minimizantes foram expostas na maioria dos casos, tendo, assim, muitos alegado ser católicos, declaração esta que *teoricamente* os impediriam de cultuar tais práticas religiosas, uma vez que as mesmas eram entendidas como *práticas diabólicas*. Apesar das ressalvas, foi percebida a presença de elementos das religiões afro-brasileiras no cotidiano desses indivíduos. Acredito serem tais resistências uma das possibilidades mais substanciais de reflexões. Por fim, foram propostas reflexões acerca das múltiplas identidades construídas e assumidas por Rezadeiras e Rezadores, sobretudo a partir da presença do imbricamento religioso e

cultural no seu cotidiano, bem como das experiências que por ora eram particulares e outras vezes compartilhadas.

## 1 SOCIABILIDADES NO MUNDO DO TRABALHO E DAS REZAS.

A cidade de Governador Mangabeira, emancipada em 14 de março de 1962, contou com a participação de diversas pessoas vindas de várias cidades do Recôncavo baiano para compor seu universo populacional. Possivelmente, o desenvolvimento da lavoura fumageira, bem como a manufatura do produto nessa região, serviu de atrativo principal para que os indivíduos migrassem para esse perímetro regional, visualizando no despontar econômico do comércio do fumo a possibilidade de melhoria de vida.

É fato que a lavoura fumageira, em contraposição à açucareira, não carecia de tantos investimentos: o fumo poderia ser produzido em menores escalas, sendo assim, a própria facilidade de acesso ao produto, bem como a simplicidade do cultivo, beneficiamento e manufatura, facilitaria a familiaridade dos agricultores para com o mesmo.<sup>30</sup>

Ainda na época em que se chamava vila de Cabeças, década de 1962, desmembrada do município de São Félix e posteriormente de Muritiba, Governador Mangabeira dava amostras da fertilidade de seu solo, responsável por cerca de 50% da produção total de fumo da cidade de Muritiba, encaminhado para a exportação rumo à Europa, através do Rio Paraguaçu que estabelecia conexão com a baía de Todos os santos.<sup>31</sup> Em paralelo à lavoura de fumo e o beneficiamento da mesma, os sujeitos históricos dessa investigação, Rezadeiras e Rezadores, freqüentavam outros espaços de trabalho, a saber, as fontes de água, nas quais habitualmente se lavavam roupas em busca da complementação da renda familiar e as plantações de mandioca, laranja, etc, lavouras de subsistência.

É sabido que as potencialidades culturais dessa região transcendem a elementos econômicos, cedendo espaço para o resguardar de diversas manifestações populares. O samba de roda, a festa de reis, o caruru em homenagem a Cosme e Damião podem servir de amostras da riqueza patrimonial desse município. As investigações históricas nesse sentido contam com a contribuição dos estudos acerca do cotidiano dos indivíduos, a fim de enxergar tais

---

<sup>30</sup> Consultar: SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Fazer Charutos: Uma Atividade Feminina*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2001.

<sup>31</sup> SILVA, Luis Carlos Borges da. *A Vila e o Coronel – Poder local na vila de Cabeças. (1930-1962)*. Monografia de Especialização. UNEB, 2004.

espaços como fruto das experiências humanas, uma vez que essas investigações ampliaram o limite de possibilidades temáticas, explorando experiências históricas de homens e mulheres que, durante séculos, foram invisibilizados.<sup>32</sup> Pensar o cotidiano requer que consideremos as experiências comuns entre os indivíduos, destacando, entretanto, as singularidades que fazem da realidade histórica algo mais instigante.<sup>33</sup>

### 1.1 “O fumo já levantou a cabeça de muita gente!”: trajetórias de vida e experiências compartilhadas.

Nascida a 15 de setembro do ano de 1910, a senhora Maria Margarida é detentora de uma rica experiência de vida. Natural do município de Laje, integrante do vale do Jequiçá,<sup>34</sup> migrou para essas terras ainda menina, quando tinha cerca de oito anos de idade. Guarda na memória a experiência migratória feita com seus familiares, em que pai, mãe e irmãos cotizaram-se em busca de melhores condições de vida. Assim, sua narrativa assinala o deslocamento de seus familiares em direção à localidade de Cabeças, num contexto econômico e social no qual as populações negras empobrecidas estavam inseridas.

Eu sou das Lages, eu sou filha das Lages, meu pai que mudou para o terreno de dona Luiza aqui no Cocão. Eu vim no cabeçote do animá do meu pai. Tá vendo eu dizer que vim no cabeçote do animá [...] Morreu pai, morreu mãe, morreu irmão, eu fiquei só e Deus muito nova, ainda moça.<sup>35</sup>

Chegando à Vila de Cabeças, a jovem Maria Margarida tratou de iniciar as atividades no mundo do trabalho, já que, apesar da pouca idade, os membros de sua família contavam com sua força braçal para a complementação das demandas

---

<sup>32</sup> MATOS, Maria Izilda de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru – SP: EDUSC, 2002. p.24.

<sup>33</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2ª Ed.rev. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 14.

<sup>34</sup> O Vale do Jequiçá localiza-se a 150 km a oeste de Salvador e como atração turística oferece várias cachoeiras, rios, morros, flora e fauna exuberantes.

<sup>35</sup> Maria Margarida Marques. Apelido Dona Maria. 100 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira. Natural da cidade de Laje, Recôncavo Sul da Bahia. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 15 de setembro de 1910.

materiais. A pequena Maria Margarida desenvolveu diversas atividades vinculadas ao universo agrário da região. Plantava, colhia, comercializava, envolvendo-se, inclusive, com a produção fumageira, aprendendo o ofício de fazer charutos, profissão esta que, *a posteriori*, contribuiu de forma decisiva para a conquista de um vínculo empregatício regular. Nessa região, o fumo representou uma grande fonte fixa de renda no período, sobretudo por não requerer dos trabalhadores grandes especializações no lidar com o produto:

Eu trabalhé em tudo! Em tudo me revirava pra ganhar o tustão pra comer, foi na roça dos outros, foi mexer mandioca, foi fazer farinha [...] o fumo mesmo foi a minha salvação [...] não tinha ninguém pra me dá nada, tá compreendendo?<sup>36</sup>

Apesar da pouca idade, a jovem Maria Margarida já possuía uma larga experiência dos afazeres no mundo do trabalho. Sentiu-se desamparada pela família, após falecimento dos seus pais. Tinha 14 anos quando se casou pela primeira vez. Teve filhos e continuou ativamente responsável pelo sustento familiar. Sobre as diversas atividades por ela desenvolvidas, um importante depoimento ajudou a elucidar a questão, depoimento este pronunciado por uma contemporânea sua:

Mulher guerreira aquela! Deixava os filhos pequenos em casa, colocava um balaio na cabeça com tudo que era fruta, verdura, tempero, batia de pé ia pra feira de Cachoeira vender banana buscando o pão para os filhos, me lembro como se fosse hoje.<sup>37</sup>

Nota-se que as mulheres pobres geralmente deveriam ter uma postura mais autônoma diante das dificuldades no dia-a-dia, uma vez que sua renda, em diversos momentos da vida, representava a maior participação no sustento familiar, sobretudo em momento de desemprego do cônjuge. Contornar as adversidades materiais era ação necessária entre essas mulheres populares em virtude da necessidade em gerir seus próprios espaços de sobrevivência. Enquanto a senhora Maria Margarida *ganhava as ruas para vender* frutas e hortaliças, percorrendo cerca

---

<sup>36</sup> Depoimento da senhora Maria Margarida Marques, Lavradora aposentada e Rezadeira. Em 26 de dezembro de 2006.

<sup>37</sup> Depoimento da senhora Aurelina dos Santos Conceição. Apelido Dona Preta. 71 anos de idade. Ex-trabalhadora dos armazéns de fumo aposentada. Natural do Município de Maracás, sertão da Bahia. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 13/03/1940. Entrevista em 06/08/2007.

de 20 km a pé (vila de Cabeças - Cachoeira), seus filhos, ainda menores, ficavam responsável por cuidar uns dos outros, aguardando a chegada da mãe em casa. De modo geral, vários relatos despontaram para situações parecidas: a vizinhança tendia a participar da educação dos filhos, pois, nem sempre, as mães poderiam se dedicar exclusivamente à vida doméstica.

Concernente à necessidade de migrar em busca de melhores alternativas de vida, a senhora Celina de Jesus<sup>38</sup> experimentou situação parecida a da senhora Maria Margarida ao se deslocar de Bonfim de Feira, atual cidade de Santo Estevão - Bahia, para fincar raízes familiares na Vila de Cabeças:

Com sete anos vim pra aqui, era dez irmãos minha filha, morreu dois pequenos. Criou oito, já morreu tudo só tem eu viva. Eu sou a sexta e depois de mim minha mãe ainda teve quatro filhos. Naquele tempo de tropeiro,<sup>39</sup> viajava aqui de lote não tinha caminhão, ele viajava aqui nos lotes, tinha os lotes pra trazer fumo, pra trazer tudo pra aqui era de animal, e ele viajava muito por aqui era conhecido daqui. Ai lá no Bonfim teve uma seca, sempre tem seca no Sertão [...] Ele disse eu vou trabalhar em Muritiba ai veio pra aqui, porque aqui era dominado por Muritiba, aqui não era cidade. Era uma [...] não tinha rua aqui não! Era uma bagaceira quando me mudei pra aqui não tinha nada aqui não. Hoje aqui ta mais do que Muritiba, mas isso aqui era uma bagaceira, só se vendo essa estrada aqui era lama e animais.<sup>40</sup>

O depoimento de Celina se caracteriza como veículo de reconstrução do contexto vivenciado, na medida em que põe em evidência um período marcado pela ausência de transportes que comumente estamos acostumados a utilizar. Nesse contexto, as estradas de rodagem, bem como os veículos automotores, eram escassos. Sendo assim, os lombos dos animais despontavam como alternativas de transporte para pessoas e mercadorias. Celina ressalta também o cenário da vila, em que a estrutura urbana, em termos de ruas, estradas, desenvolvimento econômico, de modo geral, praticamente não existia. A vila não dispunha de uma infraestrutura básica. Nesse sentido, o geógrafo Milton Santos ressaltou a

---

<sup>38</sup> Celina de Jesus Neris. Apelido Dona Celinha. 88 anos de idade. Charuteira aposentada. Rezadeira. Natural da cidade de Bonfim de Feira de Santana. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 15 de maio de 1923.

<sup>39</sup> Tropeiro é a designação dada aos condutores de tropas, assim designadas as comitivas de muares, e cavalos entre as regiões de produção e os centros consumidores, a partir do século XVII no Brasil pelos Bandeirantes. Mais ao sul do Brasil, também são conhecidos como carreteiros, pelas carretas com as quais trabalhavam. Consultar: SILVA, Luís Carlos Borges da Silva, *A Vila e o Coronel – Poder local na vila de Cabeças. (1930-1962)*. Monografia de Especialização. UNEB, 2004. p.24-25.

<sup>40</sup> Depoimento da senhora Celina. Entrevista concedida em 06 de novembro de 2006.

organização do transporte e o tráfego de mercadorias e/ou de pessoas em meados do século XX no Recôncavo baiano, apresentando evidências da precariedade do transporte nos interiores do estado:

Os meios de transportes existentes na época eram apenas o carro de bois, o lombo dos animais e as costas dos homens, além de transportes flúvio-marítimo por intermédio de barcaças. Os velhos pontos de concentração da produção passando a ficar menos bem colocados em virtude da extensão das culturas, outros aparecem em melhores condições para o exercício desse papel, sobretudo tendo em vista o transporte de água [...]<sup>41</sup>

Aqueles que geralmente trafegavam com mercadorias por entre as regiões chamavam-se tropeiro, figura esta já ressaltada na narrativa da senhora Celina, pois seu pai também sustentava a família através do ofício de tropeiro. Dessa forma, *ganhava o mundo* trafegando com mercadorias no lombo dos animais. No perímetro regional estudado, esses indivíduos foram de fundamental importância para o escoamento de produtos, possibilitando que os fardos de fumo e tantos outros itens de subsistência alcançassem o porto de Cachoeira, para que houvesse o abastecimento da capital da Bahia: Salvador e outras regiões, como, por exemplo, Minas Gerais. Há relatos, ainda, que ressaltam a existência de uma estrada que ligava as diversas regiões, passando pela vila de Cabeças até Minas Gerais, estrada esta provavelmente utilizada pelas tropas:

A estrada tinha uma importância econômica relevante para a Vila de Cabeças, uma vez que a mesma cortava o seu território em uma extensão de aproximadamente 3 KM. O tráfego de Tropeiros e viajantes era intenso, permitindo desenvolvimento de casas comerciais às margens da estrada. Isso pode ser comprovado, ainda na década de 1940, através de um anúncio de vendas em um jornal da cidade de São Félix.<sup>42</sup>

A assertiva do historiador Luís Carlos Borges da Silva possibilita visualizar a importância da localidade, uma vez que uma estrada de tal relevância cortava o território da vila de Cabeças. Comumente, as estradas que apresentam um fluxo de

---

<sup>41</sup> SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998. p.71.

<sup>42</sup> SILVA. 2004. p.29.

pessoas considerável tendiam a incentivar o desenvolvimento de seu entorno regional, valorizando, assim, o território.

Contudo, para além da ação dos tropeiros nessa localidade, é oportuno ressaltar que as histórias de migração entre os trabalhadores rurais tornaram-se comuns no Recôncavo sul da Bahia, onde famílias inteiras sentiam os efeitos das privações materiais, o que lhes obrigava a buscar estratégias para amenizá-las e garantir a sobrevivência.<sup>43</sup> Nessa região, notou-se que a década de 1930, por exemplo, foi caracterizada pela expansão do cultivo de fumo, cuja produção conseguiu alcançar 101 municípios dos 152 existentes no período. A importância da produção fumageira para a economia baiana era latente tendo incentivado, inclusive, a abertura e ampliação de várias empresas de manufaturas desse produto.<sup>44</sup>

Costa Pinto, em suas narrativas acerca do Recôncavo, ressaltou a significância do cultivo e comércio de fumo, bem como da fabricação de charutos para a população da região. As possibilidades de trabalho nas vilas e cidades estavam vinculadas à lavoura, comércio, transporte, armazenamento e o beneficiamento do fumo, o que concedia à região uma paisagem humana característica das atividades desempenhadas.<sup>45</sup>

Sendo a vila de Cabeças pertencente a Muritiba, entre as décadas de 1930 e 1950, toda a produção de fumo desse vilarejo destinava-se ao abastecimento dos armazéns muritibanos e a conseqüentes exportações. A produção de fumo na vila de Cabeças favoreceu o desenvolvimento dessa localidade, o que foi ressaltado em jornais da época, como afirma Luís Carlos Borges da Silva em suas pesquisas nos *Jornais a Defesa e Correio de São Félix*, disponíveis no Arquivo de São Félix. Segundo ele:

Com o tempo a produção de tabaco passou por grandes transformações, chegando em meados do século XIX e início do século XX, a serem instaladas várias fábricas de beneficiamento do produto, destinado a exportação para a Europa, ou até para a fabricação de charutos. A fama do produto foi tamanha que o charuto da fábrica Suerdick, localizada nas cidades de Maragogipe e

---

<sup>43</sup> Consultar: SANTANA, Charles D' Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações*, Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998.

<sup>44</sup> Consultar: SILVA. 2001.

<sup>45</sup> PINTO, L.A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana. PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998,p.123.

Cruz das Almas, foi considerado como um dos melhores do mundo.<sup>46</sup>

É no contexto de desenvolvimento econômico dessa região que se acredita ter havido um grande deslocamento de pessoas pelo Recôncavo, atraídas, sobretudo, pela possibilidade de melhorar suas condições de vida e fixar moradias nas áreas fumageiras, o que gradativamente contribuiria para o aumento populacional de certos municípios. Verificou-se que Rezadeiras e Rezadores teriam fixado moradia nessa região, principalmente entre as primeiras décadas do século XX.

O historiador Walter Fraga Filho, em seu livro *Encruzilhadas da liberdade*, além de contemplar questões relativas às primeiras décadas do século XX, analisou a trajetória de alguns descendentes de escravos e libertos no Recôncavo Baiano após a promulgação da Lei Áurea, no ano de 1888. O pesquisador concedeu diversas pistas para pensar nas principais motivações que levaram pessoas a se deslocar de localidades para se fixarem em áreas circunvizinhas:

É preciso pensar as migrações no contexto da diversidade de experiências dos libertos no pós-abolição. A decisão de migrar para outras localidades poderia estar relacionada a esperança de alargar possibilidades de sobrevivência fora dos antigos engenhos, ou de distanciar-se da autoridade dos antigos senhores. A partir dos registros cartoriais, foi possível reencontrar libertos que migraram dos engenhos para as vilas e cidades.<sup>47</sup>

É necessário pensar essas experiências migratórias como estratégias utilizadas para resistir à perversa realidade que envolvia os afro-brasileiros, pois apesar de o país experimentar o sistema de governo republicano, um ano após a promulgação da Lei Áurea, visivelmente não se notaram estratégias desse mesmo governo para inserir essa população de descendência escrava no mercado de trabalho. Ao contrário, as autoridades públicas preocupavam-se com a hipótese de esses libertos migrarem para as cidades, o que aumentaria o contingente de *marginais*.

De imediato, o *aproveitamento* da mão-de-obra dos indivíduos em destaque se deu na produção agrária, que, no caso do Recôncavo, era representada,

---

<sup>46</sup> SILVA. 2004. p.18-19

<sup>47</sup> FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p.319.

principalmente, pela atividade fumageira a qual se encarregou de empregar unanimemente as famílias de baixa renda. Segundo relatos, a vila de Cabeças cheirava a fumo, era o aroma natural da região sendo constante o fato de charutos serem expostos nas janelas das casas, evidenciando, dessa forma, o caráter caseiro de sua produção. Além disso, essa produção, representava a *moeda* da época. O agricultor e Rezador Jovino<sup>48</sup> concedeu importante depoimento sobre a questão:

Milho, feijão, mandioca! Fumo? [...] Era o que mais me dava resultado na vida era o fumo. Muito, trabalhei muito! Acho que essa modernagem bem pouco trabalhou o tanto que eu já trabalhei, já cansei de trabalhar de noite, a casa era baixa, cortava fumo de dia amarrava de madrugada acordava não tinha luz acendia o candinheiro botava assim e começava pendurando o fumo assim, eu começava pendurando o fumo a patroa me dava que era pra quando o dia amanhecer eu tomava um cafezinho e ir pro ganho. Se sinto falta? Ah! Demais, era a minha modernagem.<sup>49</sup>

Para o senhor Jovino, o cultivo do fumo representava, em termos econômicos, um instrumento bastante promissor. As negociações com o fumo possibilitou-lhe gozar de uma vida mais tranqüila na velhice, pois atribui à lavoura fumageira a possibilidade de ter conseguido pecúlio necessário para comprar as terras onde hoje reside com a família. Apesar de rememorar a juventude como tempo marcado pelo trabalho árduo, evidenciou certa satisfação de ter podido comprar sua casa com o dinheiro advindo do produto agrícola. De modo geral, todos os informantes desta pesquisa, ao rememorem o contexto em questão, frisam ser ele um período de muita pobreza, de muita labuta diária; entretanto deixam transparecer certo saudosismo.

Paralelamente às experiências migratórias ocorridas entre municípios, são também notórios relatos de moradores da zona rural da vila de Cabeças que se deslocaram para o centro da vila, visando à participação nos armazéns de fumo, que vinham se destacando no cenário econômico regional da época. Desde o ano de 1948, Cabeças se destacava pela quantidade de impostos coletados, sobretudo em virtude da produtividade alcançada pelo fumo. O primeiro coletor de impostos da vila teria sido o senhor César Pitanga, que era escrivão da coletoria de Muritiba.

---

<sup>48</sup> Jovino Bispo Frateles. 106 anos de idade. Trabalhador rural aposentado. Rezador. Natural de Aldeia – zona rural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Data de nascimento: 20 de março de 1905.

<sup>49</sup> Depoimento do senhor Jovino. Entrevista concedida em 06 de junho de 2010.

Com residência no município de Muritiba, muitas críticas foram direcionadas ao senhor César Pitanga, pois as autoridades locais envolvidas na criação do órgão acreditavam ser de fundamental importância que a coletoria de impostos funcionasse na sede da vila de Cabeças, como previsto na petição ao então secretário da fazenda Dr. Eliomar Baleeiro. Apesar das petições, a Coletoria da vila de Cabeças continuou a funcionar em Muritiba por quase 10 anos. No ano de 1959, a coletoria, enfim, foi instalada no local.<sup>50</sup>

O acontecimento aparentemente isolado contribuiu para fomentar a emancipação da vila de Cabeças, já que o real valor arrecadado na pequena localidade dava amostra das suas potencialidades econômicas, o que lhe garantia, por conseguinte, certa autonomia, sugerindo a independência política.

Num contexto próximo aos fatos descritos, por volta da década de 1960, a senhora Teka,<sup>51</sup> lavradora aposentada, natural da localidade de Queimadas, zona rural de Governador Mangabeira, chegou ao espaço urbano desse município, mas, diferentemente das senhoras Celina e Maria Margarida, não experimentou o processo migratório de um município para outro: no seu caso, o processo de migração foi interno, pois se deslocou da zona rural do município para a zona urbana. De acordo com seu depoimento, também teve de abandonar a zona rural na busca de melhores condições de vida, mas, apesar do deslocamento espacial, ainda que na cidade, continuava a desenvolver atividades ligadas a terra.

A senhora assinalou que não pôde deixar de lado o ofício de trabalhadora rural, pois possuía filhos pequenos e tinha de ajudar seu companheiro no sustento familiar. Verifica-se, nessas narrativas, que essas mulheres eram as principais responsáveis pela renda familiar; contudo as interfaces da memória tendem a ressaltar o trabalho de seus parceiros como primordiais, sendo apontados, inclusive, como os verdadeiros chefes da família. Entretanto, na prática, em tempos de desemprego, essas mulheres tendiam a gerir financeiramente o sustento de todos os membros da família.<sup>52</sup> Na cidade recém-emancipada de Governador Mangabeira, a agricultura constituía uma das poucas possibilidades de trabalho: não restava,

---

<sup>50</sup> *Jornal Folha do Norte*, nº 2765, Ano 53. 07 de julho de 1962. *Chacina que deu nome a uma localidade*. Capítulo XI e XII, p.03. Disponível no Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

<sup>51</sup> Depoimento da Maria Custódia Cerqueira da Silva. Apelido Dona Teka. 76 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira. Natural de Queimadas, zona rural do Município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 24 de julho de 1934.

<sup>52</sup> Reflexões baseadas em informações emitidas pelas Rezadeiras.

portanto, alternativa para a população empobrecida, senão continuar com a *labuta na terra*: “Trabalhê na enxada, na roça, na lavora. É torrar farinha, plantár mandioca, só num trabalhei nos armazém de fumo. Minha filha sim, mas eu não!”<sup>53</sup>

Do mesmo modo, a senhora Neném,<sup>54</sup> lavradora aposentada, demonstra uma grande familiaridade com o mundo rural e, ainda hoje, apesar de seus 77 anos, possui sua *porção* de coisas plantadas. Também nascida na zona rural do município de Governador Mangabeira, passou a residir na cidade após se casar com o senhor Ovídio. De acordo com seu depoimento, freqüentava a vila de Cabeças, mas só passou a morar nessa localidade após a emancipação política em 1962.

Atividades complementares, bem como a execução de diversos ofícios, eram recorrentes entre homens e mulheres, sobretudo em virtude das baixíssimas remunerações. Geralmente, as mulheres ocupavam-se em trabalhos que permitissem conciliar o trabalho desempenhado fora de casa com o zelo familiar, uma vez que todas elas possuíam filhos e/ou criaram sobrinhos, além de ajudarem familiares de modo geral. Nesse sentido, entre as principais atividades desenvolvidas, além do trabalho na lavoura por ora descrito, destacava-se a lavagem de roupa de ganho.

## 1.2 “Já ganhei muito dinheiro naquela fonte!”: Fonte das Cabeças e a lavagem de roupas de ganho.

Falar da história da vila de Cabeças, sem destacar a existência e importância da Fonte das Cabeças, seria deixar de lado um importante espaço de sociabilidades, lazer e do trabalho dos habitantes dessa região. Há quem acredite que a Fonte das Cabeças, assim como a vila de Cabeças teria herdado esse nome em virtude de assassinatos em série ocorrido em século anterior. A origem do nome teria rendido matéria especial no jornal *Folha do norte*, do município de Feira de Santana no ano de 1962.

---

<sup>53</sup> Depoimento da senhora Teka. Entrevista concedida em 29/04/2007.

<sup>54</sup> Francisca Santos Oliveira. Apelido Dona Neném. 77 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira. Natural de Laranjeiras, zona rural do Município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 08 de fevereiro de 1934.

O ex-vereador e correspondente do jornal Antônio Pereira de Mota Júnior, natural da localidade de Outeiro Redondo – São Félix, construiu uma narrativa acerca do fato, cuja reportagem intitulava-se: *Chacina que deu nome a localidade*, organizada em dozes capítulos, publicada em sete números do jornal *Folha do Norte*. Na matéria do periódico, destaca-se a versão de Antônio Pereira no que, em sua opinião, teria contribuído para o surgimento da localidade, bem como a nome herdado:

Era, então esta região rara habitação e múltiplos perigos, quando os raios de certa manhã, ao levantar o manto da noite que findava, chocaram-se e estremeceram-se de espanto ao descobrir os olhos esbugalhados, das cabeças humanas enfiadas em pontas de estacas! Era o banditismo em ação! Era a época do bacamarte traiçoeiro! Era a época das chacinas por encomendas! Ai mesmo, ao lado, no leito da via pública, jaziam os corpos decapitados. O trecho, local, não tinha, até então, segundo parece, nenhuma denominação, visto que, o escabroso acontecimento figurara aos olhares assustados dos transeuntes às pontas das estacas dando o nome daqueles cofres de pensamento, ali trancados para eternidade, pelo chumbo quente, como legado, até o dia 14 de março de 1962.<sup>55</sup>

Nota-se a referência do senhor Antônio Pereira a uma época de banditismo que assolava os interiores, de modo geral, havendo a necessidade de medidas drásticas que viessem a repercutir e intimidar baderneiros que por ali passavam e/ou viviam. O acontecimento descrito sinaliza para uma possível chacina ocorrida na região em que as cabeças das vítimas teriam sido decapitadas, ao tempo em que ficado à amostra na estrada para servir de exemplo para aqueles que pensassem em continuar com práticas criminosas na localidade.

Nesse contexto, a vila de Cabeças teria surgido principalmente em virtude do fluxo de pessoas que transitavam na região; mas, *a priori*, não chegavam a fixar moradia, em virtude da violência do local. Ao que parece a chacina ocorrida e as possíveis sonâncias do acontecimento serviram para frear ações futuras de desordem, implicando na fixação de pessoas na localidade. Assim, tanto a vila quanto a fonte foram batizadas de *Cabeças*. A partir daí a história da localidade começou a tomar corpo.

Como já mencionado, após surgimento da vila a região ficou conhecida pelo despontar da produção fumageira. Paralelamente ao desenvolvimento do fumo na

---

<sup>55</sup> Folha do norte, n° 2758, Ano 53. 19 de maio de 1962. *Chacina que deu nome a uma localidade*, p.03. Disponível no Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

região, nota-se a necessidade do fornecimento de água para a organização de uma vila, cidade ou região de modo geral. A partir da água e seu escoamento existe a possibilidade habitacional dos indivíduos. Água para beber, lavar e, principalmente, produzir o alimento. Nesse contexto, pode-se atribuir importância incondicional as fontes de água da vila, sobretudo a Fonte das Cabeças. Esta, em décadas anteriores, foi a principal responsável em fornecer água para toda a vila, bem como possibilitou o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ofício de lavagem de roupas entre muitas mulheres.

As mulheres lavadeiras utilizavam *as grossas águas da fonte*<sup>56</sup> como nítida possibilidade de um ganho orçamentário, uma vez que comumente no cenário cotidiano os arredores da fonte eram frequentados por elas que colocam em vigor o ofício. Nesse sentido, o ofício da lavagem de roupa de ganho, em alguns casos, esteve presente na vida dessas mulheres num período anterior ao do aprendizado da benzeção, uma vez que desde crianças era rotineiro acompanharem familiares e vizinhos até as fontes da cidade.

Conforme já destacado, lavar roupas representava um complemento na renda familiar. Algumas mulheres das camadas populares da vila de Cabeças exerciam o ofício de lavadeira, desempenhando um papel ativo no seio familiar. A atitude pode ser elencada como uma possível reação populacional diante das demandas empregatícias da região, já que possibilitou contrariar as condições adversas da pobreza, superando, dessa forma, as dificuldades econômicas.

A senhora Neném, ao rememorar parte de sua labuta diária, afirma:

Eu batia de mão divina pra vim trabalhar no armazém aqui, olha! Quatro horas da manhã eu tava acordada botava um aimpim, um fruta pão ou um inhame no fogo ia pra fonte, tomava banho quando chegava tava cozido [...] Eu chamava a turma deixava lá chegava de tarde, de noite de novo e quando eu morava em Chilinha! Eu trabalhava no armazém, lavava roupa de dona Nivia, de Dr. Altino, de Licinha, de dona Mira, dona Gracinha de dona Nair quando eu vinha do armazém trazia uma trouxa de roupa e lavava na cisterna botava sabão e deixava lá 4 horas eu acordava pra trocar [...] O galo cantava e eu passando roupa [...] O que?<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> A expressão supracitada é recorrente nas falas das entrevistadas. Ao que parece ressaltam as potencialidades da fonte de água, talvez, com o intuito de evidenciar um contraponto com a atualidade e o fornecimento da água encanada.

<sup>57</sup> Depoimento da senhora Neném. Entrevista concedida em 26 de abril de 2007.

Trabalhar era necessário uma vez que seria através do trabalho que essas mulheres conseguiriam criar seus filhos. A Fonte das Cabeças, subjetivamente descrita como o espaço de lavagem de roupa de ganho, representou a extensão das demandas cotidianas da senhora Neném e de tantas outras mulheres, visto que as atividades do dia-a-dia compreendiam desde o zelo pela família à execução da lavagem de roupas como medida de higiene doméstica e/ou um ofício remunerado. Nota-se que as fontes de lavagem de roupa eram uma extensão das diversas atividades cotidianas executadas.

Relatos como o da senhora Neném foram frequentes entre os sujeitos sociais protagonistas dessa investigação histórica; excetuando-se os Rezadores homens aqui identificados, uma vez que lavar roupas, visando, principalmente, ao ganho financeiro que complementaria a renda familiar era uma exclusividade feminina. Obviamente, nas memórias dos senhores Zeca,<sup>58</sup> Dorico<sup>59</sup> e Jovino<sup>60</sup> saltaram depoimentos fazendo menção as suas respectivas esposas na utilização da Fonte das Cabeças, tanto para lavagem de roupas como para o banho rotineiro, denunciando a realidade de uma vila que não dispunha de água encanada. Sobre tal realidade, o senhor Aduino João Mamona, ex-prefeito do município em dois mandatos, entre as décadas de 1971 a 1973 e 1977 a 1981, concluiu: “A primeira rede de abastecimento da água encanada chegou em 1964. Mesmo assim, muitas pessoas ainda se serviam da água da fonte.”<sup>61</sup>

De acordo com a fonte memorialista da senhora Angelita Gesteira,<sup>62</sup> as fontes de água do município, como a Fonte das Cabeças, a mais importante, bem como as cisternas domésticas eram responsáveis por abastecer a cidade. As instalações de água encanada tornaram-se realidade no município de Governador Mangabeira por volta de 1964, como supracitado. Ainda assim, a falta de água era

---

<sup>58</sup> José Pacheco Alves, Apelido: Seu Zeca. 94 anos de idade. Lavrador aposentado. Ex- Rezador, natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças – zona rural. Atualmente reside no mesmo município. Data de nascimento: 31 de março de 1917. Entrevista em 11 de fevereiro de 2010.

<sup>59</sup> Malaquias dos Santos. Apelido: Seu Dórico. 61 anos de idade. Lavrador aposentado, Rezador. Natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças – zona rural. Atualmente reside no mesmo município. Data de nascimento: 14 de dezembro de 1949. Entrevista em 11 de fevereiro de 2010.

<sup>60</sup> Depoimento do senhor Jovino, já citado.

<sup>61</sup> *Jornal A tarde*, nº 33.387, Ano 98. 05 de setembro de 2010. *Governador Mangabeira resgata fonte ligada à fundação da cidade*, p.A13. Disponível no acervo do citado jornal.

<sup>62</sup> A senhora Angelita Gesteira foi uma das primeiras professoras da Vila de Cabeças, nascida numa das famílias mais nobre da Vila gozava de grande respaldo social no município.

uma constante, o que manteve a recorrência à Fonte das Cabeças<sup>63</sup> por grande parte da população. De acordo com os depoimentos, na década de 1990, a fonte ainda não estava deteriorada, muito menos existia a contaminação de seus lençóis freáticos, comprometidos atualmente em virtude do aumento populacional e conseqüente construção de residências e fossas no seu entorno. A preservação desse referencial histórico cultural do município de Governador Mangabeira encontra-se, pois, bastante ameaçado. Assim, as dificuldades com o abastecimento de água contribuía de forma decisiva para o freqüentar constante dos indivíduos à fonte. Não podemos perder de vista que lavar roupas é atividade essencial em qualquer residência, independentemente da classe social a que o indivíduo pertence. As famílias com maior poder aquisitivo, por exemplo, recorreriam frequentemente aos serviços das lavadeiras. A senhora Lurdes<sup>64</sup> descreveu com ênfase o contexto em que havia a solicitação das famílias abastadas pela lavagem de roupas por lavadeiras que atuavam na referida fonte.

Já ganhei muito dinheiro naquela fonte, era só vim do armazém batia com uma trouxa de roupa na cabeça pra lavar. Era de Telinho, de seu Valter, dona Júlia. Ave Maria a água era grossa só se vendo. Limpinha! Era uma beleza. Eu que não vou lá agora! a água ta podre!<sup>65</sup>

Experiências como estas foram recorrentes na vida dessas mulheres. Lavar roupas representou para muitas, além de uma atividade de complementação de renda familiar, um espaço de grande sociabilidade na mescla entre trabalho, amizades e lazer. Entre outros relatos, as depoentes narraram a prática de levar seus filhos para a fonte, a atitude que possui diversas conotações, para além do simples acompanhamento dos filhos que seguem suas mães para o trabalho, uma vez que a situação não permitia alternativa. Esse fato representava, por exemplo, um momento inicial de aprendizado do ofício de lavar roupas, sobretudo por parte das filhas. Enquanto muitas mães lavavam roupas dos fregueses, as filhas mais

---

<sup>63</sup> FONSECA, Angelita Gesteira. *Primórdios e Progressos de Governador Mangabeira*. Governador Mangabeira, [s.n]. 2000. p. 73-74.

<sup>64</sup> Maria de Lurdes Santana. Apelido Dona Lurdes. 69 anos de idade. Lavradora, trabalhadora dos armazéns aposentada. Rezadeira, Natural do município de Cruz das Almas – zona rural. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 26 de março de 1942.

<sup>65</sup> Depoimento da senhora Maria de Lurdes. Entrevista concedida em 12 de março de 2011.

velhas davam conta das roupas da família, evidenciando, assim, uma prática de transmissão das técnicas da lavagem para as gerações seguintes.<sup>66</sup>

Quando focado o aspecto do lazer, as cinco bicas da fonte proporcionavam aos moradores da cidade banhar-se das águas em dias muito quentes, ademais era comum diversos indivíduos incorporarem à rotina diária o banho matinal na Fonte das Cabeças.

Nota-se, ainda, que, paralelamente à transição da vila de Cabeças para a cidade de Governador Mangabeira, a fonte serviu para caracterizar o perímetro geográfico. Nas memórias em questão, a fonte pode ser caracterizada como o espaço do trabalho para muitas que conseguiam conciliar a lavagem de roupa de ganho com outros ofícios, bem como utilizava as suas *grossas* águas para a higienização da família. Muitas famílias se encontravam e confraternizavam nesse espaço de trabalho diário, estabelecendo duradouros vínculos identitários e de amizade. Veja o que nos circunstanciou a senhora Celina: “Na fonte e no armazém encontrei amizades boas, tua vó mesmo. Todo mundo me adota nessa vida. Era uma ajudando a outra sempre.”<sup>67</sup>

Notam-se os vínculos de amizade sinalizados pela depoente, já que, no próprio espaço de trabalho, estabeleceu relações sólidas de convivências. Em outras passagens da narrativa, a senhora Celina destaca que, comumente, se trocavam alimentos entre as lavadeiras, - bem como havia, nos escassos momentos de descanso, a socialização de técnicas de lavagens para com as mais novas no ofício, representando uma teia de solidariedade entre a classe trabalhadora em destaque.

Ainda no que concerne à importância da Fonte das Cabeças aos munícipes da cidade, a senhora Neci aponta que:

---

<sup>66</sup> Sobre o cotidiano vivido por lavadeiras de roupas consultar: BÁRBARA, Reginilde Rodrigues Santana. *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007.

<sup>67</sup> Depoimento da senhora Celina, já citado.

Essa fonte das Cabeças mesmo muita gente pra ir pra o Bonsucesso passava por ali, Quantas pessoas criou filhos, lavando ali roupas, a água ali era grossa daquela fonte só se via ali de noite o barulho da água na bica daquela fonte. Roupa eu não cheguei a lavar, mas freqüentava muito, tomava banho ali, dia de domingo no sol porque aqui não tinha praia, quantas pessoas ia pra ali tomar banho de short, shortinho bem curto com aquelas blusinhas, a gente ficava sentado ali [...]depois Telinho deu uma limpada boa, deu um piso de vassoura, a gente chegava ali, sentava né! Tomava um solzinho, fazendo ali de praia [sorrir]!<sup>68</sup>

As diversas memórias daqueles que vivenciaram o contexto possibilita visualizar a Fonte das Cabeças como rota obrigatória para aqueles que buscavam também um entretenimento na cidade. As águas refrescantes saídas das bicas serviram para amenizar os calorosos dias de sol da cidade. Atividades como a produção fumageira, manufatura do produto, bem como o cultivo de outros produtos agrícolas, associado também a lavagem de roupa de ganho na antiga Fonte das Cabeças denunciam um contexto e rotinas de uma população que primava em elaborar estratégias de driblar as privações econômicas.

O cotidiano desses indivíduos era permeado, sobretudo, pelo sentimento angustiante de se manterem vivos, nesse sentido, para além das atividades no universo do trabalho desponta também o zelo com o corpo individual e da comunidade, à medida que as *tradicionais* práticas de cura representavam um louvável recurso de resguardar o corpo das mazelas que assolavam as populações do Recôncavo.

### 1.3 “ Têm alguém que reza de olhado ai! ”: as práticas de cura.

A fitoterapia compreende a utilização das plantas, raízes, cascas, folhas, sementes, que associadas às benzeções, visa restabelecer o equilíbrio orgânico dos indivíduos acometidos por alguma enfermidade.<sup>69</sup> Desse modo, as benzeções se apresentam, nesse arsenal medicinal, como importante veículo condutor dos indivíduos à saúde, uma vez que o conjunto de técnicas, rezas, orações e gestos associados à fé dos executores das benzeções e daquele que as recebe, contribui

<sup>68</sup> Depoimento da senhora Neci. Entrevista concedida em 11/05/2010. Grifo nosso.

<sup>69</sup> ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina rústica*. 3º Ed. São Paulo: Nacional, 1979. p.113-114.

para extirpar as doenças do corpo, ou seja, a descrição corresponde as práticas de cura.

Sendo assim, ao refletir em torno das principais atividades desenvolvidas por Rezadeiras e Rezadores, nota-se o paralelismo existente entre o mundo do trabalho e as práticas curativas. Dificilmente poderíamos pensar no universo mágico das benzeções dissociando tais práticas curativas da labuta diária desses sujeitos. Constantemente, segmentos populacionais acometidos pelas más influências dos *ares*, recorriam às benzeções mesmo no espaço do trabalho. Essas narrativas oportunizam evidenciar como as práticas curativas no século XX estavam presentes no entorno populacional.

No cenário de lavagem de roupas na Fonte das Cabeças, segundo depoimentos, era freqüente a recorrência aos serviços de Rezadeiras, uma vez que muitas crianças, jovens e as próprias lavadeiras careciam de serem rezadas, a fim de extirpar o quebranto, mau olhado e tantas outras mazelas que assolavam os indivíduos no período; nos armazéns de fumo, aconteciam situações parecidas: diversas pessoas eram acometidas por espilhela caída, em virtude do peso excessivo que às vezes eram obrigadas a carregar, tornando-se necessária a intervenção das benzeções. Em matéria publicada no jornal *Folha do norte*, já se nota certa atenção para o contexto das doenças que assolavam os habitantes da vila de Cabeça: malária e verminose causavam obituários constantes.

O obituário era calamitoso! Os cemitérios precisavam, quase sempre, de mais espaço, em virtude do obituário, assustador, em crescimento. A mortalidade infantil, causava profunda tristeza! Os camponeses, além de envoltar no capotão negro do analfabetismo; viviam em grande parte, atacados de amarelão. A verminose invadia os lares e dezimava as famílias. A pobreza era imensa! O desprezo por parte do poder público, era a causa da maior desgraça!<sup>70</sup>

Rezadeiras e Rezadores comumente tinham um vasto receituário de garrafadas para dizimar a verminose, como batidas de aroeira, mastruz e outras ervas em conservas, todas utilizadas como verdadeiros purgantes na tentativa de eliminar os parasitas hospedeiros. Não havia a facilidade e a distribuição de medicamentos como na atualidade. O primeiro posto de saúde do município de

---

<sup>70</sup> *Jornal Folha do Norte*, nº 2765, Ano 53. 23 de junho de 1962. *Chacina que deu nome a uma localidade*. Capítulo IX e X, p.03. Disponível no Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

Muritiba foi erguido por volta do ano de 1945. Em 1946 o baiano Dr. Clemente Mariani ocupava o ministério da Educação e Saúde contribuindo de forma decisiva para a criação deste. A realidade da medicina institucionalizada no Recôncavo sul baiano não era promissora: os serviços médicos, além de escassos, custavam caros, necessitando, inclusive, de deslocamento dos indivíduos para as cidades circunvizinhas em busca de atendimento. A necessidade de deslocamento inviabilizava, na maioria das vezes, os integrantes das camadas populares pleitearem ao menos uma vaga de atendimento, pois implicaria na interrupção da rotina cotidiana, sobretudo no trabalho e os possíveis cortes no orçamento familiar.

Assim, a existência das práticas curativas alternativas, a saber, das benzeções foram de fundamental importância para os indivíduos no contexto investigado, pois, apesar das iniciativas governamentais em estimular a propagação dos profissionais da saúde, por diversos motivos,<sup>71</sup> não houve uma homogeneização dos serviços, bem como receptividade e acesso da população, que, por vezes, também não foram uniformes.

Ainda no que concerne às práticas curativas e sua importância no contexto em destaque, padre José,<sup>72</sup> pároco da igreja em Muritiba e que durante a década de 1970 foi responsável em ministrar as missas na comunidade de Governador Mangabeira, emitiu sua opinião acerca da importância e eficácia das benzeções, inserindo-as numa manifestação de fé pertinente e necessária para levar tranqüilidade física e espiritual àqueles que delas precisam. Nesse sentido, aponta suas impressões acerca das benzeções:

Eu digo sempre na roça, nas comunidades rurais, que algumas vezes que eu chego em casa abrindo a boca, eu digo tem alguém que reza de olhado ai? Tem [...] então venha me rezar, ai o pessoal fica meio assustado ai eu vou explicando [...] olhe: *o olhado é o poder negativo do olho da pessoa*, a psicologia explica muito bem isso, o olhado não é feitiço é um poder que a pessoa tem no olhar e algumas vezes esse poder pode ser negativo sobre a gente, ele causa um mal estar é muito diferente, vou dar um exemplo, se você chega numa casa pega uma senhora de idade ela diz: Deus te acompanhe! Deus te leve! Deus te guie! Você se sente protegido, aliviado, se você chega numa pessoa ahh! O diabo que te carregue, vai com o cão, ai você sai preocupado com isso, angustiado né! É o

---

<sup>71</sup> Sobre a temática o próximo capítulo II discutirá com mais ênfase.

<sup>72</sup> José Oliveira Santos. Apelido: Padre José. 64 anos de idade. Padre em exercício da profissão. Natural do município de Miguel Calmon – Bahia. Atualmente reside no município de Muritiba. Data de nascimento: 21 de fevereiro de 1947.

poder da palavra, a palavra tem um poder muito grande e o olho também tem o poder penetrante muito grande nas pessoas [...] <sup>73</sup>

Ainda num contexto conturbado do ponto de vista religioso, o fato de um padre se utilizar dos serviços de uma Rezadeira, acreditando na eficácia de suas práticas culturais, é algo significativo, pois nos possibilita visualizar a ação como o reconhecimento do poder curativo dessas mulheres envoltas num aspecto de religiosidade leiga e condenada por alguns seguimentos das igrejas católicas mais tradicionais. O padre José, além de se valer da benzeção, ainda recomendava para as pessoas em que ele visualizava a mazela do mau olhado e tantas outras enfermidades, atestando, assim, a eficácia das palavras santas daquelas que as proferiam.

A descrição feita pelo padre referenciando o tido como *olho gordo* é significativo, sobretudo por ratificar uma assertiva frequente entre Rezadeiras e Rezadores: destacam que o nascimento do *mau agouro*, do *mau olhado* e das indisposições individuais têm sua gênese na cobiçadas coisas alheias, ou seja, o que mais atrapalharia a vida e desenvolvimento dos sujeitos seria o sentimento de *inveja*.

Nesse sentido, continuou o padre José a emitir sua opinião acerca do universo curativo das Rezadeiras:

Mas, eu achava interessante também, agora a oração sempre faz bem, onde estar o nome de Deus. O próprio Jesus [...] quando mandava os apóstolos ele dizia: os apóstolos teriam que por as mãos nos doentes e eles ficavam curados, a questão da fé, quem não tem fé, não tem oração que tenha sentido nenhum. Aliás, não tem nada sem sentido, eu gosto muito, eu respeito muito, essas manifestações de fé no Recôncavo eu convivo a vida toda com elas, respeito, tenho meu ponto de vista como padre, no caso dessas Rezadeiras elas são ótimas são excelentes e tem uma fé imensa, elas rezam realmente colocam o nome de Deus naquilo que faz eu acho uma maravilha isso, precisaria ser estudado né! Naquela época alguém ter estudado, ter escrito alguma coisa porque ta passando, você não acha mais, a vó rezava de olhado, a filha entende um pouco, mas não sabe mais a neta nem ta ai! E essas coisas vão morrendo, essas coisas vão morrendo [...] <sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Depoimento do padre José. Entrevista concedida em 03/06/2010. Grifo nosso.

<sup>74</sup> Depoimento do padre José, já citado.

O depoimento tende a legitimar o envolvimento religioso das Rezadeiras que conseguem conduzir os indivíduos à cura através do conhecimento das ervas associados à fé, reconhecida pelo pároco José que vivenciou o contexto histórico do município. Responsável por celebrar missas na cidade, conseguia atender as necessidades espirituais e religiosas da sede municipal, bem como realizar celebrações na zona rural. O padre José foi enfático ao ressaltar os ares religiosos dessa região: ao conceder notoriedade às Rezadeiras, tende a atribuir respaldo à prática de cura dessas mulheres, que acabam sendo visibilizadas para além dos membros da comunidade. Demonstra preocupação em assegurar as práticas religiosas das Rezadeiras para a posterioridade, atentando para o descaso geracional para com esses elementos da tradição do *Recôncavo*.

Em vista dos aspectos sinalizados, nota-se que pensar Rezadeiras e Rezadores como indivíduos integrantes do Recôncavo permite refletir em torno de práticas culturais recorrentes nesse espaço territorial, um laboratório de experiências humanas. Devemos considerar que esses sujeitos são provenientes de um contexto mais amplo, no qual se estabelecem relações sociais e culturais, ou seja, o cotidiano é permeado, sobretudo, pela necessidade do trabalho. Rezadeiras e Rezadores não possuem exclusividade no ofício da benzeção, paralelamente a tais práticas culturais, destacam-se diversas atividades no dia a dia. Nesse primeiro capítulo, pretendeu-se apresentar um panorama sócio-cultural desses sujeitos históricos, uma vez que ficou patente que não nasceram Rezadores e Rezadeiras, mas o tornaram-se. As motivações que os levaram ao ofício de Rezadeiras/Rezadores serão foco do próximo capítulo.

## 2 INSERÇÃO NO UNIVERSO DAS REZAS

Pensar o Recôncavo sul baiano pelo viés cultural nos conduz a identificar elementos múltiplos das vivências de sua população. Nessa perspectiva, vem à tona um emaranhado de crenças, tradições e valores provenientes das concepções cosmogônicas de negro/as, índios/as e europeus/ias.<sup>75</sup> Assim, surgiram inquietações referentes à como se deu o processo de iniciação de Rezadeiras e Rezadores no ofício da benzeção e/ou o processo de aprendizagem do ofício.

As fontes orais possibilitaram conceber duas formas principais de inserção desses sujeitos históricos no universo das benzeções. A primeira, vinculada a observações das práticas de cura feitas desde a infância possibilitando a familiaridade com o universo mágico da benzeção. Contudo, é válido ressaltar que as observações feitas contribuíram também para o acúmulo de experiências necessárias entre os benzedores para lidar com as doenças, uma vez que passaram a conhecer e se familiarizar com ervas, raízes e as próprias palavras mágicas capazes de restabelecer o equilíbrio orgânico e espiritual dos indivíduos; a segunda forma de inserção, está vinculada a uma espécie de revelação divina de um *dom*: tornar-se Rezadeira e/ou Rezador, nessa perspectiva, estaria associado ao desfalecimento orgânico do benzedor, ou seja, o mesmo sendo acometida por uma doença. Nesse caso, o dom tende a ser revelado em virtude da doença que perturba a harmonia do corpo do indivíduo, causando-lhe a desordem.<sup>76</sup>

Mediante os sujeitos históricos desta pesquisa, é possível pensar na importância que a oralidade desempenha nessas transmissões de saberes. Além disso, ao considerar a importância da oralidade entre Rezadeiras e Rezadores, é possível estabelecer um paralelo com o legado de elementos das diversas práticas culturais existentes nas benzeções e tão presentes na atual cidade de Governador Mangabeira.

---

<sup>75</sup> SANTOS, Denílson Lessa dos. *Nas encruzilhadas da cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas*. Santo Antônio de Jesus, Recôncavo Sul - Bahia (1940-1980). Dissertação de Mestrado. Bahia. UFBA, 2005.

<sup>76</sup> Consultar: MONTERO, Paula. *Da doença à desordem. A magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

## 2.1 “Não aprendi a rezar com ninguém, aprendi mesmo foi com meu destino!”: o aprendizado do ofício.

A benzeção, assim como outras *tradições*, pensada pelo viés da cultura afro-brasileira e/ou africana está intimamente ligada a palavra *falada*. Na fala estaria a maior possibilidade de preservá-las. A tradição oral é entendida como grande responsável por imortalizar ensinamentos milenares, garantindo sua propagação para a posterioridade.<sup>77</sup>

Entre Rezadeiras e Rezadores, o domínio da palavra e a importância que esta desempenha ao extirpar as mazelas do corpo e do espírito é algo significativo. Quando interrogados acerca de como e quando começaram a rezar, foram incisivos ao destacar como as experiências cotidianas, sobretudo o contato com benzedores mais velhos, possibilitou o aprendizado da benzeção.

Nesse sentido, a Rezadeira Ciliria<sup>78</sup> recordou com bastante ênfase o período de aprendizado do ofício:

Eu comecei a rezar desde pequena. Lá na terra onde eu morava rezava todo mundo. Porque eu via minha mãe rezar, com as palavras que minha mãe rezava eu ficava escutando. O povo saia eu panhava o ramo que ela rezava olha, ela ficava assim de mão no queixo, olha! Aprendia tudo, aprendi a rezar! Até minha patroa Carmelita quando ela ia pra Salvador quando ela vinha, oh! Minha velha quero que tu me reze de olhado. Eu panhava o ramo, rezava ela quando eu voltava ela dizia: Oh! Minha velha já comi o mingau graças a Deus! Me reza três dias, eu dizia ta bom.<sup>79</sup>

As observações oportunizadas pela mãe Rezadeira favoreceram a familiaridade da senhora Ciliria com a benzeção. O encantamento de poder conduzir os indivíduos à cura parece ter seduzido a pequena Ciliria a adentrar nesse universo cultural. Dessa maneira, a compreensão do universo mágico religioso presente nas benzeções requer que tenhamos a sensibilidade de pensar tais práticas culturais atreladas ao seu principal veículo de propagação: a oralidade. A fala possui dupla funcionalidade nas benzeções, na qual pode ser referenciada como metodologia

<sup>77</sup> HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (coord). História Geral da África. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática, 1982. V I.

<sup>78</sup> Maria Ciliria da Silva. Apelido: Dona Ciliria. 90 anos de idade. Trabalhadora rural aposentada. Rezadeira. Natural do município de Bonfim de Feira. Atualmente reside no município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 05 de junho de 1920.

<sup>79</sup> Depoimento da senhora Ciliria. Entrevista concedida em 11 de abril de 2010.

necessária para compreender as práticas de cura, bem como principal responsável em resguardar receituários e benzeções para as gerações futuras, pois assegura sua propagação.

Nesse sentido, ainda no que concerne ao aprendizado do ofício da benzeção mediante observações aprendidas desde a infância, e a importância da fala nessas transmissões de saberes a Rezadeira Francisca, apelidada de Neném, afirmou:

Eu tava com 20 anos quando aprendi a rezar. Quando ia num lugar, as vezes o povo ia e rezava [...] e eu colocava aquilo na cabeça, outro rezava, eu botava aquilo na cabeça. Se eu soubesse ler tinha um papel na mão [...] A pessoa rezando e eu ouvindo, aquilo entrou na minha cabeça.<sup>80</sup>

O depoimento supracitado ilustra a discussão referente à importância da fala nas transmissões de saberes. Ressalta a memorização feita pela senhora Neném fruto das observações das rezas. Nota-se que a familiaridade com o ofício da benzeção contribuiu para o despertar do interesse da senhora desse mundo curativo.

Do mesmo modo, a Rezadeira Maria Custódia,<sup>81</sup> conhecida como Teka, relatou sua experiência quanto ao aprendizado do ofício ressaltando a importância que as *mulheres da roça* tiveram nesse processo. Na sua fala, frisou que o aprendizado da benzeção foi uma aquisição feita ainda quando morava na zona rural da Vila de Cabeças, que, a partir do ano de 1962, passaria a ser o município de Governador Mangabeira.

O aprendizado da benzeção através da memorização das palavras mágicas também pode ser entendido como uma das diversas estratégias da população empobrecida para resguardar bens simbólicos concernentes a uma longa tradição. Mesmo não podendo contar com a escrita como forma de registrar tais práticas de cura, essas mulheres memorizavam rezas, receituários e funcionalidade das ervas, garantindo as gerações posteriores o acesso a essas práticas culturais.

A outra categoria de iniciação entre Rezadeiras e Rezadores, mencionada em parágrafos anteriores, trata da experiência com o sobrenatural, ou seja, nessa modalidade, o/a aprendiz credita o aprendizado do ofício a forças divinas, conduzidas por anjos e/ou guias. Desse modo, na aprendizagem mística, os

---

<sup>80</sup> Depoimento da senhora Neném. Entrevista concedida em 26 de abril de 2007.

<sup>81</sup> Depoimento da senhora Teka, já citado.

conhecimentos de orações, chás, medicamentos, em geral, são atribuídos à inspiração de entidades sobrenaturais.

Este foi o caso da senhora Aumerinda,<sup>82</sup> vulgo, dona Merú, que, apesar de ser filha de uma Rezadeira, credita a familiaridade com a benzeção ao dom divino, para além de ter podido contar como aliadas às observações feitas nas benzeções de sua mãe, a senhora Maria Margarida.<sup>83</sup> A senhora Merú nos circunstanciou:

Não aprendi a rezar com ninguém. Aprendi mesmo com o meu destino, desde sete anos de idade. Eu descobri meu dom com pessoas doentes, feridas e as pessoas na casa que eu fui criada. Tinha duas pessoas de ferida, tudo trabalhando junto de uma fonte, ai eu dei pra pegar folha e fazer, ralava as folhas e vinha curar, ai as pessoas sararam a ferida. Pronto! Continuo sempre assim, as pessoas vinham e me pediam: Me benza que você vai me sarar. Ai eu vinha fazendo aquilo e dando certo e então eu tô agora com sessenta. Vou fazer 60 anos, só termino quando Deus mandar me chamar.<sup>84</sup>

As Rezadeiras iniciadas na benzeção mediante experiências com o mundo sobrenatural, como no caso da senhora Merú, ainda hoje, para além da *benzedura tradicional*, geralmente possuem um espaço dentro de suas próprias residências destinadas a fazer consultas com espíritos protetores e guias. A senhora Merú, além de Rezadeira, diz ser curandeira e, através da mediunidade, atende pessoas em sua casa, fazendo-lhes recomendações espirituais.

Apesar de essa modalidade de aprendizado acontecer com base em fatores sobrenaturais, a observação também desempenha função importante, pois o próprio conhecimento das ervas e suas funcionalidades foram adquiridos em virtude de experimentações e observações feitas desde a infância.

Nesse sentido, a Rezadeira Joselita,<sup>85</sup> apelidada de Diu, também contribuiu para a reflexão sobre o assunto:

---

<sup>82</sup> Aumerinda Conceição Rodrigues. Apelido Dona Merú. 64 anos de idade. Lavradora charuteira aposentada. Rezadeira. Natural do Município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças – zona rural. Atualmente reside nesse mesmo município. Data de nascimento: 20 de julho de 1946.

<sup>83</sup> Depoimento da senhora Maria Margarida Marques. Concedido em 11 de março de 2007.

<sup>84</sup> Depoimento da senhora Merú. Entrevista concedida em 11 de julho de 2007.

<sup>85</sup> Joselita Rodrigues dos Reis. Apelido Dona Diu. 72 anos de idade. Merendeira aposentada. Rezadeira e lalorixá. Natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Data de nascimento: 18 de março de 1939.

Foi doença, quando comecei a passar mal em casa, não saía, desmaiava! me levava pra o médico, naquela época não tinha médico aqui. Era em Cruz das Almas, doutor Orlando. Doença, doença não dava nada então mandava voltar pra casa. Tinha festa na casa da finada Tatá ai papai não queria conta com esse pessoal com negócio de Candomblé, ai eu ia escondido, quando chegava caía no pau, quer dizer eu fui por doença depois cheguei lá em Salvador, me levou quando descobriu que era santo ai fiz meu trabalho e fiquei também [...] não queria essas coisas nunca queria assumir ai não teve jeito. Têm muitos anos também! tem uns 40 anos, vai facilitando, quando ver que não dava jeito, eu entrei por doença mesmo, não foi por buniteza. Não foi por gostar, porque os outros têm eu quero também! Nada disso eu entrei porque eles tavam me castigando [...]<sup>86</sup>

A narrativa da senhora Diu é um importante veículo de compreensão da inserção de pessoas no âmbito da religiosidade, no contexto das religiões afro-brasileiras. A Rezadeira direciona as práticas curativas, de que hoje tem conhecimento, à revelação do dom enquanto integrante do Candomblé. Credita a familiaridade com o universo da benzeção à manifestação da doença e a feitura do santo.<sup>87</sup> O momento iniciático nos cultos afro-brasileiros teria proporcionado à senhora Diu conhecimentos necessários para efetuar a benzeção. A não aceitação momentânea do dom acarretava transtornos na vida cotidiana, sendo constantes os abalos sistemáticos na saúde, inclusive relatando desmaios que a vitimava. Fica claro na narrativa, a resistência familiar em buscar auxílio para compreender a doença que a assolava a partir da esfera religiosa, sobretudo a instituição do Candomblé.

Não obstante, a senhora Diu contrariando as orientações familiares foi buscar ajuda para compreender a enfermidade que a acometia no *terreiro de Candomblé* e só assim pôde restabelecer sua saúde orgânica e espiritual. Descobrindo a entidade que zelava por sua cabeça, ori, Diu passou a *alimentar* o santo ( orixá) e pôde gozar de uma vida tranqüila. Subtende-se no discurso que a partir do envolvimento com o *povo de santo* ela passou a transitar pelo universo curativo também.

<sup>86</sup> Depoimento da senhora Diu. Entrevista concedida em 09 de junho de 2010.

<sup>87</sup> Fazer o santo corresponde ao processo iniciático de muitos membros do Candomblé, para que só assim a entidade seja assentada na cabeça, ori, do indivíduo.

## 2.2 “No meu tempo, quando eu era criança [...] todo mundo era Rezador!”: práticas de benzeções.

As práticas curativas, ainda no século XX, se desenvolveram com grande expressividade entre os habitantes do Recôncavo. Curandeiros e Rezadeiras atendiam às pessoas com males do corpo e do espírito, o que suscitava opiniões diferenciadas acerca de suas práticas culturais.<sup>88</sup>

Nesse contexto, os órgãos públicos estatais buscavam formas de inserir novas práticas e saberes médicos entre a população com o intuito de frear a propagação desses *rituais de cura*. É sabido que os procedimentos de higienização, por exemplo, já haviam *contemplado* a região sudeste do país, desde o final do século XIX se estendendo até o século XX, contudo, passaram a *invadir* o Recôncavo baiano a partir dos anos 1940 com o decreto-lei nº 11.682, que deliberava as intenções do governo baiano em regionalizar seus serviços de saúde, bem como instituir obrigatoriedade para alguns procedimentos na prevenção de doenças, como a vacinação.<sup>89</sup>

Não por acaso o decreto-lei foi colocado em vigor nos anos de 1940, ano este correspondente à promulgação do Código Penal brasileiro, o qual especificou com mais detalhes a caracterização do crime contra a saúde pública em seus artigos 282, 283 e 284, que versam sobre *exercício ilegal de medicina, arte dentária ou farmacêutica*, sendo seus praticantes criminalizados e sujeitos a sanções.<sup>90</sup>

Nesse ínterim, destaca-se a atuação de Rezadeiras e Rezadores, detentores de grande prestígio e respeito entre os membros da comunidade, visto que dispunham de grande aceitação nas suas localidades de origem. Ao que parece, a familiaridade com a comunidade em que se inseriam permitiu o trânsito intenso desses sujeitos nos diferentes espaços sociais. Em se tratando de benzeção, acredita-se que as aproximações com os elementos da natureza tenham favorecido a inserção desses indivíduos no universo das rezas. Sendo assim, asseverou a Rezadeira Celina.

---

<sup>88</sup> Ver: SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. *Memórias e tradições: viveres de trabalhadores rurais do município de Dom Macedo Costa Bahia (1930-1960)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, 1995.

<sup>89</sup> Ver: SANTOS. 2005. p. 16-17.

<sup>90</sup> Código Penal brasileiro de 1940.

No meu tempo, quando eu era criança meu pai, minha tia, minha vó tudo era Rezadeira. Fazia remédio de tudo que era coisa e curava. Papai curava pé, perna quebrada, espinhela, peito aberto, tudo ele fazia [...] Garrafada pra esse povo de tosse cansada, puxamento. Papai era um perigoso [*sorri calorosamente*], agora hoje me diz o que que há?<sup>91</sup>

A fala da senhora Celina é rica em detalhes e singularidades. Ela descreve um tempo marcado pelas diversas experiências e intervenções curativas de seus familiares diante das doenças, ressaltando a atuação de seu pai que, segundo ela, além de dominar as palavras santas da benzeção, ainda se destacava pelo perfil de curador, possuindo grande familiaridade com a manipulação de ervas e raízes eficazes no alcance da cura de certas doenças no contexto histórico-social vivenciado. O rememorar da senhora Celina possui um tom saudosista, sendo possível inferir certa diminuição das solicitações dos *saberes tradicionais* para curar enfermidades na atualidade. De fato, anterior a *popularização* das ciências médicas as camadas populares eram responsáveis em zelar pela integridade física individual e coletiva, principalmente a partir do vasto receituário medicinal oferecido pela natureza, a saber, das ervas.

De forma semelhante, a senhora Neci, professora primária de profissão, também concedeu importante depoimento para pensarmos sobre os significados que as práticas curativas possuem para alguns habitantes do Recôncavo:

Inclusive eu alcancei uma criatura que quebrou a perna e antes não tinha ortopedista, como hoje, né! A medicina avançou muito [...] Então! Como era curado antes? Usava mentruz que é o mastruz que antigamente falava, pisava com sal grosso, colocava em cima da perna e botava uma talisca de pau de um lado e imobilizava e ali o osso chegava pro lugar. Porque mastruz é uma folha, um antibiótico muito forte, sendo assim desinflamava o osso e fazia com que o osso chegasse pro lugar. A pessoa era rezada de nervo torcido e a cura vinha e a pessoa voltava a andar! E hoje as pessoas fazem logo o que? Vai logo ao médico por quê? Faz o que também? Bota aquele gesso e imobiliza o lugar do mesmo jeito e toma o que? Remédio [...] Esse remédio tem a mesma função da pustemeira batida, do mastruz batido com leite que limpa tudo e cura também.<sup>92</sup>

<sup>91</sup> Depoimento da senhora Celina. Entrevista concedida em 10 de julho de 2007. Grifo nosso.

<sup>92</sup> Depoimento da senhora Neci. Entrevista concedida em 11 de outubro de 2007.

A narrativa da senhora Neci é bastante reveladora, já que ela compara dois métodos de cura, feito por especialistas diferenciados, para chegar ao mesmo objetivo. Ela narrou o fato de uma conhecida sua ter quebrado a perna e recorrido aos atendimentos de um curandeiro, sobretudo, incentivada pela falta de um médico especialista no momento da fratura. Contou, ainda, que a forma encontrada para que ocorresse a recuperação da enferma se deu através do *saber tradicional* exercido pelo curandeiro: este utilizou elementos vindos da natureza, atrelado ao poder das palavras para conduzir a mulher à cura.

O fato de imobilizar os ossos quebrados, seguido da utilização de um anti-inflamatório, finalizando com a reza específica para osso quebrado, apresenta-se como imprescindível à conquista da cura. Nota-se que a sabedoria empregada, também, se serviu de conhecimentos empíricos, a exemplo da utilização de ervas na resolução de determinados problemas.

Depois de relatar o procedimento feito pelo curandeiro, a senhora Neci comparou a situação aos procedimentos médicos feitos na atualidade, chegando à conclusão de que os processos se assemelhavam, a única variação existente estaria no aperfeiçoamento dos métodos: o gesso ao invés da talisca, a cirurgia ao invés da benzeção e o anti-inflamatório ao invés dos chás e emplastos. Por fim, médico e curandeiro alcançaram o mesmo objetivo: a cura.

Contudo, enquanto as ciências médicas levam em consideração somente a utilização dos medicamentos para conduzir o paciente à cura, no tratamento curativo proveniente do curandeiro a enfermidade é tratada como integrante de um corpo, cujas dimensões transcendem as representações físicas do ser. A enfermidade faz parte de uma dimensão maior do sujeito, na qual deve ser considerado o fator físico, orgânico e espiritual que se imbricam desordenando a vida do indivíduo carecendo, portanto, de intervenção precisa, para além do medicamento.

No que concerne à realidade vivida pela senhora Neci, acerca da falta de especialistas médicos no município, outras fontes orais também apontaram essa dificuldade de acesso aos profissionais da medicina. Foram queixosas ao relatar a ausência de ao menos um posto médico no contexto histórico investigado. Os enfermos, ali encontrados, além da utilização dos saberes curativos, se *desejassem* consultar um médico, deveriam se deslocar para as cidades circunvizinhas: Cruz das Almas, Muritiba, Cachoeira e Santo Amaro.

Do mesmo modo, a Rezadeira Maria Custodia, nascida na localidade de Queimadas, zona rural do município de Governador Mangabeira, assinalou a situação vivenciada em torno da calamidade da saúde pública no município em análise.

Desde Cabeças aqui não tinha médico não, a gente tinha que sair daqui se quisesse ver um doutor. Praticamente por esses dias que a gente tem. Vai vê que era por isso que as pessoas procuravam a gente mais pra rezar. Antes tinha gente que se dava com a reza, melhorava. Hoje não, não tem paciência, compra remédio. Eu mesmo, nunca ganhei neném em maternidade, tive tudo em casa com parteira, tive quatro filhos todos vivo graças a Deus. Dois homens e duas moças.<sup>93</sup>

Ao que parece, na concepção da Rezadeira, a precariedade da saúde pública ou até mesmo a ausência de médicos no município contribuiu para resguardar os métodos alternativos de cura, pois seria a principal maneira de dar conta das enfermidades mais frequentes na sociedade. A Rezadeira deixou claro que, talvez, as solicitações pelas rezas fossem mais intensas, justamente devido à quantidade mínima de postos médicos e a difícil acessibilidade à medicina oficial. A senhora Lurdes,<sup>94</sup> auxiliar de enfermagem aposentada e hoje estudante de Serviço social, foi apontada pelas depoentes como integrante do primeiro quadro de enfermagem do município de Governador Mangabeira. A auxiliar aposentada confirmou a informação, acrescentando a presença de mais duas auxiliares no primeiro posto médico. Lurdes assinalou também que, das três integrantes, somente ela havia feito o curso de enfermagem em Salvador, retornando ao município no ano de 1971, como se observa na fala abaixo:

É comecei a trabalhar em 1971, fazíamos curativos tinha médico atendendo: doutor Ari, o saudoso doutor Alexandrino, eu trabalhava sedimentando a fezes, foi o meu primeiro emprego e desse emprego eu me orgulho até hoje porque tive a oportunidade de gostar do que faço. Estudei, fiz patologia porque é uma área que tava e ganhei experiência.

É! Posso até me considerar uma das primeiras enfermeiras, porque tinha duas atendentes antes: Licinha de Machado e a finada e saudosa Licinha de Fernando. Já era mais que eu, por sinal mais velha que eu. Tinha uma associação APMI, associação onde dona Isabel era responsável. Aquela casa ao lado foi comprada para um

---

<sup>93</sup> Depoimento da senhora Teka, já citado.

<sup>94</sup> Maria de Lurdes Pinto de Souza. 60 anos de idade. Enfermeira aposentada. Natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Atualmente reside nesse mesmo município. Data de nascimento: 13 de janeiro de 1951.

médico que vinha atender as pessoas da associação doutor Ediberto, doutor Ari, foi comprado para isso, às pessoas da associação da essa assistência.<sup>95</sup>

A citação acima permite perceber que o primeiro posto de saúde, ao qual a população fez alusão, tratava-se da Associação de Proteção Maternidade e Infância – APMI. Na verdade, não existia um posto de saúde municipalizado como hoje. O caráter comunitário do posto médico sugere a ausência de determinados itens essenciais a um espaço reservado para cuidar de doentes, como médicos especializados e equipamentos próprios. Contudo, apesar da dimensão limitada do atendimento médico da associação, a senhora Lurdes disse que a procura era intensa pelos serviços. Ela narrou tal acontecimento como um marco da saúde pública do município.

Entretanto, para além da dificuldade de acesso à medicina institucionalizada, convém ressaltar que existiam/em concepções culturais presentes entre as camadas populares favoráveis ao desenvolvimento e aceitação de métodos terapêuticos *tradicionais* para curar certas enfermidades. Trata-se de um legado cultural deixado pelos africanos/as que habitaram esse país, deixando seus descendentes e concepções culturais presentes em seu cotidiano, como, por exemplo, o apego e a crença na eficácia de ervas, também muito presente entre as populações indígenas, o que foi de grande importância para a formação desses processos curativos alternativos.

Quanto ao legado africano e indígena presente entre as concepções curativas do Recôncavo, a senhora Neci continuou a fazer importantes observações do que, em sua opinião, foi o marco inicial da utilização da *medicina alternativa* em terras brasileiras:

E hoje se deu tudo por que? Os negros que valor tinha? De tá numa senzala? Não tinha nem um médico pra chamar, pra vê se tava bom, se tava ruim? Então [...] Ele era curado com que? Foi os próprios negros que descobriu todas as ervas, todas as curas e todas as rezas pra se servir. Então essa negra da senzala, ela era a mãe de todos, ela era respeitada. É por isso que a igreja da Boa Morte é discriminada, porque a Nossa Senhora da Boa Morte foi

---

<sup>95</sup> A senhora Lurdes além de enfermeira, participou ativamente da vida política do município ao tornar-se vereadora por duas vezes no município, e na gestão do prefeito Anatélis Ferreira de Almeida recebeu o cargo de secretária municipal de saúde. Depoimento da senhora Lurdes. Entrevista concedida em 17 de agosto de 2007.

criada dentro da senzala, ela foi criada dentro da senzala protegendo os negros, foi aonde veio toda sabedoria dado ao negro, foi através da Nossa Senhora da Boa Morte. Por isso que só entra na Irmandade<sup>96</sup> quem é descendente de africano e quem é negro e quem assume realmente seu papel de negro, sem medo.<sup>97</sup>

A passagem possibilita algumas considerações. A senhora Neci ressaltou o desprezo atribuído por muitos senhores, e parte da população não negra, aos africanos/as e seus descendentes no Brasil, em função do estigma de escravo/a que carregavam. Sendo assim, no momento de doença, as populações negras além de não poderem contar com a *compaixão* de seus senhores para ter acesso aos tratamentos médicos, estes também existiam em pequenas proporções no Brasil escravista, sendo um recurso altamente caro. O depoimento ainda sugere o apego cultural dos negros/as aos conhecimentos curativos provenientes de seus ancestrais, já que confiava na eficácia dos tratamentos iniciados pelos anciões, o que contribuiu para a preservação de importantes conhecimentos.

Na narrativa, a senhora Neci utiliza a história da Nossa Senhora da Boa Morte como referência no combate às doenças que acometeram os/as negros/as na senzala, demonstrando sua devoção à santa protetora dos escravizados, bem como ressaltou a felicidade em reconhecer suas raízes culturais no universo afro-brasileiro. Em relação ao depoimento exposto, notamos que a opção do indivíduo em recorrer ao curandeiro, a Rezadeira, o raizeiro ou a parteira para solucionar seus problemas de saúde, em detrimento à procura do médico, sugere um emaranhado de significações que perpassa a formação e a concepção cultural de cada um. A pesquisadora Paula Montero examina tal fenômeno e assinala que:

A medicina somente leva em conta os sinais físicos e os interpreta como sintomas de alguma difusão orgânica. A interpretação mágico-religiosa, muito mais abrangente do que a médica, integra não só os sintomas fisiológicos, mas também os problemas domésticos, amorosos e financeiros do doente. Para a magia, a doença não é senão simples aparência. A doença é uma maneira que as forças espirituais têm de aparecer, de se revelar no mundo dos homens. Ela faz parte de um conjunto maior de problemas que têm a ver com

---

<sup>96</sup> A senhora Neci no ano de 2007, passou a integrar a Irmandade da Boa Morte na cidade de Cachoeira em condição de “noviça”, tal termo refere-se a um estágio de iniciação que duram Três anos, no qual as noviças são observadas pelas irmãs mais velhas, até adentrarem definitivamente na irmandade como membro. Os festejos a Nossa Senhora da Boa Morte começam a 13 de agosto e terminam em 15 de agosto.

<sup>97</sup> Depoimento da senhora Neci, já citado.

a desorganização pessoal, familiar e social do sujeito: desemprego, conflitos familiares, crises, etc.<sup>98</sup>

Desse modo, acredita-se que é possível também surgir a identificação das camadas populares com as Rezadeiras, os curandeiros e raizeiros, para além das implicações culturais, devido à simplicidade de acesso, por exemplo, ou até mesmo por compartilharem de um mesmo universo social, cognitivo e de valores. Nesse sentido, é importante pensar que os preceitos do mundo médico oficial requeriam todo um distanciamento entre pacientes e médicos, prática esta completamente diferente do que a população estava acostumada. Nesse sentido, a falta de preparo dos médicos no estabelecimento de relação com a população empobrecida e culturalmente diferente, bem como o distanciamento das linguagens pode ser mencionado como fortes indicadores da recusa da população aos tratamentos da medicina acadêmica.<sup>99</sup>

A pesquisadora Gabriela Sampaio, em seu livro *Nas trincheiras da cura*, aponta algumas reflexões acerca da resistência das camadas populares ou até mesmo integrantes de segmentos mais abastados da sociedade em recorrer a intervenção de um médico no combate a determinadas doenças. Segundo ela, a eficiência da medicina oficial era largamente questionada, sobretudo por causa dos grandes índices de diagnósticos errados emitidos pelos esculápios, bem como da naturalidade com que os erros médicos ocorriam na sociedade carioca, sendo assim noticiadas pela imprensa.<sup>100</sup>

A historiadora ainda atenta para o fato de que a recorrência populacional às práticas de cura não implicaria numa impossibilidade de solicitação de serviços médicos oficiais, mas o que teria sido verificado era o adiamento constante para intervenção das ciências médicas no cotidiano dos indivíduos, uma vez que, para determinados grupos sociais, a medicina estava longe de ser consagrada como única verdade. Prova disso teriam sido os diversos desencontros e conflitos da própria *classe médica* elucidada pela imprensa carioca no século XIX.<sup>101</sup>

---

<sup>98</sup> MONTERO, *Magia e pensamento mágico*. 2º ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 64.

<sup>99</sup> CARVALHO, Antônio Carlos Duarte de. *Curandeiros e medicina: práticas populares e políticas estatais de saúde em São Paulo nas décadas de 30,40 e 50*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Universidade Estadual Paulista, 1995.

<sup>100</sup> SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas – SP: UNICAMP – CECULT, 2001. p.38.

<sup>101</sup> *Ibidem*, p.77.

Não podemos perder de vista que Gabriela Sampaio investiga um espaço específico: a sociedade carioca no Brasil Império, dando ênfase à segunda metade do século XIX. Devemos levar em consideração que a sociedade carioca experimentou intensamente um projeto de *higienização*, no qual os governantes pensavam que programariam na cidade do Rio de Janeiro a salubridade urbana observada em grandes metrópoles européias. Nesse sentido, incentivar a população a se valer dos receituários e atendimentos médicos afastariam a possibilidade de doenças e/ou de grandes epidemias.<sup>102</sup>

Quanto ao processo de higienização e modernização em terras baianas, nota-se que é possível pensar em diversas justificativas para explicar maior aceitação da população às práticas de cura, pois o conhecimento terapêutico apresentava resultados concretos na realidade vivida, além de a população hesitar em tentar solucionar seu problema com o auxílio de um *estranho*, o médico, que propunha alternativas curativas completamente diferentes das que costumavam utilizar. Diga-se de passagem, sugestões médicas cuja eficácia era facilmente questionada.

Geralmente, no caso específico das Rezadeiras, desenvolviam uma medicina, tida como *preventiva*, na qual buscavam expulsar as enfermidades do corpo antes mesmo que estas se instalassem. Acreditavam ser possível se precaver de determinadas doenças através da utilização de *resguardos*. A benzeção feita esporadicamente, bem como a abstinência em consumir determinadas misturas que envolvessem alguns alimentos, poderiam ser apontadas como indícios de prevenção dessas mulheres. A quebra do resguardo implicaria no desfazer da possibilidade de cura.

Na tentativa de evitar o mau olhado,<sup>103</sup> por exemplo, algumas Rezadeiras utilizavam folhas de arruda, posicionadas atrás da orelha, ou dependuravam uma pequena figa no pulso. A figa, na opinião delas, possui força por si só e, a depender do material com o qual foi esculpida, o indivíduo, de posse da mesma, estaria isento de contrair os maus fluídos lançados pelos olhos de cobiça.<sup>104</sup> Em suas casas, a

---

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 41-43

<sup>103</sup> O mau olhado é entendido como o arremesso de energias negativas aos indivíduos; geralmente é o sentimento movido pelos ciúmes e a inveja. Os sintomas são: malevolência, bocejos constantes e cansaço corporal.

<sup>104</sup> LODY, Raul. *O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. Rio de Janeiro: PALLAS, 1995. p.211-212

vela ofertada ao santo protetor deveria estar sempre acesa; assim elas acreditavam estar adquirindo imunidade em relação a determinadas doenças e/ou mau agouro.

Enfim, a sabedoria proveniente das diversas formas de experiências vivenciadas na benzeção acarretou o acúmulo de práticas necessárias para que essas mulheres pudessem intervir em várias situações que afligiam a população. Nesse sentido, puderam elaborar estratégias necessárias para, pelo menos, tranquilizar os enfermos em momentos de angústia.

### 2.3 “ **Quem se gaba, não se lava, sabe disso?**”: a cura das enfermidades mau olhado, ar do vento e espinhela caída

Diversas foram as doenças que assolaram as populações do Recôncavo baiano, sobretudo no século passado, século XX, alguns indivíduos atribuíam a origem de algumas delas aos *ares* pesados que envolviam aquela região. Enfermidades como cefaléias,<sup>105</sup> erisipela,<sup>106</sup> ar do vento,<sup>107</sup> espinhela caída,<sup>108</sup> mau olhado<sup>109</sup> e tantas outras requeriam de Rezadeiras e Rezadores a posse de determinados conhecimentos para a revitalização do corpo, marcados por elementos físicos e simbólicos. O conjunto de técnicas, de receituários e práticas curativas permitiam o restabelecimento orgânico, bem como a prevenção de doenças na comunidade.

Nesse sentido, os depoimentos orais elucidaram a intervenção constante de Rezadeiras, Rezadores, curandeiros, parteiras e tantos outros sujeitos sociais executores das práticas curativas na região do Recôncavo, que punham em vigor os conhecimentos necessários para resguardar e zelar pela saúde coletiva. Dado o exposto, a senhora Teka contribuiu para a reconstrução das memórias referentes a esse tempo histórico marcado pelas recorrências populacionais às práticas curativas: “O povo não tá querendo rezar mais não, o povo parou de rezar agora.

---

<sup>105</sup> Popularmente conhecida como dores de cabeça intensas.

<sup>106</sup> Corresponde à abertura de feridas e inchaços, geralmente nos membros inferiores, a doença tem sintomas semelhantes ao tétano. Ver: OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção negra: Santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008. p.121.

<sup>107</sup> Sobre a enfermidade verificar final do capítulo.

<sup>108</sup> Enfermidade caracterizada nesse item de discussão.

<sup>109</sup> Encontra-se disponível a caracterização dessa mazela ao longo desse item de discussão.

Não sei, na roça o povo rezava muito! antigamente a gente rezava mais. O povo passou a ser crente, não tá tendo fé em reza, a maioria tudo crente.”<sup>110</sup>

A senhora Teka assinala a diminuição das solicitações das rezas, destacando que, em anos anteriores, o período que ela destinava a rezar pessoas era mais intenso. Possivelmente as solicitações de benzeção eram mais frequentes em função das concepções culturais presentes entre a população interiorana, a assertiva ainda é reforçada em função da baixa popularidade dos tratamentos provenientes da medicina oficial, assim como o difícil acesso desta, no período. Ao mencionar as possíveis concepções culturais que envolviam a população, devemos ressaltar a dificuldade em estudá-la, dada sua complexidade, resultado de diversas particularidades, sobretudo dos *empréstimos culturais*, não existindo, portanto, uma definição *acabada* a ser seguida.

O fluxo de pessoas que solicitavam os serviços das Rezadeiras contemplava, também, indivíduos tidos como pertencentes às elites da cidade, em que o poder material de que dispunham distanciava-os em grande escala das camadas populares. Esse foi um dos casos narrados pela Rezadeira Celina, no qual ela se orgulha ao fazer menção a presença do então prefeito<sup>111</sup> da cidade de Governador Mangabeira, na década de 1960, em sua casa, seguido de solicitações de benzeção, inclusive na busca da cura para seu filho. As práticas curativas, portanto, poderiam ser consideradas eficientes nos diversos níveis sociais, desde que houvesse na comunidade, um reconhecimento considerável da Rezadeira.

A circularidade cultural compreendida como os possíveis encontros, desencontros, conflitos e empréstimos recíprocos da cultura entre as diferentes classes sociais, explicitada nas obras de pesquisadores como Carlo Ginzburg,<sup>112</sup> Peter Burke,<sup>113</sup> Mikhail Bakhtin<sup>114</sup> pode servir de subsídio teórico para pensar nessas múltiplas representações das benzeções, sobretudo em virtude das diversas classes sociais se utilizarem de tais práticas curativas.

<sup>110</sup> Depoimento da senhora Teka, já citado.

<sup>111</sup> O prefeito da cidade no contexto citado era o senhor Agnaldo Pereira Viana.

<sup>112</sup> GINZBURG. *Op.cit.*

<sup>113</sup> BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna. Europa 1500-1800*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>114</sup> BAKHTIN, Mikhail. "Introdução: apresentação do problema." *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Ed. Universidade de Brasília, 1987.p. 1-50.

Eu vi Antônio crescer [fazendo referência ao antigo prefeito da cidade], o pai dele na época em que foi prefeito sempre me procurava: Senhor Agnaldo Viana estimo muito ele, onde eu tiver ele fala comigo até hoje minha filha.<sup>115</sup>

Geralmente a credibilidade atribuída à Rezadeira pode ser configurada a partir do prestígio que a mesma possui, ou seja, a eficácia de suas rezas é aferida quando levada em consideração a quantidade de pessoas que a procura e consegue atingir o objetivo maior da benzeção, a saber, a expulsão da enfermidade do corpo do indivíduo.

Mais uma vez, a senhora Celina recordou situação curiosa de suas vivências enquanto Rezadeira:

Oia! Eu não vou [...] que eu não gosto de me gabar! Porque a pessoa que se gaba, não presta! Não se lava! A gente não se julga boa, eu sou bom! Tem uma sobrinha que ficou de mal comigo por isso. Eu escraxei com ela! A gente não se julga bom não. Porque aqui tem um menino que sempre que ele quer qualquer coisa vem pra eu rezar. Ai um dia ele tava aqui, eu rezei nem sei quem foi, [...] ai ele disse assim: Oh! dona Celina a senhora me rezou eu fiquei bom, reza fulana e ficou boa, porque a senhora não muda pra praça pra curar os outros? A senhora é curandeira! Eu disse: meu filho se eu for pra praça e dizer que sou curandeira, os médicos manda me matar. Ora eu vou me julgar boa? Não minha filha! Quem se gaba, não se lava, sabe disso? Os que fica bom me agradece, agora dizer: Eu sou boa!<sup>116</sup>

Fica claro o reconhecimento da eficácia das benzeções da senhora Celina entre os indivíduos da comunidade em questão, prova disso é a insistência de um enfermo para que ela fizesse uma maior *propaganda* de seus *serviços*, mas, apesar da tentativa de persuasão, a senhora Celina é enfática ao dizer que o valor atribuído em suas rezas quem concede são as pessoas, não cabendo a ela se vangloriar pelas bênçãos alcançadas.

A passagem da narrativa da depoente sugere, ainda, um possível conflito entre a prática curativa desempenhada por ela e a prática curativa oficial, quando ressaltou a intolerância e a reticência médica nos procedimentos populares: “se eu for pra praça e dizer que sou curandeira, os médicos manda me matar.”<sup>117</sup>

<sup>115</sup> Depoimento da senhora Celina, já citado. Grifo nosso.

<sup>116</sup> Depoimento da senhora Celina. Entrevista concedida em 10 de julho de 2007.

<sup>117</sup> *Idem*

No mais, as práticas curativas das Rezadeiras são vítimas de diversos comentários minimizantes que sinalizam para o descrédito dessa modalidade de cura, na medida em que estariam mais ligadas a processos mágicos religiosos do que efetivamente à cura de pessoas. Por outro lado, a medicina tida como oficial seria sinônimo do empirismo, do cientificismo, do racional. Este teria sido o discurso difundido, desde o século XIX, para justificar a implantação da ciência médica no Brasil e, posteriormente, para zelar por sua legitimidade.<sup>118</sup>

Na tentativa de refletir acerca da lógica racional e cultural que envolve a benzeção, o pesquisador Denílson Lessa concedeu importante contribuição:

As palavras utilizadas durante o benzimento não têm valor caso a pessoa oficiante não possua o dom para rezar e benzer. O dom significa saber dominar as palavras sagradas e para isso é preciso além da fé, da crença nos santos, da encantação, também muitos anos de aprendizagem e experiência. Aliado a isso, no momento de benzimento é imprescindível que a pessoa rezada, igualmente, tenha bastante fé afim de que o mal que lhe acomete seja extirpado.<sup>119</sup>

O processo iniciático de Rezadeiras e Rezadores estão associados a observações constantes daqueles que gozam de inserção nesses espaços da cultura. Paralelamente às observações, o dom da benzeção terá que ser revelado em determinado momento da vida desses sujeitos históricos. Providos de tais características, ainda se faz necessária a credulidade dos enfermos no processo ao qual será submetido. Acreditar no processo de benzeção, na sua eficácia, é condição mais do que necessária para extirpação do mal do corpo do enfermo. Afinal, “toda representação mantêm uma relação com a coisa representada. Esta relação é ao mesmo tempo simbólica (porque evoca a coisa) e física (porque produz resultado sobre a coisa)”.<sup>120</sup> Não devemos esquecer que “ para curar a pessoa tem que acreditar! se não, não cura! É feito água! Não dá certo nada! Quem acredita, água fria é remédio.”<sup>121</sup>

O desenvolvimento das representações simbólicas, no caso específico exercido pelas Rezadeiras, é sempre construído em função das condições favoráveis existentes. Devemos pensar a cura atingida, a partir dos elementos

---

<sup>118</sup> Consultar: CHALHOUB, *Op.cit.*

<sup>119</sup> SANTOS. 2005. p. 106.

<sup>120</sup> MONTERO. 1990. p. 27.

<sup>121</sup> Depoimento da senhora Merú. Entrevista concedida em 14 de fevereiro de 2010.

utilizados na benção como satisfatórias nas realidades nas quais estão inseridas, tendo em vista que:

[...] A magia, mesmo quando praticada por indivíduos isolados, nunca é a criação de um homem só; ela está sempre fundada em crenças coletivas. Qualquer rito ou cerimônia só tem sentido e eficácia porque quem está agindo através do mágico é a própria sociedade. A magia é, por definição, objeto de uma crença a priori.<sup>122</sup>

O ato de rezar traz consigo grande simbologia, sobretudo quando levado em consideração o seu teor suplicante e solidário, no qual se objetiva proteger o enfermo das mazelas físicas ou simbólicas que estão o assolando. Nesse sentido, “*a benção*, objeto múltiplo e específico do ato de benzer, pode ainda possuir um efeito de exorcização do mal, que repara a tragédia, a dor, a aflição e o sofrimento.”<sup>123</sup>

A aquisição da enfermidade física ou espiritual acarreta grandes interrupções das atividades desenvolvidas pelos enfermos, pois se acredita que a doença desordena a estrutura do indivíduo, mudando a forma pela qual as coisas se processam. Em contrapartida, a cura é o sinônimo da ordem, da organização e, no intuito de alcançar a estabilidade perdida, faz-se necessário recorrer às pessoas experientes na trajetória curativa, neste caso, Rezadeiras e Rezadores, a fim de poder combater as mazelas. Ao solicitar a intervenção de uma Rezadeira, por exemplo, os indivíduos buscam compreender o processo no qual se inserem e optam em recorrer a alguém com maior compreensão do fenômeno para guiá-lo.

[...] o paciente encontra-se diante de um conjunto de sintomas que não fazem sentido para ele. Será preciso que alguém lhe ajude a construir uma linguagem socialmente aceita, por meio da qual ele possa pensar compreender e experimentar esses sintomas.<sup>124</sup>

É fato que aqueles que benzem trazem consigo símbolos de sua vivência religiosa e espiritual, sendo a execução da benção uma forma de representação de sua vida. Geralmente existe um apego dos benzedores às práticas religiosas,

<sup>122</sup> MONTERO. 1990. p.12.

<sup>123</sup> OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benção*. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.10.

<sup>124</sup> QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru – São Paulo: EDUSC, 1999. p.46.

fazendo com que a cura seja intercedida por santos ou guias, tendo em vista que as práticas curativas são sempre enfáticas no que diz respeito ao viés religioso.

Dentro desse universo da cura, é preocupação da pesquisa fazer uma breve investigação acerca das enfermidades mais freqüentes, no município em análise, no espaço de tempo que foi delimitado, entre as décadas de 1950 a 1970 do século XX, de modo a estimular a reflexão acerca dessas práticas de cura e as estratégias utilizadas por Rezadeiras e Rezadores para extirpar os sintomas. Dentre as enfermidades mais mencionadas entre os depoentes, encontramos o *mau olhado*, o *ar do vento* e a *espinhela-caída*.

Inicialmente concentremos as atenções no *mau olhado*, um, mal este provocado pela ganância das pessoas, entendido como mazela movida pelos ciúmes e a inveja dos indivíduos. Nesse sentido muitas vezes, acredita-se que os arremessos das energias negativas são feitos de forma involuntária:

A pessoa tá bom! Vem um de lá: Olha pra senhora: Ah! fulana é bonita! Fulana é françosa! tá isso, tá aquilo! A gente não vai reparar, mas aquele zói deste tamanho. Quando acaba de sair dali a pessoa se esmorece logo. Se esmorece logo: não tem fome pra comer, não tem sono pra dormir. Ah, tá o que é! Abasta olhar pra pessoa e admirar.<sup>125</sup>

O mau olhado pode assolar qualquer indivíduo, uma vez que todos nós estamos sujeitos a despertar a inveja do outro, sobretudo se gozarmos de um posicionamento estável na escala social. Frequentemente, as Rezadeiras utilizam a expressão *Está carregado (a)*, o que ilustra a possibilidade de os indivíduos serem vítimas constantes do *olho grande*, do mau agouro, fazendo de seus corpos alvos de energias negativas. A esse respeito, destacamos outro depoimento de uma Rezadeira:

Quer dizer que o olhado é aquele povo que não se benze, sei lá, tem usura duma pessoa, né? zói gordo. Vez você tá gorda, ele passa por você diz assim: Oh! Que moda fulana tá gorda, danada de gorda, mas não diz Benza Deus. É ou não é? E naquele tempo se você passasse por uma pessoa, a pessoa dizia assim: Oh! Fulana tá gorda, Benza Deus! Deus te benza, mas hoje não tem mais isso. Não, não, não! Só dizendo que tá danada e pronto! Não tem esse negócio de dizer benza a Deus, o olhado vem daí. Quando a pessoa às vez tem uma coisa e outro bota o zói em cima e aquilo vai pra baixo, não vai pra cima de jeito nenhum. Oia! Hoje se você come

<sup>125</sup> Depoimento da senhora Maria Margarida, já citado.

muito o povo fala, se você tiver gordo o povo fala, se você trabalha o povo fala, se você estudar piorou.  
 Oxe! Êtá fulano namora e porque num casou ainda? Outro diz pra quê casamento? O negócio tá triste, Senhor! Agora? Não tem jeito que a pessoa faça que dê certo! Tudo é usura! Usura mesmo!<sup>126</sup>

A Rezadeira Neném foi bastante enfática ao relatar o que, em sua concepção, é o mau olhado. Ela sinaliza a perda atual de determinadas *tradições*, revelando o descaso da população ao admirar o que não lhe pertence, não se preocupando em resguardar aqueles benefícios ao bom Deus. Ainda ressalta que a prevenção pode se tornar eficiente nesse processo: ao admirar alguém, faz-se necessário solicitar a intervenção da frase *Benza Deus*, evitando lançar o mau-olhado ao indivíduo.

Para combater o mau olhado, a Rezadeira diz utilizar três ramos de ervas que pode ser: pião roxo (*jatropha curcas* L.), vassourinha roxa (*scoparia dulcis* L.), chá de Maria também conhecido como Maria Preta (*boraginaceae*, cf. *cordia* sp) e, logo em seguida, rezar três ou cinco vezes o enfermo, a depender da gravidade da mazela. Nesses casos, acrescenta-se também o pedido de intercessão a Virgem Maria fazendo o sinal da cruz. A Rezadeira Maria Margarida se dispôs a proferir parte da reza do olhado:

Olhados e quebrantes com dois te botais, com três eu te tiro, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Se foi no teu sentar, se foi no teu falar, se foi no teu trabalhar, se foi no teu estudar, se foi no teu admirar, se foi no teu cabelo [...] Deus tira.<sup>127</sup>

Após efetuar a benzeção, as Rezadeiras alegam que, durante a reza, determinados maus fluídos, que foram expulsos do corpo dos enfermos, se libertam e muitas vezes se alocam nos seus próprios corpos; daí justificar a malevolência que as acometem, às vezes seguida de muita dor de cabeça e de constantes bocejos. Geralmente, a erva utilizada, murcha, o que é tomado como atestado de que a pessoa tinha sido de fato vítima dos olhos de cobiça de outrem, bem como de que a doença finalmente teria sido expulsa.

<sup>126</sup> Depoimento da senhora Neném já citado.

<sup>127</sup> Depoimento da senhora Maria Margarida, já citado.

Sinto quando rezo ar do vento e olhado, fico tonta, com dor de cabeça, abrindo a boca, é [...] Em qualquer lugar eu rezo, dentro de casa, no quintal. Mais bom rezar, mais melhor nos matos, porque você deixa lá no mato, não dentro de casa.<sup>128</sup>

Ao se dispor a realizar a benzeção, a Rezadeira deve demonstrar consciente dos efeitos de tal prática para si mesma, do que está fazendo, uma vez que a doença expulsa do corpo do indivíduo rezado pode influenciar na sua desenvoltura física; daí o lugar mais indicado para efetuar a benzeção é próximo a natureza, sobretudo por questões simbólicas: o ambiente natural, folhas, água corrente, vento etc possui grande significado nesse universo curativo. *No mato*, acredita-se que todos os males poderão ser descarregados e dispersados sem maiores transtornos, inclusive evitando que os mesmos se aloquem nos corpos dos benzedores.

A senhora Merú relatou situação curiosa no que diz respeito à indisposição que várias Rezadeiras sentem ao terminar a benzeção ou até mesmo a forma com que algumas, depois de décadas de ofício, têm sua saúde abalada:

Tem pessoa que ta rezando ta se acabando, se acaba mesmo, eu conheço três pessoas que de rezar se acabou [...] Não se defendia macacou! Pegou aquela coisa ruim! Ficou com a coisa ruim no coro! Ai o orixá que tinha voltou e disse: vou embora porque não soube se defender, pra que fez? Muitas Rezadeiras todas acabadas, porque não sabe se defender [...] <sup>129</sup>

A fala descreve a realidade vivida por algumas Rezadeiras que, em longos anos de execução do ofício, tendem a ter abalos sistemáticos da saúde, apontados pela senhora Merú como ausência de zelo quanto à integridade física individual; assim, dedicam-se quase que exclusivamente ao combate das enfermidades alheias e se esquecem de restabelecer o equilíbrio orgânico necessário ao próprio corpo, uma vez que, apesar de todas estarem executando a caridade, não estão isentas de contrair as mazelas que combatem. A senhora Merú ainda contou que, quando do término da benzeção, faz um banho de descarrego para retirar a morfina de seu corpo.<sup>130</sup>

<sup>128</sup> Depoimento da senhora Teka, já citado.

<sup>129</sup> Depoimento da senhora Merú. Entrevista concedida em 14 de fevereiro de 2010.

<sup>130</sup> *Idem*.

Nesse sentido, convém introduzir o depoimento do ex- Rezador, o senhor José Pacheco, conhecido como Zeca, que se tornou evangélico há mais de seis anos. Atualmente é integrante da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas concedeu importante depoimento ao rememorar alguns aspectos das práticas culturais presentes nas benzeções. Apesar de a maioria dos depoimentos terem sido emitidos por mulheres Rezadeiras, é oportuno ressaltar que o universo da benzeção não é uma exclusividade feminina.

Nesse sentido, destacamos o depoimento do Rezador:

Tinha muito Rezador, tinha muito antigamente [...]. As pessoas procuravam muito pra rezar, tinha tanto mulher quanto homem. Homem que é bem pouco! Tinha mais mulher Rezadeira. Não, eu não acredito! Minha reza agora só acredito em Deus! Porque a cura quem dar é Deus! Quem curou não foi eu nada, quem curou foi Deus! Eu não curei ninguém não, quem curou foi Deus [...] Então a gente só faz aquilo quando Deus quer. Depois que eu me batizei de novo, porque esse batismo que eu era não era o aceito de Deus. O aceito de Deus é esse que batiza nas águas! Então eu [...] ou bem uma coisa ou outra! Tem que ter Fe em Deus. Sou adventista, eu deixei [*fazendo menção às benzeções*] se eu fosse rezar eu não tinha fé em Deus. Me batizei.<sup>131</sup>

Nota-se que, na fala do depoente, fazem-se presentes traços discursivos da perspectiva religiosa seguida por ele na atualidade, ao tentar minimizar a importância das rezas que efetuava em décadas anteriores. Questiona, inclusive, até que ponto as benzeções fizeram efeito no contexto em que ele exercia o ofício de Rezador. O senhor Zeca atribui à benzeção caráter místico e maniqueísta, que, no discurso atual, estaria associada a uma esfera não dominada por Deus. Contudo, no final da narrativa, ele tende a admitir o legado cultural apreendido e executado durante décadas de ofício, provavelmente por mais de cinquenta anos. Os seis anos correspondentes à conversão à Igreja Adventista estariam longe de conseguir apagar a vivência religiosa e curativa em que o Rezador esteve inserido. Vejamos o que ele noticiou:

Também, se eu não tivesse me batizado eu também tinha deixado, já sim! Porque minha vista não dava mais, tava me acabando viu! Nego vinha com as doenças, negócios de umas coisas brabas ai eu tirava de cima do corpo dele e a metade era dividida pra mim. Então

<sup>131</sup> Depoimento do senhor Zeca. Entrevista concedida em 11 de fevereiro de 2010. Grifo nosso.

a minha vida tava perigando cada vez mais, ficando ruim, tive que parar, então eu parei!<sup>132</sup>

Apesar de num primeiro momento o ex- Rezador tentar negar a eficácia das benzeções, no decorrer da própria fala, evidencia a crença nas mesmas. Ao reconhecer que o seu corpo sofria com as mazelas adquiridas daqueles que costumava rezar, permite-nos apontar a crença do Rezador no poder curativo das palavras santas. Ademais, a fala sugere a crença no equilíbrio das trocas de energia, das forças envolvidas no contexto. O senhor Zeca sinaliza que a conversão à igreja Adventista pode estar associada a não mais conseguir se *sustentar* enquanto Rezador, uma vez que a saúde debilitada não mais lhe permitia ter o domínio necessário das mazelas presentes nos indivíduos, para extirpá-las e, quando preciso, expurgá-las, inclusive, do próprio corpo.

Outra enfermidade bastante recorrente na fala dos depoentes foi o *Ar do Vento*, que segundo as fontes orais, hoje, é conhecida como derrame ou Acidente Vascular Cerebral - AVC. Muitos Rezadores/as afirmam terem sido solicitados inúmeras vezes, em décadas anteriores, para dar conta da difícil empreitada de livrar os enfermos desse mal tão grave.

Nas ciências médicas o AVC é entendido como resultado da falta de irrigação sanguínea no cérebro, causando lesão celular e danos nas funções neurológicas. A doença é responsável por altos índices de óbitos no mundo e para que haja a recuperação dos enfermos, a depender da gravidade da manifestação da doença, faz-se necessário acompanhamento médico intenso que por diversas vezes não conseguem reverter à situação por completo. O enfermo tem parte da coordenação motora comprometida, a saber, dos membros superiores e inferiores, comprometimento do paladar, da visão e em alguns casos há também a hipertrofia dos músculos da face.<sup>133</sup>

Nota-se a gravidade da doença, uma vez que o próprio aporte das ciências médicas e todo o arsenal de medicamentos disponíveis associado a fisioterapia, as vezes, não é suficiente para reverter o estado danoso que acometem os pacientes. Nesse sentido, é importante pensar nos saberes presentes nas benzeções que de acordo com as narrativas, Rezadeiras e Rezadores conseguem extirpar o AVC

---

<sup>132</sup> Depoimento do senhor Zeca, já citado.

<sup>133</sup> Acesso em 03/05/2011. Disponível no site: <http://www.acidentevascularcerebral.com>.

fazendo uso de um receituário natural de ervas, associados às palavras mágicas compreendidas no âmbito das rezas. Nota-se que esses mesmos saberes concedem um espaço de poder legítimo entre eles na comunidade. O *ar do vento* é compreendido no rol das mazelas que envolvem questões de ordem natural, nesse sentido somente a natureza e os receituários advindos dela poderia reverter o quadro de doença.

Nesse sentido, Rezadeira Neném descreveu seu entendimento da enfermidade em questão:

A pessoa fica tonto, fica mudo, não quer comer, cai mesmo, fica caído mesmo, que eu já vi muitos ficar assim e rezava e ficava bom! É o mesmo derrame dagora que quantos ficavam cegos aí, ficava alejado e tudo era o ar do vento, mas hoje como não tem mais isso é derrame. Fulano deu derrame! É o tempo que é de cuidar da folha do mato vai cuidar no médico pronto. Não, olhe! É figo queimado pra ar do vento, é Maria preta aquela que o povo chama chá de Maria, é a folha de quioiô, é jaca de pobre, é aquela dandá, manjericão isso tudo se faz um purgante para dá o ar do vento. Mas hoje ninguém quer, ninguém quer tomar chá. Pisar aquele alumã pra tomar o sumo, quem quer aquilo? Eu mandei o homem pisar o sabugueiro, ou, aliás, passar no liquidificador, espromer e beber. Ah! Botou açúcar. Que açúcar rapaz! Né pra botar açúcar não! Ah! Fulana botou açúcar, sem dúvida ele disse que não ia beber sem doce [*Sorriu ironizando a situação*].<sup>134</sup>

A fala da senhora Neném, um tanto quanto angustiada, serve à reflexão acerca do possível abandono das pessoas para com os ensinamentos curativos tão utilizados em décadas anteriores. A Rezadeira, inclusive, reprova a atitude de um enfermo que decidiu não seguir à risca suas recomendações: para tornar o sabor do chá mais agradável, o enfermo adicionou açúcar, o que não fazia parte, pois, do que ela prescreveu. Nesse contexto, é possível inferir que o incômodo da Sra. Neném diante da atitude do enfermo se deveu a uma preocupação: ora, se os enfermos continuarem a alterar as recomendações, pode haver um dia em que a eficácia das ervas estará comprometida.

Segundo Neném, a resistência das pessoas em utilizar as ervas para alcançar a cura pode ser consequência dos diversos apelos da modernidade em trazer estratégias mais rápidas e muito mais *prazerosas* para curar as doenças. Tais apelos cotidianos acabam licenciando as pessoas a acharem que podem alterar

<sup>134</sup> Depoimento da senhora Neném. Entrevista concedida em 12 de fevereiro de 2010. Grifo nosso.

ensinamentos culturais que sobreviveram por gerações, por apresentar resultados concretos, apesar dos sabores amargos.

Os depoimentos orais sugerem que em décadas passadas,<sup>135</sup> para combater o *Ar do vento*, a utilização de determinadas ervas era de grande relevância, como, por exemplo: fígado queimado, Maria preta (boraginaceae, cf. cordia sp) , quioiô (Ocimum cf. gratissimum L.), jaca de pobre (Rollinia sericea R.E. fies), dandá (esculentus L.), manjerição (ocinum basilicum L.), alumã (vernomia condensata Baker) e sabugueiro (sambucus nigra L.). Seguindo as instruções das Rezadeiras, a obtenção do sumo de determinadas plantas e sua consequente ingestão contribuiria, de forma decisiva, para o alcance da recuperação.

Ainda sobre o *Ar do vento*, a Rezadeira Merú descreveu situação vivenciada:

É derrame! Hoje ninguém acredita, mas o derrame é o vento! É o vento! Eu cheguei no hospital em Cruz das Almas, tava uma coroa assim,[...] ai ela [...] que quando eu comecei a conversar, ela virou com os olho me olhando. Ai eu senti que ali eu curava, ai disseram que, até pro Rio de Janeiro os filho tinha levado, tava com seis mês assim, ai eu respondi assim: que nada ai ela fica boa. Ai tinha um médico que era crente, olhou pra mim, fechou a cara e disse que eu era o Satanás. Eu disse: Eu não sou o Satanás não, mas vou curar. Ai, oxe! Quando eu sai do hospitá, o marido e o filho me acompanhou. Acredito! Me acompanhou! Com sete dia, a mulher tava viva, viva ai!<sup>136</sup>

O acontecimento descrito é bastante interessante, sobretudo pela riqueza interpretativa. A princípio, chama a atenção o lugar em que a enfermidade é diagnosticada: o hospital – espaço de dominação da medicina oficial. Interessante, também, é o fato de se apontar uma *falha* dessa mesma medicina tida como científica: por diversas vezes fracassou ao tentar solucionar o problema que acometia a enferma, o que ratificaria a crença de alguns, segundo a qual determinadas doenças só seriam curadas pelas mãos de uma Rezadeira. Por fim, destacam-se, ainda, a intolerância e preconceito manifestados pelo médico em relação à senhora Merú, praticante, pois, da medicina alternativa, ao demonstrar grande repúdio às práticas de cura que, na concepção dele, estavam atreladas ao *mundo do mal*.

<sup>135</sup> Procurei localizar as memórias dos depoentes entre as décadas de 1950 a 1970, sendo que as lembranças de um tempo vivido podem transcender ao recorte temporal delimitado na pesquisa.

<sup>136</sup> Depoimento da senhora Merú, já citado.

Existiam/em pessoas que, no combate ao *Ar do vento*, recorriam/em às práticas de cura, por acreditarem que a doença é instanciada no rol dos elementos naturais, sendo, portanto, somente a natureza responsável por devolver a estabilidade, momentaneamente abalada. Tal atitude se contrapõe as investidas das ciências médicas e os métodos *sofisticados* utilizados no processo.

O mal do “arduvento” faz parte da crença de que o “ar” produzido pelo ambiente natural poderá está carregado de maus fluídos, o que as benzedeadas chamam de “coisa negativa”. Acredita-se que o vento tanto pode levar para o doente bons fluídos ou maus fluídos [...] geralmente, este tipo de caso igualmente é denominado de “vento brabo”, uma vez que o doente por ter contraído o mal ocasionado por um choque térmico ( a pessoa com o corpo quente que recebeu um forte vento frio).<sup>137</sup>

No combate a tal enfermidade, a utilização das ervas é de fundamental importância, bem como a realização da benzeção. O trecho a seguir representa uma das orações utilizadas quando da benzeção desse mal:

Padre Pedro foi em Roma que nosso Senhor Jesus Cristo encontrou! perguntou a Padre Pedro: que ai por lá Padre Pedro? Ar do vento, bexiga, catapora, sarampo, câimbra de sangue, até sessão amalinada. Reza sete vez no ramo, fazendo o sinal da cruz.<sup>138</sup>

Feitas as considerações acima sobre a mazela conhecida como *Ar do vento*, passaremos a analisar outra enfermidade também bastante recorrente nas falas das Rezadeiras entrevistadas, cuja intervenção dependia quase que exclusivamente das benzeções, pois alguns médicos diagnosticavam como fraqueza corporal apenas. Trata-se da *espinhela caída*, que nas descrições médicas não requeria grandes cuidados. Mas, na concepção dos benzedores, a espinhela caída não é *doença de médico*, sendo que, se as pessoas procurassem somente orientações de tal profissional, poderiam complicar seu quadro, podendo resultar em morte.

A espinhela caída é força demais que a gente faz! Ai uma titelinha que tem no estômago ela monta, ai a pessoa fica, não liga de se rezar, só vai pra médico, médico e ali só vai aumentando. Se não é doença de médico! Ai se você não cuidar da espinhela e deixar [...]

<sup>137</sup> SANTOS. 2005. p.179.

<sup>138</sup> Depoimento da senhora Maria Margarida, já citado.

vai pro médico, médico, no fim você fica tuberculoso porque ai vai ralhando o figo, o figo vai pro purmão, ai pronto fica tuberculosa.<sup>139</sup>

Segundo a Sra. Merú, é justamente a descrença médica na *espinhela caída* que poderia contribuir para complicar o quadro clínico do enfermo, podendo levá-lo à morte. Na tentativa de diagnosticar a doença, deve-se, para a Rezadeira, atentar para os seguintes sintomas: falta de apetite, vômitos constantes, dores lombares e abdominais, etc. E, para que haja o combate, geralmente as Rezadeiras não se utilizam de ervas na benzeção:

Não reza com ramo não, é com um peso. Eu tinha uma pedra que eu trouxe do Paraguaçu, benzi a pedra pra rezar o povo. Mas, eu pensava do povo não panhar. Todo mundo passava e eu rezando com a pedra, botava a pedra, a pedra ali. Depois, não panharam a pedra! [*a Rezadeira deu gargalhadas*] Pode? Panharam a pedra! Deus me perdoe: A pedra era lisinha, deste tamanho assim, mas era pesada, eu dava o povo pra rezar.<sup>140</sup>

A Sra. Neném executava a benzeção da *espinhela caída* com um peso nas mãos do enfermo, diferentemente de outras Rezadeiras que utilizavam o seguinte método: com um cordão, tomavam as medidas das pessoas, do dedo mindinho ao cotovelo, para, em seguida, aferir a distância compreendida entre os ombros; caso as medidas tomadas não coincidissem, tinha-se certeza de se tratar de *espinhela*. Nessa prática, somente as mãos das Rezadeiras associadas a oração consegue livrar o enfermo da doença. A oração dessa enfermidade é pronunciada da seguinte maneira:

Jesus, José e Maria pelo Rio do Jordão. Jesus olha pra trás o que é isso: *Espinhela caída* Senhor! se apegue minha filha com as minha cinco chaga que a minha *espinhela* vai levantar em nome de Deus.<sup>141</sup>

Ainda fazendo menção a esse universo das rezas, convém fazer considerações acerca do melhor horário para realizar a benzeção, haja vista a própria simbologia que o tempo possui nesse universo natural e, sobretudo, sagrado. Desse modo, como bem assinala as depoentes: “Ser Rezadeira é ser serva

<sup>139</sup> Depoimento da senhora Merú já citado.

<sup>140</sup> Depoimento da senhora Neném, já citado. Grifo nosso.

<sup>141</sup> *Idem*.

do Senhor, ”<sup>142</sup>portanto faz-se necessário respeitar as imposições do mundo natural do qual fazem parte, bem como acreditar em sua eficácia para a cura de diferentes mazelas:

Porque meus mais velhos dizia: depois das 5:30 [cinco e meia] quando o sol se estrala não se reza, só reza uma pessoa quando ta passando mal, em cima da cama , mal mesmo, né! Que Deus perdoa. Mas, não se reza gente de noite! A reza de noite filha, não vale! Sabe por que? Porque quando a gente reza uma pessoa de 9:00 h [nove], de 8:00 h [oito], a pessoa tá tomano seu cafezinho, ta arrumando suas coisas, seu café e tudo, começa a rezar, até 4:00 h [quatro], 4:30h [quatro e meia] pode rezar a pessoa que o sol ainda tá fora, quando o sol chega lá que vê que as pessoas reza as pessoa. Quando o sol chega lá tudo que passa no dia o sol leva conta a Jesus o que fez. Era assim que meu pai me ensinava, viu! Ai quando o sol chega lá, Ele pergunta ao sol o que foi que ele viu! O que foi que ele fez, ele conta tudo e depois que o sol se crava, não leva notícia nenhuma a Jesus, não é!<sup>143</sup>

De fato, é uma constante entre os benzedores rezarem os indivíduos antes do pôr-do-sol, acreditando ser o momento do dia mais adequado para apresentar o enfermo a Deus, bem como executar suas orações. Acreditam que, uma vez violando o horário permitido e estabelecido pela natureza que corresponde ao período do nascer e o poente do sol, a benzeção não tem eficácia. Somente as súplicas feitas em horários adequados serão atendidas, no entanto, caso o enfermo esteja passando por momentos difíceis, abri-se uma exceção e Deus atende ao pedido, perdoando a todos pela violação sagrada. O tempo que rege as orações é o tempo natural e sagrado.<sup>144</sup>

O ato de rezar não está condicionado ao horário cronológico da modernidade, mas ao *cravar do sol*, por exemplo, o que ilustra a representação do tempo natural. Portanto, em dias de inverno, quando o sol se põe mais cedo, o ofício da benzeção também está condicionado a esse fenômeno, do mesmo modo em dias de verão, no qual o anoitecer tarda a chegar, Rezadeiras e Rezadores estendem o período destinado a benzeção, já que foi a própria natureza que permitiu o aumento do dia. Nessa perspectiva, não é a noção dos horários da modernidade, aferidos por

---

<sup>142</sup> *Idem*

<sup>143</sup> Depoimento da senhora Celina, já citado. Grifo nosso.

<sup>144</sup> Sobre a importância que o tempo regido pelos fenômenos naturais desempenham entre as populações ligadas ao trabalho com a terra ver: THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

horas, minutos e segundos que regulam o ofício da benzeção, mas concepções culturais referentes ao tempo divino.

Assim, observa-se que o ato de rezar ou benzer uma pessoa pode ser entendido como um pedido às entidades religiosas, para que haja a melhora ou cura efetiva de determinadas enfermidades, e, ao contrário do que acontecem com outros executores da cura, sejam eles médicos oficiais ou curandeiros, as Rezadeiras não cobram pelos seus serviços. Na verdade, trata-se de processos de iniciação curativa, cujo maior interesse é demonstrarem-se solidárias ao enfermo. Paralelamente às benzeções, essas mulheres executavam outros ofícios em busca da sobrevivência, como assinalado no capítulo I: todas elas foram trabalhadoras rurais ou de armazéns de fumo, além de desempenharem a função de lavadeiras de roupas. Quanto aos homens Rezadores, também possuíam vínculo com o mundo rural, todos exclusivamente lavradores aposentados.

Sendo assim, o não recebimento de pagamentos na benzeção também nos revela muito do que pensam as Rezadeiras e Rezadores, os quais, unanimemente, concordam que não se deve vincular a palavra de Deus ao viés financeiro: “Eu me sinto feliz quando aparece alguém pra eu rezar. Às vezes o povo quer pagar, eu nunca aceito não. É errado cobrar por reza, né? Tá cobrando as palavras de Deus então, eu nunca cobrei.”<sup>145</sup>

A gratuidade dos serviços faz dos benzedores *mensageiros da fé*; entretanto alguns deles deixaram claro esta troca simbólica que deve existir entre eles e os enfermos, a saber, do carinho e gratidão. Comumente os pacientes tentam agradar os benzedores os presenteando com pequenos mimos: réplicas de santos, velas, etc. Trata-se do firmamento de um de vínculo eterno, um sentimento de gratidão podendo ser expresso das diversas formas:

Não combine a palavra de Deus, não se vende! Agora as pessoas tem que ter consciência e agradar, pra outra vez achar. Tem gente que reza aqui, tem umas casa aqui que rezo não me dá nem um Deus lhe pague, rezo vai embora. Tô boa dona Neném, mas nem diz assim Deus lhe pague. E têm uns que me dá um pacote de vela, outros que me dá agrado, um né! dá um caneco, outro me dá um copo, outro me dá um vaso, outro me dá dois e pronto. Graças a Deus todo mundo que passa aí: Oh! dona Neném, pronto eu não tenho inimigo em cima do mundo, Graças a Deus!<sup>146</sup>

<sup>145</sup> Depoimento da senhora Teka, já citado.

<sup>146</sup> Depoimento de senhora Neném, já citado.

Portanto, estudar o universo da benzeção requer que consideremos diversos elementos que permeiam tais espaços, como, por exemplo, elementos de diversas origens culturais. A benzeção representa uma maneira muito peculiar de obtenção de cura, conseguindo combinar os místicos da religião aos conhecimentos da *medicina popular*. Assim, o ofício abarca dimensões do vivido, sobretudo por requer atenção especial às diversas experiências cotidianas que cada um dos benzedores experimentou de maneira particularizada.

### 3 RELIGIOSIDADES E BENZEÇÕES.

As benzeções certamente não existiriam caso não possuíssem um vínculo explícito com a religiosidade. As súplicas aos santos, guias e orixás protetores são recorrentes nessas práticas culturais, contribuindo, assim, para que a cura seja alcançada. Nesse sentido, o cotidiano vivenciado pelas Rezadeiras e Rezadores está associado à presença significativa de signos que expressam sua fé. Terços, figas, imagens de santos, caboclos e orixás denunciam o apego às entidades religiosas capazes de proteger e restabelecer o equilíbrio necessário à *labuta diária*. Comumente, cada conquista, contratempo cotidiano ou dádiva pretendida é confidenciado às entidades sobrenaturais responsabilizadas por interceder em prol de seus devotos.

Firmamento de laços duradouros com as entidades, sobretudo em virtude de promessas, devoções hereditárias e revelação da mediunidade, marca a essência das benzeções que revela o grau de intimidade de Rezadeiras e Rezadores como o equilíbrio das forças que regulamentam a proteção. Associada ao conhecimento empírico das funcionalidades das ervas, a religiosidade praticada por eles possibilita a prevenção de determinadas enfermidades que colocariam em risco a saúde coletiva.

### 3.1 “O povo diz que eu tenho parte com Obaluaê!”: imbricamento de crenças entre Rezadeiras e Rezadores.

A vida cotidiana de Rezadeiras e Rezadores no Recôncavo dificilmente será dissociada de práticas culturais e religiosas. A religiosidade exercida por eles, historicamente construída a partir de relações íntimas entre os mesmos e as entidades sobrenaturais, revela a forma pela qual o cotidiano era permeado da interferência das forças e trocas simbólicas entre santos, caboclos e orixás que se materializavam em forma de devoção.

Rezadeiras e Rezadores quando perguntados acerca da religião de que fazem parte foram enfáticos ao afirmarem o pertencimento ao universo Católico de crença, demonstrando o apego a determinados elementos, sobretudo à figura dos santos protetores. Nota-se que a concepção de Catolicismo que eles comungavam apresentava características muito próximas do Catolicismo leigo, aquele cujas práticas religiosas como ladainhas, procissões e peregrinações independem de membros eclesiásticos para que acontecessem e/ou se propagassem, apresentando grandes aproximações com os elementos da natureza.<sup>147</sup>

Acredita-se que a presença dos elementos religiosos dos ameríndios/as juntamente com concepções religiosas dos africanos/as proporcionaram a formação de uma nova manifestação da fé, ao tempo em que possibilitaram a (re) significação do catolicismo tido como oficial, desenvolvido na Europa e estendido ao território brasileiro desde o Brasil colonial. Teria sido em virtude de tal imbricamento cultural que a população brasileira pôde experimentar uma modalidade de Catolicismo agregacionista, tido como popular.<sup>148</sup>

Nos primeiros séculos de colonização no Brasil, pensava-se na existência de uma religião oficial, cuja característica principal seria a ortodoxia, esta, por sua vez, tenderia a ser regulada pelo clero e ensinada aos fiés. Almejava-se a construção de um sentimento de submissão imposto à população, sendo a supremacia religiosa atribuída à Igreja Católica Romana. Contudo, na prática, a colônia jamais experimentou um autêntico catolicismo oficial pretendido pelos

---

<sup>147</sup> OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985. p.113.

<sup>148</sup> O conceito de popular utilizado procura compreender as práticas culturais vinculadas, sobretudo, a segmentos sociais das classes trabalhadoras.

eclesiásticos: segundo alguns historiadores da Igreja no Brasil, a saber, Eduardo Hoornaert e Riolando Azzi, nem mesmo o próprio clero teria gozado de tamanha pretensão.<sup>149</sup>

Em se tratando do Recôncavo baiano, foram desenvolvidas diversas formas de devoção como: procissões em homenagens a santos, organização de irmandades, peregrinações, promessas a santos e/ou orixás, etc. Tal acontecimento foi estimulado, sobretudo, pela diversidade cultural existente nesse perímetro regional. Populações negras advindas das várias partes do continente africano, bem como as variações culturais das populações ameríndias favoreceram a adaptação cultural do catolicismo. A devoção a determinados santos, por exemplo, é revelada e/ou construída de maneira particularizada entre Rezadeiras e Rezadores, uma vez que cada indivíduo possui uma justificativa singular para o início do processo de devoção a determinada entidade religiosa. Em certas ocasiões, uma promessa direcionada a um santo específico constitui motivo mais que suficiente para o firmamento de um pacto entre as esferas envolvidas: santo e fiel.

Assim, a Rezadeira Neném concedeu importante depoimento ao narrar o que teria sido, em sua opinião, o momento referente ao pacto firmado entre ela e o São Benedito. Ela relatou que, em virtude de uma experiência familiar desastrosa com o marido, notou o distanciamento do mesmo no zelo dos entes e assim concluiu:

Ai [...] Ovídio deixou a casa, arranjou uma mulher e foi morar com a mulher, mas tinha um senhor e uma senhora de junto de mim, era muito minha amiga ai disse: Isso não foi a toa [...] e não sei o que [...] Vamos lá em Cachoeira!

E lá vai, lá vai [...]. Quem me valeu foi São Benedito viu! Foi São Benedito que me valeu, não precisou ir em lugar nenhum. Tinha festa lá de São Benedito que quando deu seis horas eu juelhei pro lado dele e pedir: Oh! Meu São Benedito que vós me ajudar que cumpade Luís bote Ovídio dessa fazenda pra fora, pra ele procurar outro trabalho, eu sou devota de vós enquanto vida eu tiver. Quando acabou a festa de São Benedito, cumpade Luís chegou lá e disse: Seu Ovídio, eu sou seu cumpade, mas não quero o Senhor aqui mais não. O senhor procure seu lugar, que eu ajudo a comprar, mas a fazenda quem vai tomar conta agora sou eu.

[...] a gente com fé em Deus, pede e vê mesmo [...]. O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita! Nessa eu nasci, nessa eu morro! Não tem quem me faça sair!<sup>150</sup>

<sup>149</sup> COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: Homenagens a Santa Bárbara, N.S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. Salvador: EDUFBA, 2010.p. 41 – 47.

<sup>150</sup> Depoimento da senhora Neném, já citado.

A narrativa da Rezadeira assinala com precisão a eficácia da intervenção dos santos protetores, devoção esta, em suas palavras, de suma importância para o retorno do marido para casa. Segundo ela, as súplicas associadas à fé em alcançar o pedido desejado bastaram para ser atendida. Nesse caso, insinua que resistiu ao apelo da vizinha que queria levá-la para uma casa de Candomblé e resolver o problema em Cachoeira, cidade bastante conhecida pela quantidade de terreiros existentes.<sup>151</sup> O depoimento também nos possibilita visualizar a veneração aos santos e virgens negras cultuados no Brasil desde o período colonial, como se vê em *As religiões Africanas no Brasil*, obra do sociólogo francês Roger Bastide. No caso narrado pela senhora Neném, o santo negro que interveio no processo foi São Benedito.

Geralmente, “os males do amor, a perda de um relacionamento importante, a vivência de uma situação de abandono; todas essas dores ligadas à vida amorosa e afetiva têm um lugar importante nas falas entre as motivações que levaram as pessoas a uma vivência espiritual ou terapêutica”<sup>152</sup> com as entidades religiosas, podendo ser com santos, caboclos, orixás, etc.

É válido ressaltar que desde o Brasil colonial era costumeiro o incentivo da corte portuguesa para que houvesse o processo de cristianização entre os ameríndios/as e posteriormente os africanos/as. Como estratégias utilizadas introduziram o culto a santos e virgens negras na colônia, pois acreditavam estar aproximando signos e referências do mundo cristão a essas populações. Nesse caso, o item cor tenderia a soar como característica de pertencimento entre eles, ou seja, “incitava-os a serem virtuosos e obedientes a Deus e à igreja e a seus ensinamentos, pois com isso seriam tão merecedores das glórias divinas.”<sup>153</sup> O culto a Santo Elesbão, Santa Efigênia, a São Benedito e tantos outros teria sido importados para o Brasil com este objetivo.

Ao que parece a permeabilidade que os santos possuem na vida de Rezadeiras e Rezadores permitem pensar que os mesmos tendem a mediar todas e

---

<sup>151</sup> Sobre a construção do imaginário social acerca da cidade de Cachoeira do Paraguaçu como a cidade do Feitiço e do fetiche consultar: SANTOS, Edmar Ferreira. *O poder dos Candomblés: Perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

<sup>152</sup> MALUF, Sônia Weidner, *Peregrinos da Nova Era: Itinerários espirituais e terapêuticos no Brasil dos anos 1990*. In: (Org.) Artur César Isaias. *Crenças, Sacralidade e Religiosidades*. Florianópolis: Insular, 2009. p. 162

<sup>153</sup> OLIVEIRA. 2008. p.189

quaisquer situações da vida, seja no caso de uma súplica em favor de um enfermo e/ou agradecimento pela conquista material e imaterial. Comumente, ao serem interrogados acerca do Candomblé, muitos foram enfáticos ao mencionar o lugar de distanciamento que preferem se localizar diante de tais práticas religiosas. As falas nos conduzem a refletir acerca da construção do imaginário católico em torno dessas práticas religiosas, zelando pela intolerância herdada da Inquisição, na qual a única forma de alcançar a salvação das almas dos indivíduos seria por meio da própria Igreja Católica. Nesse sentido, toda manifestação cuja origem remontasse o *universo religioso* africano estaria sujeita à ilegalidade e perseguição.<sup>154</sup>

Os depoimentos desses indivíduos direcionaram a um caráter reducionista do que seriam, de modo geral, os cultos afro-brasileiros; entretanto não podemos perder de vista o contexto histórico e social que essas memórias expressas por homens e mulheres foram construídas e/ou internalizadas. É fato que os depoentes da pesquisa possuíram uma formação de cunho Católico, passaram a infância e juventude a freqüentar missas e celebrações do calendário cristão, se familiarizaram com argumentações pautadas na negatividade de tudo que se distanciava da Igreja Católica. Como é objetivo da pesquisa localizar as memórias dos depoentes entre as décadas de 1950 a 1970, contaremos com um contexto ainda muito delicado do ponto de vista do reconhecimento legal dos cultos de matriz africana.

Segundo Júlio Braga, a partir da década de 1950, dez anos após a promulgação do Código penal de 1940, foi exigida uma licença aos gestores de terreiros para que houvesse a realização dos cultos afro-brasileiros nas cidades, seus seguidores deveriam respeitar um calendário construído a partir de balizas religiosas cristãs.<sup>155</sup> Objetivava-se, a partir desse decreto, manter maior controle sobre as celebrações afro-brasileiras.

Apesar das ressalvas de Rezadores diante de práticas religiosas, cujas origens não estavam ligadas ao catolicismo, é notório que no próprio universo das benzeções diversos elementos dos cultos afro-brasileiros estão presentes. Ao que parece, de forma prática, as benzeções carregam no seu bojo elementos fundamentais herdados do mundo afro-católico e indígena, a saber, das entidades religiosas que intercedem no processo curativo, bem como o conhecimento e

---

<sup>154</sup> BRAGA, Júlio. *Na gamela do feitiço: Repressão e resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995. p.13 - 14

<sup>155</sup> BRAGA. *Op.Cit.* p.26

funcionalidade das ervas. Não caberia afirmar que as práticas culturais desses sujeitos históricos estariam enquadradas no que se convencionou chamar de sincretismo, sobretudo pela ressalva conceitual ao termo e por reduzir a complexidade e expressividade do universo das benzeções.

O nascimento do conceito de sincretismo, desde as primeiras décadas do século XX, esteve associado a questões religiosas. Na atualidade se fala em sincretismo também em virtude do viés cultural. Quando o concebemos como o encontro entre culturas ocasionadas de forma harmoniosa e sem conflitos, desconsideramos as possíveis (re) significações empreendidas no processo e todo o seu dinamismo. Sendo assim, no âmbito dos estudos culturais e religiosos não basta identificar as diferentes matrizes existentes, mas refletir e considerar o contexto histórico em que as tramas sociais se processam. Desse modo, os aspectos culturais e religiosos se reformulam em virtude das demandas de uma determinada realidade.<sup>156</sup>

Diante da instabilidade conceitual acerca do sincretismo, pesquisadores como Roger Bastide preferiu utilizar o conceito de *interpenetração cultural*, nessa perspectiva visualizava as diferentes trocas culturais das populações, mas, nesse caso, não se preocupando em mensurar a expressividade de uma cultura em detrimento a outra. Verifica-se que o mais importante a ser considerado no processo é o dinamismo presente nas práticas culturais e religiosas das diversas populações.

Para Édouard Glissant as culturas estão inseridas num processo de relação entre elas, contudo apesar da confluência das mesmas é possível visualizar a diversidade, e é justamente o diverso, pautado no imprevisível que as torna muito mais instigantes.<sup>157</sup> Sendo assim, considerando esse encontro de culturas diferenciadas, tomamos como exemplo o depoimento da Rezadeira Celina:

Rezo de tudo minha fia, com os poderes de Deus! Meu corpo ta doente, mas minha mente não! Tenho amigo do Candomblé, mas não sou do Candomblé! Sou católica, acredito nas forças da Virgem Maria. A gente tem que escolher um caminho só!<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Juca Rosa: Um pai-de-santo na Corte imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.p.216-220.

<sup>157</sup> GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p.03

<sup>158</sup> Depoimento da senhora Celina, já citado. Entrevista concedida em 03 de fevereiro de 2010.

A Rezadeira Celina é enfática ao frisar seu pertencimento ao mundo católico, chegando, inclusive, a ser taxativa com aqueles que, em sua concepção, tenderiam a desviar de sua opção religiosa, subtendida como o caminho ideal. No mesmo depoimento, quando interrogada acerca do seu santo protetor, o seu anjo de guarda – como ela prefere referenciar – ela respondeu:

Se eu disser de quanto santo eu sou devota e tenho minha oração, acho que tô viva por isso. Eu tenho devoção com São Roque porque ta vendo essas pernas aqui! Isso tudo foi bexiga. Quando colocava a perna no chão assim ficava as poças de água. Eu tinha devoção com São Roque e tal e rezava lá em casa, mas depois que ele me curou a minha devoção com são Roque é mais forte. E o povo diz que eu tenho parte com Obaluaê!<sup>159</sup>

Nota-se que a crença em elementos do mundo católico associada às contribuições de outras expressões religiosas possibilita os indivíduos acreditarem na intensificação de sua fé. Nesse sentido as supostas contradições empreendidas no processo estão vinculadas a diversidade da cultura contribuindo positivamente para a originalidade das devoções. A Rezadeira acredita que a devoção a São Roque, que na mesma narrativa parece representar o orixá Obaluaê, possibilitou livrar-se da bexiga. Ainda nesse campo de representações, continuou a Rezadeira Celina, rememorar situação na qual uma terceira pessoa, desconhecida, teria se deparado com ela e de forma incisiva não teve dificuldades em reconhecer as potencialidades de sua fé:

Oh dona Celina! A senhora sabe quem tá ai lhe acompanhando? Eu disse: Não. Depois, a senhora tem que ter bem cuidado porque a senhora é feliz, seu anjo de guarda é Xangô [...] Com a senhora ninguém pode! Seu anjo de guarda é forte e é Xangô! Agora só tem uma coisa dona Celina, esse Xangô é muito cismado, a senhora é cismada né! [...] Às vezes [*sorri*] sou cismada, qualquer coisa pra mim eu cismo, o povo diz que Xangô é um espírito muito cismado!<sup>160</sup>

O imbricamento religioso e cultural na fala da senhora Celina explicita a recorrência em seu cotidiano das forças sobrenaturais para proteger sua vida. Desse modo, Xangô – orixá do Candomblé cujas características peculiares são a liberdade e a altivez, responsável em controlar e dominar as forças da natureza, considerado

<sup>159</sup> *Idem.*

<sup>160</sup> Depoimento da senhora Celina. Entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2010. Grifo nosso.

como aquele que domina o fogo, o vento, o raio, o trovão e a justiça<sup>161</sup> –, é tratado pela Rezadeira como se fizesse parte do panteão de santos católicos de que a mesma é devota. Devemos destacar que a senhora Celina ressalta que, além da devoção a Xangô, o tem como o gestor de sua cabeça: “já me disseram que meu anjo de guarda é forte! Xangô!”<sup>162</sup> Ainda em torno da religiosidade presente nos seus viveres a Rezadeira Celina continuou:

O povo diz que eu sou rodeada de espírito! Aqui chegou um homem, eu tava fazendo charutos ali na mesa da sala, ele vendia pronto aqui e tal ele entrou, um dia ele chegou e disse: dona Celina a senhora – e eu tava, lavei o cabelo e tava com a cabeça descoberta – ele disse assim: Oh! dona Celina a senhora quer que eu chame todo o espírito que lhe acompanha aqui? Eu disse não! Pra quê? A senhora não tem fé não? Eu disse: tenho, mas eu não quero! Ele chegou e disse assim: a senhora quer ver uma coisa? Que eu tô falando mentira, a senhora meta a tesoura nesse cabelo e corte! A senhora vai pra cima da cama pra nunca mais levantar! Eu disse: Deus é mais forte! Por que eu vou cortar meu cabelo?<sup>163</sup>

A mescla entre a vida cotidiana e a esfera religiosa é clara nos falares da senhora Celina que paralelo ao fazer charutos tem ao seu redor diversas entidades à resguardando, segundo um observador. É notória a forma satisfeita como que Celina recebe a informação. Ainda transparece uma crença acerca das potencialidades de sua fé personificada, segundo o observador a partir da cabeça. Nas religiões afro-brasileiras, existe uma forma muito particular de conceber a representação da cabeça – o ori. Nela estaria concentrada toda a energia vital dos indivíduos: é o lugar que simboliza, nos rituais de iniciação do Candomblé, a penetração das forças. Segundo o observador, caso a Rezadeira não tivesse cuidado com sua cabeça, poderia implicar no desfalecimento de seu corpo em todas as dimensões compreendidas do ser.

O anjo de guarda que eu tenho [...], tem gente ai que é do Candomblé que o santo é feito, eles faz santo e meu anjo de guarda é de nascimento e do anjo de guarda que eu tenho se eu começar a ir pra qualquer lugar, freqüentar qualquer casa é capaz de nego roubar meu anjo de guarda e rouba mesmo! Eu não freqüento candomblé! E outra coisa que ele disse a mim [*fazendo referencia ao caboclo*] que eu não deixasse ninguém tocar a mão em minha

<sup>161</sup> LODY. *Op.cit.* p.88-90.

<sup>162</sup> Depoimento da senhora Celina, já citado.

<sup>163</sup> *Idem.*

cabeça, porque meu anjo de guarda é de nascimento que é Xangô!<sup>164</sup>

Nesse sentido, continuou a senhora Celina a afirmar que muitos seguidores do Candomblé não nasceram com o dom da mediunidade e tendem a fazer o santo. Em sua concepção fazer o santo está vinculado a concessão da mediunidade, no caso dela teria sido designada desde o nascimento, portanto, sem que houvesse a necessidade de passar por esse ritual iniciático. Assim, mesmo silenciosa quanto à participação e crenças nos cultos afro-brasileiros, a Rezadeira tendeu a reconhecer sua força, nesse caso representando pela entidade Xangô. É fato que a relação estabelecida entre a senhora Celina e os cultos afro-brasileiros está condicionada a entidade do orixá, nesse sentido, não se relacionando com a instituição do Candomblé.

Sobre o assunto o senhor Malaquias Santos, popularmente conhecido como Dorico, lavrador e Rezador concedeu importante depoimento acerca de sua visão sobre o Candomblé:

Sou católico, graças a Deus! Acredito em santo, graças a Deus! Eu sou de Ogum [...] E muito eu comemoro. Agradeço dedico minha reza pra ele, ele me agradece e vou passando a vida, me dando força e mais e mais [...] Candomblé? Não, não senhora [...] Freqüentei uma vez para nunca mais! É do sujo, ali é do sujo, não acredito! De jeito nenhum, não quero conta!<sup>165</sup>

Mais uma vez, o orixá do Candomblé é tratado como se fizesse parte do universo religioso católico, o senhor Dorico, inclusive, dedica suas rezas, suas súplicas a Ogum que, segundo ele, é o grande intercessor diante de Deus. Em seguida, o Rezador evidencia seu desprezo ao Candomblé, reproduzindo uma visão estereotipada e maniqueísta do que seria, em sua opinião, o culto, ressaltando a ligação religiosa dos cultos a algo diabólico. O depoimento evidencia a ligação de Rezadeiras e Rezadores as entidades presentes nos cultos do Candomblé. Obaluaê, Xangô e Ogum são habilitados nas narrativas como nítidas referências das representações da fé que transcendem as amarras institucionais. Deduz-se que Rezadores para vivenciar e praticar suas religiosidades independe da possível iniciação e/ou filiação institucional, ademais o vínculo existente entre eles e as

---

<sup>164</sup> *Idem*,

<sup>165</sup> Depoimento do senhor Dorico. Entrevista concedida em 11 de fevereiro de 2010.

divindades, por si só, oportunizam a intercessão necessária nos momentos almejados.

Observa-se uma forte ligação entre os depoimentos supracitados, pois convergem principalmente na *fluidez* com que concebem as suas práticas religiosas ao agregar devoções. Em termos devocionais, há aspectos dos cultos afro-brasileiros presentes no cotidiano dos benzedores impossíveis de serem invisibilizados.

Contudo, na contramão dos silenciamentos em torno das revelações de pertencimento ao mundo religioso afro-brasileiro e o imbricamento cultural presente nas benzeções e práticas religiosas, a Rezadeira Merú nos informou: “Sou católica, tenho devoção a santo, Santo Antônio. Sete flechas, Dona Oxum, a princesa do mar, todos os orixás.”<sup>166</sup> A fala deixa evidente essa interpenetração cultural, pois a Rezadeira se autodenomina católica, justamente pelo caráter flexível que concebe a religião, fruto, sobretudo, da incorporação das diversas concepções culturais. A fluidez com que a senhora Merú assinala sua relação com os devotos *Santo Antônio*, santo reconhecido pela Igreja Católica, *Sete Flechas* (o caboclo), e *Oxum*, orixá das religiões tradicionais africanas ou do Candomblé, nos leva a acreditar que o “sincretismo é fluído e móvel, não é rígido e nem cristalizado.”<sup>167</sup> A interpenetração cultural defendida por Roger Bastide corrobora essas aproximações entre os diversos elementos religiosos.

A possibilidade de a Rezadeira Merú poder ser devota do santo católico, do caboclo e do orixá do Candomblé, a um só tempo, revela aspectos religiosos existentes entre algumas religiões tradicionais africanas, as quais zelam pela inserção de novos elementos culturais e, ao contrário da cultura ocidental, não separam elementos culturais nem religiosos, mas incluem, somando novos símbolos e ritos.<sup>168</sup> Portanto, nessa visão de mundo, é possível, sim, a Rezadeira ser católica e ao mesmo tempo resguardar práticas dos cultos afro-brasileiros, sem que isso represente um conflito identitário.

---

<sup>166</sup> Depoimento da senhora Merú, já citado.

<sup>167</sup> BASTIDE, Roger. *Op.cit.* p.370.

<sup>168</sup> HAMPATÉ BÂ. *Op.cit.*

**3.2 “São Cosme é um bichinho sabido, ninguém se engane. Vai brincar com ele [...] Prometeu tem que cumprir!.”: Devoção aos santos gêmeos, Cosme e Damião.**

São Cosme e São Damião são santos católicos com grande receptividade entre a população afro-brasileira do Recôncavo Baiano. Por ocasião do Brasil colonial, os santos foram *associados* aos Ibejís, entidades gêmeas do Candomblé. Apesar do catolicismo tido como oficial<sup>169</sup> venerar a figura de Cosme e Damião como santos adultos e que dedicaram a vida a praticar a medicina caridosa, os mesmos *correspondem* a entidades infantis nos cultos afro-brasileiros, e assim são venerados pela maior parte de seus devotos: os santos meninos.

Nos dias de comemoração, 26 de setembro (data consagrada pela igreja católica para as homenagens) e 27 de setembro (data em que ocorrem as comemorações nos terreiros de Candomblé e Umbanda), seus devotos geralmente ofertam doces, balas, pirulitos, pipocas para alegrar a meninada ou preparam e ofertam o tradicional caruru de sete meninos. O culto aos santos gêmeos teve início no século XVI, sendo trazido para o Brasil pelos portugueses. Com o passar dos anos, os santos que se tornaram padroeiros dos médicos, dos farmacêuticos e dos cirurgiões, foram rejuvenescendo e aos poucos se identificando com os mitos africanos: o orixá Ibeji, responsável pelo nascimento de gêmeos entre os nagôs. É importante pensar que os novos contatos culturais de uma sociedade mestiça favoreceram a infantilização dos santos.<sup>170</sup>

É nesse contexto de devoção que podemos notar o envolvimento de Rezadores e Rezadeiras nos festejos aos santos gêmeos e a popularidade que estes têm. Indiretamente, a forma pela qual se dá a veneração dos santos gêmeos nos remete a elementos presentes nos cultos afro-brasileiros, que historicamente foram incorporados ao catolicismo através das trocas culturais. As Rezadeiras vivenciam essas diversas trocas culturais, sobretudo em função da presença marcante dos elementos africanos no Brasil. Entretanto, algumas apresentaram certo menosprezo em reconhecer as possíveis origens da benzeção, bem como se

---

<sup>169</sup> Entende-se por catolicismo oficial aquele imposto pelos portugueses a colônia brasileira reconhecendo a superioridade religiosa de Roma. Consultar: COUTO. *Op.cit.* p.47.

<sup>170</sup> LIMA, Vivaldo Costa Lima. *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África*. Salvador: Corrupio, 2005. p.15.

demonstraram um tanto quanto preconceituosas ao relegar para segundo plano as religiões que descendem dos africanos/as.

Ora, apesar de algumas Rezadeiras possuírem concepções conservadoras acerca dos cultos afro-brasileiros, todas elas demonstraram grande afinidade aos santos Cosme e Damião e os festejos existentes nas celebrações dos santos gêmeos. Essa *harmonia* e devoção serão, a partir de então, analisada. Os santos gêmeos conseguiram adentrar nesses espaços da *cultura popular* com relativa facilidade. Veja o que noticiou a Rezadeira Celina: “O São Cosme era de meu pai, mas eu era uma filha tão amada de pai que ele já tava velhinho, ele me entregou o São Cosme que eu adoro desde mocinha.”<sup>171</sup>

A relação estabelecida entre a senhora Celina e o São Cosme foi feita antes mesmo de seu nascimento, pois a devoção de seu pai remontava longa data. Assim, o vínculo entre o santo era de cunho familiar e de aliança, na qual existia uma relação permanente de devoção e proteção entre eles, membros da família. As celebrações feitas em homenagem aos santos gêmeos existiam de maneira incondicional e não por razões de promessas ou pedidos de favores.<sup>172</sup> O São Cosme deveria proteger a família da senhora Celina independentemente das solicitações.

Ainda nesse contexto, a mesma Rezadeira confidenciou que após ter muitas perdas, num mesmo momento da vida, decidiu que não mais celebraria e/ou tomaria conta do São Cosme e Damião herdado pelo pai, tomando uma difícil decisão de se desfazer da imagem dos santos. Ela relatou:

Ôh mãe! Eu vou entregar esse São Cosme a esse povo pra rezar e dançar e vou entregar o meu que era de papai. Eu troco o meu São Cosme pra ter samba, porque meu povo todo era sambador de fama, meus irmãos, meus primos do Portão tudo era samba mesmo pra valer! Quando foi de noite que eu deitei, eu sonhei que papai disse assim: Olhe minha filha! Eu entreguei meu São Cosme foi a você não foi? O São Cosme é seu! Por isso que eu rezo até hoje! Sou a cabeça do São Cosme! Agora cada qual quiser ajudar ajude, mas quem resolve tudo é eu porque ele me entregou o São Cosme.<sup>173</sup>

<sup>171</sup> Depoimento da senhora Celina, já citado.

<sup>172</sup> OLIVEIRA. 1985.

<sup>173</sup> Depoimento da senhora Celina. Entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2010.

O possível ato de repassar a imagem do São Cosme e Damião que, historicamente, pertencia à família da senhora Celina, sendo que o seu último dono, anterior a posse da Rezadeira, foi seu pai, Rezador renomado na cidade em que residia, implicaria nas cobranças, inicialmente transpostas pelo pai e, posteriormente, as sanções poderiam partir dos próprios santos.

Observa-se ainda que o culto aos santos gêmeos é justificado por diversos motivos e razões. A Rezadeira Teka<sup>174</sup> iniciou o culto aos santos por ter tido netas gêmeas e, na busca por saúde e proteção para as meninas, resolveu ofertar o caruru como possível forma de selar aliança com os santos. No caso da senhora Neném, ela foi aconselhada a fazer a oferta do caruru a fim de *abrir seus caminhos* e ter mais prosperidade na vida. Vejamos o que informou a Rezadeira:

O negócio pegava [...] Não podia dormir de noite, aquele negócio, aquele sono na minha frente [...] Ai eu fui lá em Carmelita, ela mandou eu fazer! Que eu fizesse o caruru ficava bom. Ai eu comecei fazer, fiz até sete anos, de sete anos eu parei, porque Ovídio morreu, quem era a cabeça era Carlinhos [*o filho*], morreu também. Mas, a vida melhorou, melhorou sim!<sup>175</sup>

Após a realização do caruru, a senhora Neném diz que realmente as melhoras foram obtidas, assegurando os bons resultados. Segundo ela, bastou somente agradar os santos, que logo puderam interceder em sua vida e promover melhoras. Ainda no depoimento, a senhora Neném fez menção à senhora Carmelita que, para a maioria dos depoentes, se tratava de uma médium que concedia orientações espirituais.<sup>176</sup>

A representação de oferecer comida aos santos nos terreiros de Candomblé visa estabelecer vínculos e selar comunicação entres os devotos, antepassados e a natureza. É amplo o conceito *de comer, dar de comer* no âmbito físico e espiritual.<sup>177</sup> Nesse sentido, as recomendações da médium Carmelita à Rezadeira Neném para que ofertasse o caruru a São Cosme e Damião, serviu também para selar uma aliança da Rezadeira como os santos, mantendo o equilíbrio entre as trocas simbólicas de força.

<sup>174</sup> Maria Custódia Cerqueira da Silva. Apelido dona Teka. 73 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Queimadas, zona rural do Município de Governador Mangabeira.

<sup>175</sup> Depoimento da senhora Neném. Entrevista concedida em 14 de julho de 2007. Grifo nosso.

<sup>176</sup> Sobre a médium Carmelita, ainda nesse capítulo dedicaremos um item para melhor discutir os significados de sua presença e intervenção na vida religiosa e curativa do Recôncavo.

<sup>177</sup> LODY. *Op.cit.*, p.62-63.

A atuação dos santos entre uma parcela da população era, também, imprescindível à cura de enfermidades. Festejar São Cosme e Damião era vital entre Rezadeiras e Rezadores, na medida em que acreditavam que a omissão por parte de qualquer uma delas pudesse acarretar desequilíbrios em suas rotinas diárias. As Rezadeiras concebiam a existência de um vínculo eterno entre elas, devotas, e os santos, não podendo haver o rompimento da aliança firmada, pois, caso acontecesse, as mesmas estariam sujeitas a possíveis cobranças.

Nessa atmosfera de devoção, a Rezadeira Merú narrou uma determinada situação que foi por ela identificada como possível *castigo* dos santos gêmeos, ao terem sido momentaneamente ignorados:

Eu adoeci, ai o médico Dr. Valdi mandou buscar uma moça em Conceição de Feira porque não sarava a doença de jeito nenhum. Fiquei cega e alejada, ai a doença não sarava de jeito nenhum, o braço não saia, ficou alejado! Ai voltou, ai ele mandou buscar essa, essa mandingueira quando ela chegou passou os banhos. Com esses banhos fiquei boa, ai acordei, ai pronto acordei! Disso pra cá, eu não queria cuidar peguei sofrendo muito, cuidado! Agora só deixo quando morrer! E digo a minhas irmãs se tiver qualquer [...] Vai pro médico não dá jeito porque tem muito médico de espiritismo que já avisa logo: procure uma folhinha pra tomar um banho porque sua doença não é aqui. Pois é peguei a dá o caruru com 17 anos, quando parei adoeci!<sup>178</sup>

A depoente narrou o fato como nítida expressão das cobranças feitas por São Cosme e Damião, ao terem sido ignorados por ela, ocasionando a quebra de um vínculo firmado. Segundo ela, só conseguiu visualizar a situação após a manifestação da doença, seguida da interferência de outras pessoas *entendidas do assunto*. A fala ainda revela a curiosa situação em que um médico dá orientações à paciente para que se sirva dos serviços de uma *mandingueira* no combate da doença. Tal situação nos remete a pensar que o Dr. Valdir possuía aproximações e crenças com os cultos afro-brasileiros, reconhecendo, inclusive, as limitações que a ciência médica possuía no combate a determinadas *doenças*.

É inegável que muito das funcionalidades das ervas foram apropriadas pelas ciências médicas oficiais, prova são os médicos utilizarem do conhecimento empírico que estavam na égide das camadas populares para livrar os enfermos de doenças. No depoimento supracitado o Dr. Valdir intercede no processo curativo da

---

<sup>178</sup> Depoimento da senhora Merú, já citado.

senhora Meru não fazendo uso dos receituários das ciências médicas oficiais, mas recomendando uma curandeira que diante dos fatos, ao que parecia estava mais apta do que ele para livrar a enferma do desequilíbrio não somente físico, mas espiritual. Nesse caso, através da manifestação da doença, a Rezadeira pôde visualizar os maus fluidos que tumultuavam sua vida, ao tempo em que recorreu a explicações que não conseguia encontrar no plano físico:

A doença, enquanto expressão da negatividade absoluta, se torna paradigma do conflito (social, moral, psicológico), do caos. Enquanto metáfora, que se manifesta no corpo físico, mas também no corpo social e no corpo astral. Evidentemente o fato de que as doenças afetem, de um modo geral, o vigor moral, a vontade pessoal, e conseqüentemente o fluxo da atividade cotidiana, facilita a associação da Doença-Desordem (associação sintetizada na expressão “doença espiritual”), permitindo ao indivíduo reinterpretar seu estado mórbido como uma experiência do sobrenatural, como uma interferência de forças espirituais em seu corpo e em sua vida.<sup>179</sup>

A doença desestruturou a vida da senhora Merú de tal maneira que a mesma procurou explicações científicas para dar conta da situação em que vivia, não conseguindo êxito, por fim, recorreu a uma explicação sobrenatural, que a forçou a rememorar os passos que havia dado nos últimos tempos acerca de sua displicência para com os santos gêmeos. A senhora Merú lembrou possíveis falhas em suas condutas enquanto fiel ao não cumprir uma obrigação firmada entre ela e São Cosme e Damião: a oferta do caruru todos os anos. Assim, o firmamento do vínculo entre os santos gêmeos e a Rezadeira e o possível rompimento acarretaram uma situação catastrófica, na qual ela perdeu os movimentos do corpo.

É possível entender a situação de instabilidade que fez parte da vida da senhora Merú diante do imbricamento existente entre seu cotidiano e a religiosidade praticada. Acredita-se que a estabilidade da vida dos indivíduos é regida por um equilíbrio de forças, seria a ação constante do sobrenatural diante da vida, protegendo o devoto, contanto que haja reciprocidade, na qual a alimentação do elo entre os planos deve ser cultivada, nesse caso, a obrigação aqui é elucidada pela oferta do caruru.<sup>180</sup> Uma vez violadas as forças protetoras, nesse caso os santos gêmeos, haveria a perturbação da organização do indivíduo. A senhora Merú,

---

<sup>179</sup> MONTERO. 1985. p.124.

<sup>180</sup> HAMPATÉ BÂ. *Op. Cit.*

portanto, quebrou o equilíbrio existente entre ela e os santos gêmeos, com os quais possuía um vínculo de oferta e proteção, o que acarretou a desordem e o desequilíbrio na saúde.

No imaginário das populações afro-brasileiras, Cosme e Damião são entendidos como santos, cuja impulsividade e vaidade rememoram as crianças, portanto os santos meninos não gostam de ser contrariados e, caso alguém lhes prometa algo, deverá cumprir o mais rápido possível, pois não admitem interrupções nas ofertas. Notamos que, apesar de serem vistos como santos católicos, São Cosme e Damião são agradaos e venerados como o Ibejé do Candomblé, apesar de não haver um culto específico para eles na atualidade.

Ora, Cosme e Damião, santos católicos, em nada têm a ver com os Ibejés do Candomblé que gostam de doces, balas e caruru, afinal eram, segundo a tradição, médicos nascidos na Arábia, cristãos, portanto seus agrados no mínimo se distanciariam de todos esses adorados pelos Ibejés. Na verdade, sabe-se que tais práticas de agrado ao Cosme e Damião católicos, efetuadas de maneira idêntica às que são destinadas aos orixás do Candomblé, surgiram a partir da interpenetração cultural advinda do Brasil colonial.<sup>181</sup>

Nesse contexto, há quem acredite fielmente que a forma de agradar Cosme e Damião seja ofertando doces e caruru. Mas, se tomarmos como ponto de partida a distribuição do caruru, por exemplo, em nenhum aspecto mantém aproximações com a cultura européia, tampouco é um prato típico da Arábia, onde nasceram os santos. Do mesmo modo, pensar na simbologia do caruru e os elementos que o compõe, como, por exemplo, o azeite-de-dendê, encontraremos marcas do *mundo africano*, que por ora encontra-se imbricado nos festejos aos santos gêmeos.

Nesse sentido, o Rezador Jovino nos circunstanciou:

Já participei e já fiz muito caruru! Aqui mesmo, matava três pintinhos, fazia três pratinhos e botava num lugar com um bocado de coisas de noite a gente comia, sambava, no outro dia pegava aquele três pratinhos chegava lá no mato e botava, lá os bichos comia, os cachorros comiam. Na vida era assim que a gente fazia! Já rezei muito anos. Acredito tanto que isso aqui foi da dona dele esse terreno aqui. Ai eu comprei o terreno ela me deu o São Cosme e São Damião que ta ali. Todo ano eu fazia a reza, agora o São Cosme que foi dono disso aqui quebrou o braço. Nair levou chegou lá em Bom Jesus da Lapa no lugar onde coloca o santo, lá botou e

---

<sup>181</sup> LIMA. *Op. Cit.*

trocou outro lá e trouxe pra colocar no lugar. Esse é mais novo, ta no uso mais moderno!<sup>182</sup>

O Rezador Jovino, na sua narrativa, aponta para um elemento curioso quanto à oferta do caruru a Cosme e Damião: é costumeiro entre os habitantes do Recôncavo ofertar três pratos de caruru ao invés de dois, que seria uma representação mais fiel à figura dupla dos santos, o que denota a extensão da oferta a um terceiro integrante que, na tradição trazida ao Brasil pelos iorubás, trata-se de Idoú, a criança que nasce após o parto de gêmeos. Este, por sua vez, é tido como teimoso e muito levado, sendo necessário que a oferta aos santos gêmeos se estenda a ele também.<sup>183</sup>

Embora haja essas dissonâncias, a população desconhece tais informações e utiliza o caruru de sete meninos como uma nítida forma de agradar aos santos. De fato, a crença em Cosme e Damião é reforçada pela presença dos elementos *sincréticos*, a própria agilidade nas realizações dos pedidos direcionados aos santos católicos é entendida como fruto dessa agilidade infantil que remonta aos Ibejís: “São Cosme é um bichinho sabido, ninguém se engane. Vai brincar com ele [...] Prometeu tem que cumprir.”<sup>184</sup>

Ao nos referirmos à religiosidade de Rezadeiras e Rezadores, devemos nos preocupar em não cometer generalizações, pois o mundo das benzeções é bastante amplo e complexo, podendo abarcar diversas concepções culturais e religiosas a depender do indivíduo participante.

Para Burke, em seus estudos acerca do hibridismo cultural, ao nos defrontarmos com o que possivelmente diz respeito a duas tendências culturais distintas, não devemos ter a falsa impressão que se trata de práticas antagônicas que jamais poderão dialogar entre si, muito menos devemos tentar entendê-la de forma separada, pois “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural.”<sup>185</sup>

Portanto, no contexto das benzeções, definir até que ponto o culto aos santos gêmeos trazem elementos do mundo afro-brasileiro ou do catolicismo é uma empreitada difícil de resolver; contudo dentro desse universo é possível identificar

<sup>182</sup> Depoimento do senhor Jovino, já citado.

<sup>183</sup> LIMA. *Op.cit.* p.23 -27

<sup>184</sup> Depoimento da senhora Celina, já citado.

<sup>185</sup> BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo – RS: Unisinos, 2003. p.16.

elementos presentes nessas duas tendências culturais. Ora a Rezadeira, tida como católica, recorre a uma médium – denominação mais amena, para muitas depoentes, que curandeira – ora frequenta assiduamente às igrejas católicas.

### 3.3 “[...] Eu já vi umas passagens de Caboclo que dá pra acreditar!”: A presença do Caboclo

Se ao perguntar às Rezadeiras e aos Rezadores o que pensavam acerca do Candomblé acarretou divergências, quando a mesma pergunta foi direcionada a respeito da entidade do Caboclo, as opiniões foram diferenciadas. O Caboclo tenderia a ter grande receptividade entre todos. De acordo com as fontes, a figura do Caboclo se fez presente no universo de crença sem nenhuma restrição ou ao menos preocupação de ser revelada. Veja o que nos informou mais uma vez o Rezador Jovino: “Bom ai agora [...] a minha religião é o catolicismo mesmo, sou Católico! Minha senhora eu já vi umas passagens [...] Credito! Eu credito porque eu já vi umas passagens de caboclo que dá pra acreditar!”<sup>186</sup>

Católico declarado, o senhor Jovino faz ressalvas no que concerne à crença nos cultos afro-brasileiros, contudo, em se tratando do Caboclo, é enfático ao mencionar sua crença no mesmo, revelando, inclusive, que em determinado momento da vida se fez valer dos receituários do Caboclo Boiadeiro. É possível que o caboclo se apresentaria na vida religiosa dos trabalhadores/as como uma entidade mais próxima das necessidades básicas. Devemos pensar que, para além das ressalvas religiosas historicamente construídas acerca dos cultos afro-brasileiros, o distanciamento que os orixás mantêm quando comparados à entidade do caboclo no cotidiano das pessoas, pode ter contribuído para a maior identificação e aproximação dos trabalhadores para com este último.

Segundo a Rezadeira e Ilalorixá Diu, as diferenças entre caboclo e orixá são nítidas. Ela assinala: “Tem as duas divisões: O orixá não fala, não canta, quem canta pra orixá é Ekede, é Ogan, é o pai de santo, a mãe de santo. Já o caboclo fala, bebe, fuma. Essas coisas tudo o caboclo faz.”<sup>187</sup> Comumente, o Caboclo

---

<sup>186</sup> *Idem.*

<sup>187</sup> Depoimento da senhora Diu, depoimento já citado.

aconselha, sugere, tende a interceder cotidianamente na vida dos indivíduos em qualquer problema de ordem econômica, afetiva e/ou de saúde. Fato interessante é a associação do mesmo a uma ascendência indígena, executaria, pois, práticas religiosas que estariam isentas de qualquer influência negra.

A aproximação com o mundo indígena faz do caboclo uma entidade genuinamente brasileira, pois teriam sido os índios os donos da terra. No entanto, diante da diversidade de Caboclos existentes nos ritos religiosos, observa-se que alguns apresentam elementos próximos dos cultos afro-brasileiros, o que sugere uma aproximação de práticas culturais. Seria o Caboclo a representação de uma entidade ameríndia, que respeita o culto aos ancestrais e antigos donos das terras brasileiras incorporados a elementos do mundo africano.<sup>188</sup> Assim, a figura de *Boiadeiro*, *Sete Fechas*<sup>189</sup> e *Suldão das Matas*<sup>190</sup>, dentre outros, teria sido a (re)significação da ancestralidade ameríndia incorporada a elementos do mundo africano. Nesse sentido, a senhora Neci concedeu importante depoimento a respeito da ancestralidade dos espíritos caboclos no Candomblé da Bahia:

É isso que eu lhe digo: Todo mundo do keto tem caboclo, porque a África não existe índio, na África não tem índio [...] Não tem que ter caboclo. Nós do keto fazemos festa de caboclo por quê? Porque estamos no Brasil, respeitamos os donos da terra, que são os índios. Então qual é o dia que todos terreiros de Candomblé tão fazendo festa pro caboclo? Dois de julho, a maior parte dos candomblezeiros faz, dois de julho, quem não faz dois de julho faz após, mas faz.<sup>191</sup>

O respeito à entidade aqui encontrada é visualizada na fala da senhora Neci que destaca a importância e necessidade de resguardar aqueles que tiveram a posse da terra. Fez-se necessária a concessão dos espíritos ancestrais para que houvesse o culto a *novas* entidades nessa terra. O caboclo, apesar da simbologia indígena representada, seria a (re)elaboração do culto negro aos ancestrais.<sup>192</sup>

No âmbito da recorrência e importância atribuída à entidade do caboclo entre alguns moradores do Recôncavo baiano, sobretudo aqueles que desempenham lugar de destaque na pesquisa (Rezadeiras e Rezadores), surgiu nas

<sup>188</sup> Consultar: SANTOS, Jocélio Teles do. *O dono da terra: O caboclo nos candomblés na Bahia*. Salvador: Sahar Letras, 1995.

<sup>189</sup> Entidade do caboclo.

<sup>190</sup> Entidade do caboclo.

<sup>191</sup> Depoimento da senhora Neci. Entrevista concedida em 11 de maio de 2010.

<sup>192</sup> SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes, 1988. p.57.

falas de muitos a intercessão de uma médium, cuja moradia ainda hoje se localiza na zona rural do município de Governador Mangabeira. Trata-se da senhora Carmelita que, de acordo com as fontes orais, desde muito tempo prestou caridade àquela comunidade através da incorporação do Caboclo Boiadeiro, o qual costumava receitar, sugerir, aconselhar e/ou curar muitos aflitos pelas mazelas orgânicas e espirituais. As falas que evidenciam as ações da médium Carmelita, sob a manifestação do seu Caboclo Boiadeiro, sempre são marcadas pela gratidão e eficácia das recomendações feita.

Conheço. Freqüentei já me receitei, eu credito no Caboclo porque eu tava com um negócio que me deu um dor de cabeça, todo dia essa dor de cabeça que eu não me guentava e aquele arrepio, eu cheguei lá Boiadeiro me disse que era sombra de morto [...] E eu tinha uma camarada, era camarada mesmo, tudo que eu fazia em casa ela vinha me ajudar, eu podia ir pra casa de farinha de noite ela ia junto comigo. Ela morreu, as vezes eu tava sentada assim, tinha um pé de jaqueira, ela chegava correndo e avoava, pegava por aqui no meu pescoço,[...] Não dormia de noite! Desapareceu, eu credito porque desapareceu[...] Ela fez limpeza! Eu comprei as coisas e ela fez a limpeza mandou eu colocar nas águas e fiquei boa[...]Depois ela disse pra eu não ir na casa de quem morria, cumpade Zezinho morreu, cumade Santa morreu lá nas Queimadas eu fui! Voltou tudo de novo! Eu não creditei não foi? Tudo de novo [...] Eu credito!<sup>193</sup>

A senhora Neném credita o afastamento do encosto <sup>194</sup> de uma amiga ao receituário de banhos que o Caboclo Boiadeiro por intermédio da médium Carmelita a recomendou. A limpeza feita e despachada na água corrente foi, naquele contexto, de grande importância para o restabelecimento do equilíbrio espiritual. A entidade do Caboclo faz atendimento nas chamadas mesas de caridade em sessões. Geralmente esses espaços de atendimento dizem respeito a um quarto da própria residência da médium. Nesse caso, a manifestação da entidade independe de um espaço preciso, com territorialização e funções hierárquicas definidas, como no terreiro de Candomblé, para que haja a manifestação dos orixás. Nota-se também a aproximação da entidade com elementos da natureza, nesse caso, para além do

<sup>193</sup> Depoimento da senhora Neném. Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2010.

<sup>194</sup> Espírito de morto ainda preso à matéria e que produz perturbações nas pessoas em que encosta. O mesmo que alma penada, na tradição do catolicismo popular. Ver: MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986. p. 59-60.

receituário de ervas recomendadas, tem-se a simbologia da água corrente capaz de restabelecer o enfermo.

A senhora Aurelina, conhecida como dona Preta, residente no município de Governador Mangabeira desde o ano de 1965, que por ocasião já havia tido cinco de seus doze filhos, descreveu, o que segundo ela era a médium Carmelita:

Conheço sim Carmelita. Eu ia pra Carmelita. É uma médium, porque ela é vidente, vê as coisas sem precisar [...] Rezava, ensinava remédio, essas coisas tudo. Eu creditava nela porque muitas vezes botei meus filhos e deu tudo bem! Quantas vezes ficava ruim os médicos não dava jeito, levava pra ela lá em Queimadas, ela passava remédio ficava bem. Ela recebe o caboclo dela.<sup>195</sup>

Acredito que a senhora Carmelita seja uma espécie de curandeira que incorporava o Caboclo e outras entidades ligadas ao culto doméstico. No que concerne ao atendimento domiciliar comumente feito por ela, observa-se que ele tende a deixar de lado diversas práticas culturais presentes nos terreiros de Candomblé tradicionais, os quais possuem uma estrutura mais complexa, sobretudo em função dos diversos indivíduos presentes na hierarquia do terreiro.<sup>196</sup> A médium Carmelita possuía um quarto dentro de sua própria casa destinado a fazer as consultas, lá se poderia encontrar desde a imagem de Caboclos, a uma diversidade de santos católicos e orixás.

O pesquisador Denílson Lessa Santos, em sua dissertação de mestrado, discutiu a atuação dos Caboclos em algumas cidades do Recôncavo baiano, ressaltando sua influência no processo de cura entre os indivíduos. Assinalou, ainda, que tal prática cultural, por diversas vezes, esteve relacionada ao culto doméstico.<sup>197</sup>

Segundo Jocélio Teles, uma das principais diferenças entre o Caboclo e o Orixá é que o orixá não pode ser invocado a qualquer momento, já o Caboclo intercede de forma mais constante na vida dos indivíduos.<sup>198</sup> Nesse sentido, vejamos o que nos informou a Rezadeira Merú:

---

<sup>195</sup> Depoimento da senhora Preta. Entrevista concedida em 06 de agosto de 2007.

<sup>196</sup> Consultar: SANTOS. 1995. p.62.

<sup>197</sup> SANTOS. 2005. p.199-207.

<sup>198</sup> SANTOS, 1995.

Acredito nos Caboclos, recebo Sete Flechas e Boiadeiro; Boiadeiro é um vaqueiro e Sete flechas é um índio. O pessoal acha que ajuda é só chamar por eles, pessoas que já estavam bem desorientadas, ta aqui na minha casa boa [...]. O Caboclo receita banhos, dá conselhos, faz o que Deus dá licença. É só rezar que ele se manifesta [...] Ou se tiver alguma coisa muito perigando aqui na frente. Deus livre e guarde! Se tiver uma pessoa perigando, ele recebe para desafugentar aquele mal.<sup>199</sup>

O depoimento concede visibilidade à espontaneidade pela qual o Caboclo se manifesta intercedendo cotidianamente na vida dos indivíduos. É possível que o acesso ao Caboclo seja *facilitado* quando comparado ao orixá que geralmente se comunica inicialmente com o pai ou mãe de santo, Ogã ou Ekede.

A manifestação do Caboclo é algo singular, que não tende a passar pelo processo de feitura, como o orixá: o Caboclo não necessita de iniciação, simplesmente se manifesta, geralmente atrelado ao desfalecimento orgânico da *matéria*. Entretanto, como toda entidade religiosa, ele precisa de cuidados. A Rezadeira Merú contou com detalhes como o Caboclo se manifestou em sua vida:

Ai respondeu ou cuidava ou me matava, tenho muita testemunha por isso [...] as pessoas mais velhas falavam: vambora cuidar, vambora cuidar [...]. Ai eu fiquei indecisa e ai comecei. Como cativo não se governa, eles me panhavam e faziam mesmo [...] ai foi devagar, devagar fiquei boa, me levaram pra o médico ai, tem coisas que eu não vou falar não viu! Eu fiz isso [*deu banana ao espírito*] ai quebrou meu braço não teve médico que tirasse, levei um mês e 27 dias com o braço daqui ó! Estufado um osso aqui, eles só tirou quando eles quiseram, quando Sete flechas quis tirou meu braço , não teve médico que tirasse tá certo! Minha cara pocou ficou toda dessa cor, isso aqui descascou tudo ai. Sarou quando eles quis com ervas. Ele foi pegaram a eva e trouxe botou numa bacia virgem fez o remédio e sarou.<sup>200</sup>

A fala supracitada elucidada a relação *belicosa* que, *a priori*, se instalou entre a Rezadeira Merú e a entidade do Caboclo que insistia em se manifestar. Segundo ela, teria sido o caboclo Sete Flechas a primeira entidade a buscar seu espaço de legitimidade na vida da Rezadeira. Dessa forma, nota-se que, ao aceitar a manifestação do Caboclo, a Rezadeira Merú deu os primeiros passos para que houvesse o firmamento de um elo entre aquele que se manifesta e a matéria, numa dimensão de devoção, zelo e proteção.

<sup>199</sup> Depoimento da senhora Merú, já citado.

<sup>200</sup> *Idem*. Grifo nosso.

Ainda no âmbito das manifestações espontâneas do Caboclo, a Rezadeira Maria Nascimento, conhecida por Nascimento, também contribuiu para pensarmos nessa atmosfera de crença:

Eu comecei a trabalhar nessa área eu não sei nem como, eu tava nova, nem me lembro de data, de ano, mas me lembro que foi [...] Que o santo começava a me panhar, comecei a trabalhar com sessão, de sessão foi essa que até hoje ainda vez que dou minha sessão e minha festa existia desde nova, eu com idade de 10, 11 anos comecei dando caruru e tal e lá vai, La vai e nessa caminhada eu estou, eu sei que tô na faixa de uns 57 anos que dou o caruru, eu tava com 10 pra 11 anos, dessa idade.  
Eu tenho mais de 50 anos de santo menina, tem muitos anos [...] Por causa desse santo eu caia na taca, meu pai me batia pra danar [*sorri calorosamente*] Mas, o que Deus dá ninguém tira né Santa! [*olhando pra irmã*] Ave Maria quando o santo me soltava, papai me batia com aquelas tacas dura, dura de três pernas assim!<sup>201</sup>

O depoimento acima deixa transparecer a naturalidade com que o Caboclo se manifestou na vida das Rezadeiras antes mesmo da própria família se dar conta do que possivelmente estava acontecendo. A senhora Nascimento noticiou sanções a que esteve sujeita em virtude de possuir atitudes e comportamentos que fugiam de uma postura cristã esperada por seus familiares.

Para muitos pesquisadores e membros da família de santo, uma das características primordiais dos Caboclos é seu estado natural, ou seja, incivilizado. O Caboclo tido como ancestral dos ameríndios não poderia ser doutrinado, muito menos subordinado a ninguém. Nesse caso, toda e qualquer tentativa externa de manter o controle diante da entidade seria em vão, na busca de sua disciplinalização. Assim, a surra costumeira que a senhora Nascimento recebia ainda na infância, dada por seu pai, não foi suficiente para afastar a entidade da *matéria* que somente passaria a ser *controlada*.

Nota-se a atuação dos Caboclos no âmbito das práticas religiosas das Rezadeiras como elemento necessário para a compreensão de acontecimentos cotidianos que requeriam atenção especial e/ou maiores cuidados. Pela complexidade dos fatos, as possíveis soluções dos problemas que as acometiam transcendiam aos efeitos curativos das benzeções. Fazia-se necessário solicitar a

---

<sup>201</sup> Depoimento da senhora Nascimento. Entrevista concedida em 12 de fevereiro de 2010. Grifo nosso.

intervenção daqueles que conseguiam estabelecer mediações entre o mundo terreno e o sobrenatural, alguém de posse da tida como mediunidade.

### **3.4 “O boiadeiro trabalhava em benefício das pessoas.”: Uma médium chamada Carmelita.**

Nascida a dezoito de fevereiro do ano de mil novecentos e vinte, a senhora Carmelita dos Santos desempenhou importante papel na comunidade de Queimadas e toda a região adjacente no Recôncavo, caracterizada, por muitos, como grande líder espiritual que durante décadas resguardou e zelou a integridade física e espiritual de indivíduos num período no qual a medicina institucionalizada caminhava em busca de sua consolidação.

Através da incorporação do caboclo Boiadeiro pôde intervir diretamente no trato do corpo e da alma. Mulher negra, casada, mãe de seis filhos, natural da vila de Cabeças, atual município de Governador Mangabeira, passou a infância na comunidade de Queimadas, comunidade esta que ainda reside na atualidade e que dista do centro urbano cerca de quatro quilômetros. Declaradamente, intitulava-se como praticante da religião católica, deixando transparecer toda a sua empatia com os santos, guias e caboclos ao praticar seus atos devocionais.

De acordo com as fontes orais, o dom foi revelado ainda na infância mediante abalos sistemáticos na saúde: acredita-se que a entidade primava pelo seu zelo e que a senhora Carmelita pudesse aceitar e desenvolver sua mediunidade.

Há muitos anos foi revelado o dom, ela veio para o mundo pra trabalhar né! Sofreu porque não queria aceitar, mas depois viu! Tinha que aceitar mesmo, depois viu que foi um dom que Deus deu pra ela.

Ela não queria de jeito nenhum aceitar, tava doente, doente! Ai foi a algum lugar saber e disseram que só ia melhorar depois que ela cuidasse. Que começasse a trabalhar. Que nada! Não tinha os filhos ainda, tava nova!<sup>202</sup>

---

<sup>202</sup> Alderico Santos Oliveira. Apelido Piu. 55 anos de idade. Natural de Queimadas – zona rural de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Trabalhador rural e Babalorixá. Data de Nascimento: 06 de outubro de 1955. Entrevista concedida em 08 de junho de 2010. Filho de Carmelita.

A fala noticia o início da revelação da mediunidade da senhora Carmelita que teria sido alertada desde a infância. No âmbito da religiosidade é muito comum “a referência a um momento crítico revelador, em geral uma doença [...]”<sup>203</sup> são simbologias que ajudam destrinchar os significados das mais profundas marcas sociais. O depoimento supracitado ainda evidencia a necessidade em recorrer a alguém que possuía maior compreensão dos fenômenos religiosos, nesse caso, conseguindo elucidar os fatos que acometiam a vida da senhora Carmelita, causado-lhe desequilíbrio de desordem física e espiritual. Nesse caso a inclusão de Carmelita como membro da religiosidade deve ser enxergada como um sinal de revelação, para aqueles que se utilizam dos seus serviços.

O caboclo de minha mãe veio a terra pra trabalhar em favor do povo, entendeu? Cuidar, melhor dizer curar, era o caboclo curador, entendeu! Mas, caboclo Boiadeiro a coisa dele era boiar, né! Tomar conta das boiadas. Quando o caboclo Boiadeiro da minha mãe chegava aqui que boiava, lá no Torto<sup>204</sup> via, lá no asfalto ouvia [...] Ai o povo dizia: olha dona Carmelita começou a trabalhar.<sup>205</sup>

Com a possessão, existe a comunicação entre a esfera do sobrenatural e o mundo dos homens, através da incorporação das entidades espirituais num corpo de iniciados.<sup>206</sup> A incorporação de elementos nas sessões de Caboclo que se distancia da incorporação do orixá carrega elementos da Umbanda, em que os espíritos vêm ao plano material trabalhar, significando que sua descida a terra, através dos médiuns, objetiva prestar atendimento direto, dando conselhos, recomendações, passes e receitas, prestando, assim, caridade àqueles que precisam.<sup>207</sup> Sabe-se que a Umbanda surge posterior a organização do Candomblé no Brasil, e a partir de elementos do Candomblé associados a elementos do espiritismo têm sua origem fincada.

No âmbito dos preceitos religiosos católicos, a caridade também desempenha um papel de destaque. Geralmente a vida dos santos católicos é associada às práticas caridosas, “a caridade era a expressão não só do amor de

<sup>203</sup> CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Caboclos e pretos-velhos da umbanda. In: *Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados.* ( Orgs.) Reginaldo Prandi. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.p.296.

<sup>204</sup> Localidade da Zona Rural do município de Governador Mangabeira, nas adjacências da localidade de Queimadas.

<sup>205</sup> Depoimento do senhor Piu, já citado.

<sup>206</sup> Ver: MAGNARI. *Op.Cit.*, p. 29 - 30

<sup>207</sup> *Idem*, p.36.

Deus como também ao próximo, além disso, era um princípio que contribuía para a construção da chamada paz social.”<sup>208</sup>

A recorrência populacional ao caboclo Boiadeiro não se limitava aos segmentos sociais menos favorecidos, como nos circunstanciou a Rezadeira Diu:

Eu ia muito na sessão de dona Carmelita, conheço muitos anos, mais de 40 anos. Muito boa, uma pessoa que só fazia o bem pra todo mundo, não cobrava de ninguém é uma pessoa que hoje em dia eu considero como minha mãe, andei lá muitos anos, andei não, ainda ando qualquer coisa pra ir lá ela manda recado. Quem trabalhava lá era o caboclo, Boiadeiro, todo mundo de Mangabeira de político a qualquer um tinha que depender de Carmelita, isso ai eu andava lá e eles também e eu via!<sup>209</sup>

De fato, o caboclo é repleto de marcas sociais que o aproxima da população, identificando-o, sobretudo, com as camadas populares da sociedade brasileira. São, portanto, símbolos repletos de possibilidades. Mas, como acima mencionado, os receituários do Caboclo não se limitavam a um grupo fechado, a um pertencimento de classe somente, pois no depoimento supracitado fica clara a participação de outros grupos sociais ao freqüentarem as sessões da médium Carmelita. O senhor Alderico Santos, apelidado de Piu, filho da médium Carmelita, também contribuiu para nossa discussão ao traçar o perfil dos freqüentadores das sessões de caridade de sua mãe:

Não! Rico, pobre, a Mangabeira em peso vinha aqui, os ricos pra ninguém ver aparecia mais a noite, esses políticos tudo passava na mão dela: João Mamona, Zé Santana, Agnaldo, o pai de Pimentel, todos eles. Amando da farmácia que faleceu há muito tempo que também foi delegado, eles todos.<sup>210</sup>

Dessa forma, a senhora Carmelita gozava de um exímio prestígio nas diversas escalas sociais: lideranças políticas do município, por exemplo, eram assíduos freqüentadores da sessão de sua mãe. Segundo os relatos, não havia distinção no tratamento dispensado pela médium aos diversos seguimentos sociais que a procuravam.

---

<sup>208</sup> OLIVEIRA. 2008. p.121

<sup>209</sup> Depoimento da senhora Diu, já citado.

<sup>210</sup> Depoimento do senhor Piu, já citado.

Nesse contexto, o Rezador Jovino contribuiu com o depoimento acerca do receituário emitido pela senhora Carmelita ao incorporar o Caboclo Boiadeiro, auxiliando na resolução de problemas em sua vida:

Já! Me dei bem na consulta que eu fiz com ela. Pois é! Eu já fiz e já me deu bem. A gente chegava lá dizia que ia fazer uma consulta às vezes ela entrava lá se manifestava quando ela tava manifestada ela mandava a gente entrar ai a gente entrava conversava mais ela, ela explicava algumas coisas e [...] Às vezes eu fiz uma consulta com ela e me dei bem.

Muita gente ia pra ela, porque algumas coisas que as pessoas ia lá ela conversava dava certo, uns ficavam acreditando ia passando pro outro e ai, ia juntando gente.<sup>211</sup>

O senhor Jovino relata a crença nas orientações feitas, apontando para o suposto motivo que explicava por que a residência da médium possuía sempre muitos freqüentadores. É possível que a exatidão dos receituários contribuisse para que a fama da médium se alastrasse pelo município em que residia, bem como por toda a região próxima. Contudo, a expressividade da religiosidade da médium Carmelita não se limitava à incorporação do caboclo e/ou o zelo pela saúde da população, mas se estendia a demonstrações públicas de fé ao zelar em forma de procissão por aquele que ela concebia como o seu protetor: São Roque, cuja correspondência nos cultos afro-brasileiros se trata de Obaluaê. Alguns membros da comunidade recordaram com bastante lucidez a devoção da senhora Carmelita ao santo e/ao orixá. Não se sabe ao certo quando começou a devoção e o ano em que a médium iniciou a procissão para homenageá-lo:

Ela fazia obrigação pra Cosme e Damião, dava oferenda a Ogum, a São Roque, Obaluaê, tinha uma procissão que era muito falada, entendeu! Na procissão [...] Você sabe onde é o início de Mangabeira, lá no asfalto? Eram três andores, o primeiro ia lá, o outro saia aqui de gente. Hoje em dia é difícil né! Existir esse tipo de devoção, porque hoje existem muitas religiões!<sup>212</sup>

Como se pode notar, existiam relações muito próximas da senhora Carmelita e as entidades sobrenaturais. É pretendido conceder maior destaque a sua procissão, que acontecia no mês de agosto em homenagem ao seu santo

<sup>211</sup> Depoimento do senhor Jovino, já citado.

<sup>212</sup> Depoimento do senhor Piu, já citado.

protetor São Roque, sincretizado como Obaluaê, de forma que permita refletir acerca dos possíveis significados da procissão para aquela comunidade que conseguia se mobilizar em números que, de acordo com as fontes orais, excediam aos 500 fiés.

As homenagens aos santos de forma pública eram importante vínculo de fé que oportunizava os indivíduos à identificação com o sagrado. Segundo João José Reis em seu livro *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, o baiano teria herdado dos europeus uma tradição barroca de celebrar a fé, esta, por sua vez, estaria atrelada às homenagens de rua, muito pomposas, o que evidenciava o compromisso firmado entre os devotos e os santos protetores.<sup>213</sup>

Ela saía daqui e ia pra o Bonsucesso andando, todo mundo andando em agosto em homenagem a Obaluaê, ela fez uma promessa porque ela ficou uma porção de tempo sem poder andar com reumatismo, aí ela fez a promessa a São Roque se ela andasse ela ia todo ano acompanhar, levar São Roque pra visitar Nosso Senhor do Bonsucesso, mas durou muitos anos viu. Ah! Eu era pequeno quando começou. Não lembro data, mas, não terminou não viu, só não vai para o Bonsucesso, mas a procissão ainda existe.<sup>214</sup>

A grandiosidade da manifestação da fé atraía diversos seguidores todos os anos. Normalmente, o santo homenageado na procissão contava com a companhia de outro. Ao homenagear São Roque, por exemplo, carregava-se, também, o andor com Santo Antônio. Os santos eram cortejados e saíam em direção ao encontro com o Nosso Senhor do Bonsucesso na cidade de Governador Mangabeira.

Dia de procissão, eles diziam assim: Olha cadê a dona da procissão? Cadê a dona da procissão? Tinha gente que vinha pra cá pela notícia do outro colega que convidava, mas não conhecia [...] E dizia: Eu quero conhecer a dona da procissão, outro dizia: eu quero conhecer a dona da procissão. Pra atravessar aquela pista dali, ahh minha filha tinha que colocar dois policiais! Um de cada lado.<sup>215</sup>

É possível inferir que a procissão feita pela senhora Carmelita tinha um poder de mobilização muito grande e, apesar de não ser uma procissão consagrada

<sup>213</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.49.

<sup>214</sup> *Idem*

<sup>215</sup> Depoimento da senhora Benedita Oliveira Conceição. 58 anos de idade. Natural de Queimadas – zona rural de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Dona de casa. Data de nascimento: 20 de março de 1953. Entrevista em 08/06/2010. Filha da senhora Carmelita.

como prática da igreja católica, pôde contar em alguns momentos com o auxílio do Padre ao celebrar a missa em louvor ao santo católico São Roque. Veja o que nos noticiou à senhora Inês:

Todo mundo fazia procissão aqui, não tinha igual a essa! Pra não dizer mesmo tinha missa aqui dentro dessa casa, padre José, aqui, reconhecimento muito grande. Ele em Muritiba é muito colega das sobrinhas dela, de vez em quando elas estão aqui, Dona Joana com as filhas, todas de vez em quando vem e ela é muito colega da igreja do Senhor do Bonfim em Muritiba. Agora que ela ta assim ela não pode, andar né! Ir na igreja, mas no dia da missa na procissão de São Roque ela vai de carro, chega lá é tirado do carro, senta ela quando terminou de celebrar a missa coloca ela no carro e volta. Enquanto existir a vida dela a procissão existe. Eu não sei como começou, só sei que foi afim de promessa, agora não sei como foi que ela fez a promessa, eu não entendo mais porque não foi do meu tempo quando cheguei aqui já encontrei.

<sup>216</sup>

Provavelmente, homenagear o santo ganhava vivacidade em função dos anseios dos devotos por novos protetores que ajudassem a enfrentar as dificuldades do cotidiano. São Roque é um dos santos mais populares da Bahia, sobretudo por causa da sua associação a Obaluaê, orixá responsável em conceder cura aos enfermos, guardador e zelador da contenção de doença e epidemias.

Era muita gente, eu já fui muitos anos, quase todo ano eu ia, quando ela podia fazer ela fazia pra o Bonsucesso , pra não contar de exagero daqui pra casa dela saia com umas 100 pessoas, ai por esse caminho ajuntando gente, ajuntando gente, quando chegava no Bonsucesso pra não contar de exagero chegava com umas 200 pessoas. Ai naquele saltada ali de Gov. Mangabeira pra encruzar ali, o filho ficava ali do lado de quem vai pra Cruz das Almas e outro do lado de Muritiba atendo mão pra os carros, batendo mão enquanto o pessoal atravessava. Na ida e na vinda, uma hora dessa a gente já vinha de volta (16:30 hs) ai por Mangabeira, chegava aqui escurecendo 6 horas, 5:30hs . Quando chegava mais tarde chegava 7 horas. Todo ano ela fazia.

Tem muitos anos, só não lembro a quadra porque não gravo a data, mas ta com muitos anos [...] derna que eu cheguei aqui já existia, derna de que eu morava lá na Aldeia já vinha em procissão dela aqui. Morava lá e vinha pra aqui quando eu me mudei pra aqui acabou de melhorar.<sup>217</sup>

<sup>216</sup> Inês Pinto. Natural do município de Governador Mangabeira, ex- Vila de Cabeças. Trabalhadora rural aposentada. Data de nascimento: sem registro. Entrevista concedida em 08/06/2010. Depoimento da senhora Inês. Entrevista concedida em 08 de junho de 2010.

<sup>217</sup> Depoimento do senhor Jovino, já citado.

O senhor Jovino atualmente possui 105 anos de idade, reside na comunidade de Queimadas há pelo menos sessenta anos. Em suas memórias, a procissão da senhora Carmelita é recorrente, serviu como acalento para muitos habitantes daquela comarca regional. São Roque sincretizado como Obaluaê representou um refúgio seguro para aqueles que desejavam se curar de alguma enfermidade, num tempo marcado pela escassez de sonância das ciências médicas entre a população. Esses indivíduos buscavam soluções próximas de seu cotidiano para resolver os mais variados problemas de saúde que os acometiam. Assim, a cura intercedida pela devoção representava uma excelente oportunidade de recuperação da sanidade física e espiritual.

### **3.5 “Ser Rezadeira é ser serva do senhor”:** identidades individuais e coletivas no âmbito das benzeções.

Para meados do século XX, conseguir notícias e memórias a respeito de Rezadeiras e Rezadores no Recôncavo não configura uma tarefa árdua de ser cumprida, contudo reunir em uma única pesquisa as diversas expressões e práticas culturais desses sujeitos históricos é uma empreitada difícil de ser alcançada. De imediato, podemos constatar que o universo cultural das benzeções é rico em singularidades.

Aparentemente, Rezadeiras e Rezadores se enquadram num grupo social e cultural bem definido: em grande parte dizem respeito a trabalhadores, sobretudo trabalhadores rurais e/ou dos armazéns de fumo. Inserem-se num universo religioso semelhante ao agregarem devoções, buscando o amparo e a intercessão das diversas entidades sobrenaturais, atreladas ao conhecimento de um vasto receituário de ervas e emplastos para conduzir os enfermos à cura de doenças na esfera orgânica e espiritual.

As práticas de cura possibilitam o resguardar de saberes compartilhado coletivamente demarcando um território cultural que concede notoriedade aqueles executores das benzeções. Rezadeiras e Rezadores estão localizados em suas comunidades como detentores de saberes, nesse sentido a comunidade concede um espaço de poder específico, em virtude dos conhecimentos que possuem. O

território dos saberes possibilita a identificação de um grupo aproximando experiências e expectativas, território cuja representação transcende a uma descrição geográfica de localização. Na verdade, trata-se de uma identificação simbólica de práticas, costumes, devoções etc.<sup>218</sup>

Para Glissant o que enobrece a cultura é a possibilidade de concebê-la de forma múltipla, pensar que a concretização de determinadas práticas culturais perpassa pelas diversas matrizes individuais e coletivas, pois para que haja a permanência das mesmas, faz-se necessário as adequações contextuais. A relação entre valores culturais diferentes torna a cultura algo singular e em constante movimentação.<sup>219</sup>

Nesse sentido, compreender as identidades empreendidas no âmbito das benzeções requer que consideremos os vieses existentes no processo. Inegavelmente os lugares ocupados por Rezadores perpassam a experiências no universo do trabalho, na luta pela sobrevivência em virtude de privações materiais, a iniciação nas benzeções, o apego a religiosidade contribuindo para identificar o espaço social e cultural que esse grupo de indivíduos se localiza. As evidências da pertença coletiva não visam condicionar os sujeitos num território sócio-cultural fixo, definido e determinante, mas elucidar reminiscências de práticas culturais comuns a um grupo.

Em meio à construção das identidades coletivas via apresentação de território simbólico e material comum, é válido ressaltar que paralelo as manifestações de pertença grupal não há um esfacelamento das alteridades individual no universo da benzeção. De fato alguns símbolos, rezas e práticas de modo geral condicionam o ofício das rezas, mas em termos devocionais, por exemplo, existem variações entre os executores do ofício que tendem a enriquecer o processo. Na verdade o grande desafio em estudar as práticas culturais é pensar que o diverso, que algumas vezes se apresenta como conflituoso, é fator necessário para que essa manifestação cultural continue existindo e se modificando cotidianamente.

Para o historiador E.P Thompson é a partir do conflito, dentro da própria classe social que teremos o enriquecimento da cultura, o que em sua opinião é o

---

<sup>218</sup> SODRÈ. *Op.cit.* p.50

<sup>219</sup> GLISSANT. *Op.cit.*

palco da diversidade.<sup>220</sup> No que concernem as benzeções, o fato de haver identificações do coletivo não inviabiliza a existência e/ou a preservação do diverso. De fato, as experiências compartilhadas e todo o arsenal religioso que os envolvem concedem um lugar muito próximo entre eles, no entanto as práticas culturais não devem conceber a identidade de Rezadeiras e Rezadores como permanente e unificada, uma vez que estaria contrário ao dinamismo da própria cultura.<sup>221</sup>

A assertiva é reforçada na própria concepção de cultura, se os sujeitos experimentam e compartilham marcas de práticas culturais que me movimentam, como podem apresentar identidades estáticas? Para além da fluidez das identidades construídas e assumidas é importante considerar as implicações das experiências coletivas na formação da identidade individual.

É comum na recepção dos enfermos em suas residências ou ao se direcionar para o espaço das benzeções, Rezadeiras e Rezadores utilizam como principal veículo na condução da cura a emissão das palavras santas, efetuando a benzeção, capaz de extirpar o mal do corpo do enfermo. Em seguida, comumente, recomenda-se a ingestão de alguns chás, a depender da enfermidade a ser combatida. Pode haver, também, a recomendação da utilização de banhos energizantes. Contudo, apesar de o procedimento revelar uma prática rotineira entre eles, nota-se que, ao proferirem as rezas, existem algumas variações, sejam elas em função dos santos que intercedem no processo da benzeção, ou até mesmo de cunho quantitativo, no que se refere à quantidade de vezes que o enfermo carece de ser rezado. Muitos asseguram que um único dia de reza é suficiente para expulsar toda a doença do corpo, outros benzem no mínimo três vezes para notificar a extirpação da doença do corpo do indivíduo.

A variação descrita acontece em virtude justamente das (res) significações empreendidas no âmbito das *tradições*, pois a tradição vista como algo estático, fruto de um passado imobilizado que apresenta práticas culturais inalteradas e homogêneas de uma geração para a outra não condiz com a realidade experimentada pelos sujeitos.<sup>222</sup>

As experiências concretas vivenciadas pelos sujeitos exercem grande influência na formação do ser. Pensar de que forma se processou a identidade dos

---

<sup>220</sup> THOMPSON. *Op.cit.*

<sup>221</sup> HALL. *Op.cit.* p.12.

<sup>222</sup> SODRÉ. *Op.cit.* p.154.

benzedores é algo particular, pois a identidade também é resultado de uma vida real unicamente experimentada pelos indivíduos. O apego a determinados santos, por exemplo, pode ter surgido em função das vivências familiares ou até mesmo situações particulares que determinados santos puderam exercer na vida unicamente experimentada por eles, justificando, portanto, o porquê da súplica e/ou do apego devocional a determinado santo, virgem, caboclo ou orixá.

Por outro lado foi notória a constância de alguns santos entre os benzedores denotando um apego coletivo devocional, como tratado no item anterior, Rezadeiras e Rezadores eram devotos de São Cosme e Damião, São Benedito e São Roque como maior freqüência. Ao que parece esses santos possuíam maior permeabilidade entre eles. Entre as diversidades dentro das identificações coletivas ainda foi visualizado afinidades ou não as celebrações vinculadas aos cultos afro-brasileiros. Algumas Rezadeiras apresentaram grande aproximação com o Candomblé, outras são bastante reticentes ao admitir tais aproximações, apresentando ligeiras recusas ao conceber sua inserção nesses espaços. Tal rejeição pode ser fruto dos preconceitos lançados em torno dos cultos afro-brasileiros, bem como das diversas imagens produzidas e reproduzidas pela sociedade acerca dessas práticas religiosas.<sup>223</sup>

A Rezadeira Maria Margarida, aos 100 anos de idade, apesar de inicialmente ter se demonstrado um pouco *tímida* em assumir sua relação com os cultos afro-brasileiros, em um determinado momento da entrevista deixou *escapar* o seguinte depoimento:

Hora mais e muito, várias vezes [*fazendo menção a participação no Candomblé*]. Fazia presépio com um monte de santo. Acendia três fogueira no ano. Eu dava caruru de Cosme e Damião, eu recebia o santo, mas hoje parê tudo, parê tudo! Já esqueci tudo, esqueci a metade. O juízo não ta dano mais pra isso, não tô andano boa! Oh Deus!<sup>224</sup>

A senhora Maria Margarida, ao começar a falar sobre o assunto, demonstrou uma relativa empolgação, relatando algumas situações em que, na sua concepção, faz parte dos cultos afro-brasileiros, mas que, na realidade, dizem respeito a elementos integrantes da cultura portuguesa e presentes entre os habitantes do Recôncavo como, por exemplo: a construção do presépio, a

<sup>223</sup> Sobre tais reflexões ver o início desse capítulo.

<sup>224</sup> Depoimento da senhora Maria Margarida, já citado. Grifo nosso.

confeção de fogueiras. Contudo, a oferta do caruru de São Cosme e Damião, seguido do *recebimento* do santo é marca atuante da cultura afro-brasileira. Tal descrição nos remete a perceber um misto de práticas existentes também no catolicismo (re) significado pela população do Recôncavo que, por sua vez, traz elementos dessas concepções culturais negras, a saber, do festejar do santo seguido da incorporação dos espíritos na própria festa.

É possível observar também que, no final da fala, a Rezadeira Maria Margarida, aparentemente, *freia* a conversa quando frisa que a idade avançada a impossibilita de trazer à tona mais recordações dos anos vividos. Entretanto essa reticência final no depoimento me possibilitou visualizar certa cautela, por parte da Rezadeira, em rememorar as lembranças expostas sobre suas vivências.

Após ter lembrado algumas de suas experiências religiosas, a Rezadeira Maria Margarida lançou nova fala ainda relacionada a sua crença:

Olha! Sou católica, do Apostolado do coração de Jesus. Sou casada duas vez no padre e no civil. O marido morreu! Ta cumprideno? Todos dois morreu! eu já enterrei. Hoje em dia já me saiu quase tudo, mas eu me alembro!<sup>225</sup>

Aparentemente, a Rezadeira sentiu necessidade de mostrar que, apesar de ter vivido experiências relacionadas às celebrações afro-brasileiras, em nada tais experiências implicou na perda de sua identidade enquanto católica, haja vista o interesse em ressaltar sua participação no Apostolado do Coração de Jesus, bem como demonstrou seu apego aos sacramentos provenientes da igreja católica, como o casamento realizado com a benção do padre. A situação ainda remete a pensar nessa atmosfera preconceituosa na qual os cultos afro-brasileiros estão inseridos.

Para muitos, a categoria de Rezadeira está associada a um grupo de mulheres idosas e católicas, o que serve para justificar a cautela de algumas delas em assumir seu vínculo com o Candomblé, por exemplo. É inegável que a projeção que a sociedade faz dos indivíduos exerce influência em diversos momentos da vida. Porém, é válido ressaltar que outra imagem acerca das Rezadeiras também se faz presente na sociedade, esta se refere a Rezadeira que reconhece a influência de outras origens da benzeção, ressaltando a participação das *tradições* africanas e ameríndias no ofício.

---

<sup>225</sup> *Idem.*

A senhora Neci, natural do município de Cachoeira, iniciada no Candomblé há mais de 30 anos, emitiu sua opinião acerca dos diversos discursos preconceituosos que algumas pessoas lançam em torno da benzeção:

É preconceito! Porque é uma coisa que vem dos negros! Puro preconceito. Eu conheço vários que vem escondido pra ninguém saber. Vai se rezar! Procura um banho, mas não quer divulgação pra ninguém saber.

Jesus não discriminou nada disso, porque ele crer em tudo isso, porque aonde se faz o bem, ele ali se faz presente. Ele só não se faz presente aonde se faz o mal, e uma benzedura não é o mal, não é tá matando seu próximo, tá querendo que seu próximo viva, que tenha saúde, porque ele tá ali doente, então todas as Rezas se falam em nome de Deus pai todo poderoso e no nome de Jesus, não fala o nome do diabo!<sup>226</sup>

A senhora Neci tem uma postura bastante consciente da problemática instalada acerca da preservação, valorização e reconhecimento da cultura afro-brasileira do país, bem como se posiciona contra as associações pejorativas lançadas às práticas culturais de matriz africana. A depoente também observa que diversas pessoas, apesar de assumirem um discurso preconceituoso em torno dessas práticas, tendem a recorrer à benzedura, mesmo que de forma escamoteada, o que favorece pensar que, embora a eficácia da benzeção possa ser comprovada entre muitos segmentos sociais, muitos hesitam em defendê-la publicamente em virtude dessa ligação como o mundo afro-brasileiro.

Diversas Rezadeiras também se encontram pressionadas ao negarem sua aproximação com os cultos afro-brasileiros, em função dessa série de estereótipos que as religiões de matriz africana, juntamente com os seus adeptos, são vitimadas. Daí, muitas optam em omitir sua participação ou envolvimento com tais práticas culturais.

A situação ainda possibilita pensar nas múltiplas identidades à qual o pesquisador Stuart Hall faz alusão, em que, a depender do espaço que os indivíduos se encontram, assumem posturas diferenciadas. A identidade torna-se politizada na medida em que ela varia de acordo com a situação que o sujeito se insere,<sup>227</sup> em especial esse é o caso de algumas Rezadeiras que em momento conveniente omitem sua simpatia ou até mesmo participação nos cultos afro-brasileiros.

---

<sup>226</sup> Depoimento da senhora Neci, já citado.

<sup>227</sup> HALL. *Op.cit.*

O depoimento da senhora Neci possibilita, também, reflexões acerca da forma pela qual se processam as concepções culturais entre alguns povos africanos, sobretudo a África Ocidental. Nas religiões tradicionais africanas e conseqüentemente nos cultos afro-brasileiros, o Deus venerado não é *vaidoso*, tampouco *ciumento*, pois não proíbe a veneração ou o acréscimo de novos deuses e novas crenças. É possível que o indivíduo comungue de diversos elementos culturais ao mesmo tempo, sem haver a necessidade de renunciar aos seus valores iniciais. Tal prática só acontece em função desse caráter somático da religião africana.<sup>228</sup>

O Deus venerado não possui imagens, nem representações físicas, ao contrário do Deus *uno* concebido no mundo cristão ocidental. Atualmente, as populações que guardam determinados elementos culturais que remontam as sociedades africanas, como é o caso da senhora Neci, são altamente discriminadas, pois a veneração a entidades religiosas, aos espíritos e a utilização da benzeção ou práticas de curas diversas são associadas ao mundo da feitiçaria pagã, cujo grande gestor é o *diabo*. Nas últimas frases do depoimento acima citado, a senhora Neci desabafa quanto a tal acontecimento e os correntes preconceitos que incidem sobre as benzeções.

É importante ressaltar que nas celebrações afro-brasileiras, o sagrado e o profano caminham juntos, pois concebem que toda a vida humana é regida e está condicionada ao equilíbrio das forças, e através dela é possível desenvolver as atividades rotineiras. Portanto, nessas visões cosmogônicas, pensar no mundo sacro ou no mundo profano de maneira isolada tende a desestruturar o equilíbrio, entendido como necessário para a humanidade.

Mais uma vez a senhora Neci expôs sua opinião acerca do ato de camuflar a *simpatia* aos cultos afro-brasileiros por parte de algumas Rezadeiras: “Primeiro lugar se acontece isso é porque elas não sabem bem a origem de tudo! Aprendeu por alguém, mas não sabe de onde veio, porque surgiu e quem levou até elas!”<sup>229</sup>

A senhora Neci acredita que, para honrar o estatuto de Rezadeira, faz-se necessário reconhecer o legado africano presente nas benzeções, visto que o

---

<sup>228</sup> OPOKU, Kofi Asare. A religião na África durante a época colonial. In: BOAHEN, A. Adu (coord). *História geral da África. A África sob dominação colonial, 1880-1935*. São Paulo: Ática, 1991. Vol.VII.

<sup>229</sup> Depoimento da senhora Neci, já citado.

desconhecimento da origem da benzedura pode acarretar certas atitudes preconceituosas da própria executante da reza.

Não é objetivo da pesquisa pensar a identidade de Rezadores e Rezadeiras de forma determinista ou isolada, mas trazer à tona determinados elementos do cotidiano desses sujeitos, para que assim possamos ter uma ligeira projeção de sua vida. Entendo que pelo fato de determinada Rezadeira, por exemplo, se declarar pertencente à religião Católica, isso não a impossibilita de participar dos cultos afro-brasileiros, da mesma maneira que uma adepta do Candomblé pode se auto-declarar católica e, ainda assim fazer, parte desses espaços diversos, até porque já vimos que o objetivo primeiro das religiões de matriz africana é incluir e não segregar. O diverso anterior a ser enxergado como problemático é tido como necessário para os redimensionamentos das práticas culturais.

Quando pontuo a crença das Rezadeiras no catolicismo e a existência de outras que mantêm relações com os cultos afro-brasileiros, acredito ser memorável e importante essa fluidez no processo, pois é através dessas flexibilidades culturais que pode haver a formação de culturas ricas em detalhes e singularidades. Não tenhamos a falsa impressão de que as práticas culturais são estáticas, uma vez admitindo este comportamento, algumas delas já teriam desaparecido diante da inadequação de contextos históricos diferenciados.

No item anterior, vimos que o catolicismo no qual Rezadeiras e Rezadores se encontram inseridas é um catolicismo (re) significado, que trazem marcas menos ortodoxas que o catolicismo oficial, ou seja, alguns pesquisadores preferem tratar o catolicismo praticado por essas mulheres como um catolicismo mais africanizado,<sup>230</sup> na medida em que admite a presença de elementos culturais mais próximos das populações negras, bem como *permite* tentar entendê-lo a partir da interpenetração cultural.

Nessa esfera religiosa do catolicismo, que possibilita essa fluidez e aproximação com outras concepções culturais, a saber, dos cultos afro-brasileiros, poderemos entender as práticas culturais das Rezadeiras. Seria essa interpenetração que possibilitaria a senhora Celina, por exemplo, recorrer ao curandeiro para se livrar de uma enfermidade; ou até mesmo o catolicismo da senhora Neném que permite que ela recorra a uma médium para, através do

---

<sup>230</sup> VER: SOUZA, Marina de Mello e. "Catolicismo negro no Brasil: Santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural". In: *Revista Afro-Ásia*, Salvador. n.28, 2002.

caboclo, lhe conceder orientações espirituais. O mundo católico da senhora Maria Margarida e o conseqüente recebimento de entidades nas celebrações de Cosme e Damião, o mundo católico que possibilita a senhora Merú frequentar a igreja católica e geri seu terreiro cultuando seus orixás, enfim, trata-se de um mundo católico particularizado que admite a fluidez e a interpenetração de diversas concepções culturais.

Em uma entrevista com a Rezadeira Neném acerca de como se sentia executando a benzeção, ela declarou que estava muito satisfeita com o ofício e entendia que ser Rezadeira era *ser a serva do senhor*, portanto a mensageira do bem: “Tem importância, graças a Deus tem! Eu me sinto feliz quando chega alguma pessoa pra rezar. Feliz! Dete minha fiá tava brigando [...] Eh! Pra quê tanta reza! O povo não deixa nem a senhora dormir pra rezar.”<sup>231</sup>

Nesse depoimento, nota-se a realização dela em benzer, a ponto da identidade de Rezadeira se sobrepor por diversas ocasiões em sua vida, a identidade de mulher – mãe, tendo em vista o fato de sempre está disposta a realizar a benzeção independente da atividade que se encontrava a executar. Nesse caso, por diversos momentos a identidade assumida pela senhora Neném tratou-se do *ser Rezadeira*.

O simples fato de sempre estarem acessíveis aos necessitados revela esse sentimento fraterno, o sentimento de doação encontrado em seus preceitos religiosos, cujo maior propagador em sua opinião foi Jesus Cristo. Elas têm internalizado que tão importante quanto o ofício de um médico renomado, é prestar favores à população que carece de um conforto físico ou espiritual.

Assim como a senhora Neném, todas as outras Rezadeiras e Rezadores da pesquisa se demonstraram bastante satisfeitos como o ofício executado. Vejamos o que a senhora Teka mencionou sobre o assunto: “A reza tem importância, a gente rezando com fé tem importância! Eu rezo todo dia, até de noite, depende da precisão! Me sinto bem fazendo bem as pessoa e se não agradecer quem agradece é Deus.”<sup>232</sup>

Homens e mulheres se dispõem a executar a benzeção sem esperar recompensas materiais, aguardam serem escutados por aquele que, na opinião deles, proporcionaram a concretização de suas súplicas: Deus. A satisfação

---

<sup>231</sup> Depoimento da senhora Neném, já citado.

<sup>232</sup> Depoimento da senhora Teka, já citado.

individual proporcionada pela benzeção também é característica marcante entre eles: “A gente deve fazer favor e não escolher a quem [...] Eu tenho rezado é gente aqui. Graças a Deus todo mudo que eu rezo se sente bem.”<sup>233</sup>

Sendo assim, alcançar a súplica desejada nas orações constitui o maior objetivo nas benzeções e Rezadeiras e Rezadores acreditam que uma vida destinada a zelar pelo bem dos indivíduos acarreta, a eles, diversas realizações, tendo em vista o grandioso ofício que o Deus as proporciona.

No mais, acredito que a *resistência* dos benzedores em se desprender de suas práticas culturais pode ser interpretada em função do zelo atribuído a diversos elementos que permeiam e regem seu cotidiano. Tal prática contribui para assegurar a existência de tradições para as próximas gerações, permitindo pensar no conceito de tradição de maneira diferenciada da que prega diversos estudiosos, em que a tradição era vista de forma estática, devendo ser visualizada e preservada isoladamente, sem admitir contribuições ou (re) significações culturais da realidade que se encontram inseridas.

Não podemos esquecer que a dinâmica do mundo moderno proporciona a emergência de novas práticas culturais, e em contrapartida tende a enxergar as antigas como *práticas obsoletas*, sendo, por isso, marginalizadas. Logo, a única maneira de ensinamentos milenares, como a benzeção, serem preservados, são através das adaptações, ou seja, (re) significações e (re) interpretações de concepções socioculturais.

Os vieses da identidade perpassam pelas socializações coletivas, não impossibilitando pensar nas singularidades individuais dentro de um processo cultural, contudo nas representações do coletivo é possível identificar o território dos saberes, nesse caso, as benzeções. A coletividade oportuniza a permanência dos elementos comuns, e são esses elementos que resistem ao tempo. É inegável que as benzeções continuam existindo porque representam um patrimônio grupal que tende a identificar a pertença dos indivíduos. Como mencionado nos capítulos anteriores, as benzeções foram edificadas a partir da contribuição das diversas matrizes culturais, nesse sentido, houve um processo relacional entre culturas a partir, justamente da diferença.<sup>234</sup> O diverso deve existir numa confluência das culturas, pois só tende a enriquecer o processo.

---

<sup>233</sup> Depoimento da senhora Celina, já citado.

<sup>234</sup> GLISSANT. *Op.cit.* p. 03

A experiência unicamente experimentada pelas populações negras vindas para o Recôncavo associada aos elementos presente entre as populações européias e indígenas transformaram a benzeção em algo singular, oportunizando o entrelaçamento de práticas culturais diversas, sem primar pela exclusão do outro que representava algo novo e diferenciado. As benzeções sugerem possibilidades de práticas que se emaranham e se (res) significam entre si.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de resguardar a saúde corporal e espiritual, tanto individual quanto coletivamente, pode ser apontada como a principal causa da recorrência às práticas terapêuticas da benzeção entre as camadas populares. Areladas às convicções culturais, ao empirismo e às práticas religiosas, as benzeções tiveram sua eficácia assegurada no desencadear dos séculos. Dessa forma, as providências tomadas por Rezadeiras e Rezadores no zelo da saúde coletiva ajudaram a tecer redes de solidariedade a partir de saberes transmitidos oralmente acerca das funcionalidades das rezas, das folhas, das *palavras santas* e do próprio conhecimento sobre o corpo e o seu funcionamento.

As dimensões do trabalho que permeiam as práticas das benzeções possibilitaram identificar as subjetividades existentes no processo, os seus diferentes significados e motivações, assim como as causas e conseqüências do fato de os sujeitos necessitarem agregá-las a outras atividades diárias em busca da sustentação material, mas sem se descuidarem, portanto, da espiritualidade no seu dia a dia, zelando pelos santos, caboclos e orixás que faziam parte das devoções. Rezadeiras e Rezadores contribuíram para evidenciar a labuta diária experimentada pelas populações negras, trabalhadoras, o que foi elucidado, principalmente, pela memória coletiva, elemento fundador das experiências compartilhadas.

Benzer é considerado caridade, pois não visa ganhos financeiros, tendendo a ser agregado às atividades diárias. Paralelamente à remuneração de lavadeira, charuteira, trabalhadora do armazém de fumo, agricultora, agricultor, homens e mulheres se dispunham a executar as rezas.

De modo geral, muitas Rezadeiras atribuíram à hereditariedade a responsabilidade em zelar pelo ofício da benzeção, situação esta, unicamente relatada pelas mulheres. Ao que parece, entre os Rezadores, a familiaridade com o universo das rezas não possuía implicações e /ou responsabilidades de cunho familiar e/ou herança.

Rezadeiras e Rezadores, protagonistas da pesquisa, são integrantes das classes trabalhadoras e negras do Recôncavo, os quais, motivados por questões econômicas, foram introduzidos no mundo do trabalho ainda na infância. Por fatores raciais, esses indivíduos, em sua maioria, alocados na segunda geração do pós-

abolição, perambularam pelo Recôncavo sul baiano em busca de melhores condições de vida, uma vez que as *ondas migratórias* pelas cidades do Recôncavo foram intensas até as décadas de 1950.

Acredito que a atuação de Rezadeiras e Rezadores deve ser entendida para além da disputa entre práticas alternativas de cura e práticas médicas oficiais, mas como a intervenção necessária em diversas ocasiões cotidianas para socorrer famílias que, naquele momento, tinham a benzeção como uma das poucas possibilidades de livrar-se das doenças que as acometiam. Ao desempenhar o papel de Rezadores, colocavam-se à disposição dos necessitados. Assim, a recorrência a essa prática representa um legado cultural das populações negras e indígenas presentes nesse perímetro regional.

Deve-se destacar também que as práticas curativas executadas por eles são de caráter preventivo, pois se caracterizam em estratégias que visam a não alocação das doenças no corpo dos indivíduos, ou seja, entre Rezadeiras e Rezadores mais importante que extirpar o mal do corpo do enfermo, é assegurar, através dos resguardos esporádicos, que a doença não encontre possibilidade de se desenvolver. A recorrência aos Rezadores demonstrou a importância que ainda desempenhavam numa sociedade em transformação que pretendia consolidar as ciências médicas oficiais. Observou-se que, apesar de os órgãos públicos possibilitarem novas maneiras de lidar com a saúde e a doença, assegurando-lhes respostas mais imediatistas, as camadas mais populares relutaram em abandonar *antigos métodos* para conduzir os enfermos à cura.

No mais, verificou-se que Rezadeiras e Rezadores possuem no repertório dos seus viveres experiências comuns que possibilitaram demarcar o espaço social que ocupavam, contribuiu, por conseguinte, para a construção de um *território cultural*, para além das definições geográficas de região que evidenciam somente o espaço físico. As marcas de um passado comum, das dificuldades de sobrevivência na labuta diária, nas experiências do trabalho e nos aspectos devocionais possibilitam a construção de um lugar, cujo espaço é peculiar a esse grupo de indivíduos. Nesse caso, favoreceu o desenvolvimento daquilo que Muniz Sodré chamou de *identidade grupal ou identidade coletiva*.<sup>235</sup>

---

<sup>235</sup> SODRÉ. *Op.cit.*p.22

À medida que existe a caracterização de um grupo em virtude de uma pertença de atitudes, valores e práticas culturais, possibilitando localizar os indivíduos diante da comunidade, tem-se a formação de uma identidade coletiva e, em consequência, o conjunto de conhecimentos pertencentes a esse grupo favorece a localização territorial do espaço dos saberes.<sup>236</sup>

Conhecer as funcionalidades de orações, gestos e ervas possibilitou e legitimou a execução das atividades grupais dos Rezadores. As práticas culturais dos benzedores podem ser consideradas como patrimônio intangível, empregado, como sinônimo de herança cultural. Os saberes presentes na benzeção compreenderam um território de identidade que permite visualizar as experiências dessas populações, reconstruindo e (res) significando o conhecimento.

Sendo assim, notou-se que o universo das benzeções contempla práticas culturais amplas e complexas; a presente pesquisa está longe de ter dado conta de todas as possibilidades temáticas existentes nesse contexto e passíveis de serem analisadas. Por exemplo, particularidades que circundam reflexões em torno das relações de gênero entre os executores das benzeções – o porquê de as benzeções estarem concentradas majoritariamente nas mãos de mulheres, que hoje são as principais resguardadoras dessa tradição – não foram analisadas.

Constitui possibilidade investigativa também um estudo mais apurado em torno das práticas religiosas entre Rezadeiras e Rezadores, sobretudo atrelada aos cultos aos caboclos domésticos, tão presentes entre as populações do Recôncavo. Os altares e ninchos particulares apresentam riqueza cultural singular entre Rezadeiras e Rezadores, podendo servir de investigações no que concerne às representações simbólicas, materiais e iconográficas dessas imagens, suas representações e repercussão na vida dos sujeitos, evidenciando, assim, o imbricamento religioso e cultural dessas populações.

---

<sup>236</sup> *Ibidem*. p.50

## 5 FONTES:

### ORAIS

Alderico Santos Oliveira. Apelido Piu. 54 anos de idade. Natural de Queimadas – zona rural de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Trabalhador rural e Babalorixá. Data de Nascimento: 06/10/1955. Entrevista em 08/06/2010. Filho da senhora Carmelita.

Aumerinda Conceição Rodrigues. Apelido Dona Merú. 64 anos de idade. Lavradora charuteira aposentada. Rezadeira. Natural do Município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças – zona rural. Atualmente reside nesse mesmo município. Data de nascimento: 20/07/1946. Entrevistas em 11/07/2007 e 14 de fevereiro de 2010.

Aurelina dos Santos Conceição. Apelido Dona Preta. 71 anos de idade. Ex-trabalhadora dos armazéns de fumo aposentada. Natural do Município de Maracás, sertão da Bahia. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 13/03/1940. Entrevista em 06/08/2007.

Benedita Oliveira Conceição. 57 anos de idade. Natural de Queimadas – zona rural de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Dona de casa. Data de nascimento: 20/03/1953. Entrevista em 08/06/2010; Filha da senhora Carmelita.

Celina de Jesus Neris. Apelido Dona Celinha. 87 anos de idade. Charuteira aposentada. Rezadeira. Natural da cidade de Bonfim de Feira de Santana. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 15/05/1923. Entrevistas em 06/12/2006; 10/07/2007; 03/02/2010 de 2010 e 09/02/2010.

Francisca Santos Oliveira. Apelido Dona Neném. 76 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira. Natural de Laranjeiras, zona rural do Município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 08/02/1934. Entrevistas em 26/04/2007 ;14/07/2007; 12/02/2010 e 13/02/2010.

Inês Pinto. Natural do município de Governador Mangabeira, ex- Vila de Cabeças. Trabalhadora rural aposentada. Data de nascimento: Entrevista em 08/06/2010.

José Oliveira Santos. Apelido: Padre José. 63 anos de idade. Padre em exercício da profissão. Natural do município de Miguel Calmon – Bahia. Atualmente reside no município de Muritiba. Data de nascimento: 21/02/1947. Entrevista em: 03/06/2010.

José Pacheco Alves, Apelido: Seu Zeca. 93 anos de idade. Lavrador aposentado. Ex- Rezador, natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças – zona rural. Atualmente reside no mesmo município. Data de nascimento: 31/03/1917. Entrevista em 11 de fevereiro de 2010.

Joselita Rodrigues dos Reis. Apelido Dona Diu. 71 anos de idade. Merendeira aposentada. Rezadeira e lalorixá. Natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Data de nascimento: 18/03/1939. Entrevista em 09/06/2010;

Jovino Bispo Frateles. Apelido: Seu Jovino. 105 anos de idade. Trabalhador rural aposentado. Rezador. Natural de Aldeia – zona rural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Data de nascimento: 20/03/1905. Entrevista em 09/06/2010.

Malaquias dos Santos. Apelido: Seu Dórico. 60 anos de idade. Lavrador aposentado, Rezador. Natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças – zona rural. Atualmente reside no mesmo município. Data de nascimento: 14/12/1949. Entrevista em 11 de fevereiro de 2010.

Maria Ciliria da Silva. Apelido: Dona Ciliria. 90 anos de idade. Trabalhadora rural aposentada. Rezadeira. Natural do município de Bonfim de Feira. Atualmente reside no município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 05/06/1920. Entrevista em 11 de abril de 2010.

Maria Custódia Cerqueira da Silva. Apelido Dona Teka. 76 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira. Natural de Queimadas, zona rural do Município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 24/07/1934. Entrevista em 29/04/2007.

Maria de Lurdes Pinto de Souza. 59 anos de idade. Enfermeira aposentada. Natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Atualmente reside nesse mesmo município. Data de nascimento: 13/01/1951. Entrevista em 17/08/2007.

Maria de Lurdes Santana. Apelido Dona Lurdes. 68 anos de idade. Lavradora, trabalhadora dos armazéns aposentada. Rezadeira, Natural do município de Cruz das Almas – zona rural. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 26/03/1942. Entrevista em 09 de fevereiro de 2010.

Maria Margarida Marques. Apelido Dona Maria. 99 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira. Natural da cidade de Lage, Recôncavo Sul da Bahia. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 15/09/1910. Entrevista em 26/12/2006 e 11/03/2007.

Maria Nascimento Machado da Silva. Apelido: Dona Nascimento. 69 anos de idade. Trabalhadora rural aposentada. Rezadeira. Natural do município de Governador Mangabeira, antiga Vila de Cabeças. Atualmente reside no mesmo município. Data de nascimento: 25/12/1940. Entrevista em 12 de fevereiro de 2010.

Neci Santos Leite. Apelido Prof<sup>a</sup> Neneu. 52 anos de idade. Professora primária em exercício da profissão. Nascida no Município de Cachoeira. Atualmente reside no

município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 11/10/1958. Entrevista em 27/07/07 e 11/05/2010.

### **IMPRESSAS:**

FONSECA, Angelita Gesteira. *Primórdios e Progressos de Governador Mangabeira*. Governador Mangabeira, [s.n]. 2000.

*Jornal A tarde*, nº 33.387, Ano 98. 05 de setembro de 2010. *Governador Mangabeira resgata fonte ligada à fundação da cidade*, p. A13. Disponível no acervo do citado jornal.

*Jornal Folha do Norte*, nº 2758, Ano 53. 19 de maio de 1962. *Chacina que deu nome a uma localidade*, p.03. Disponível no Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

*Jornal Folha do Norte*, nº 2765, Ano 53. 23 de junho de 1962. *Chacina que deu nome a uma localidade*. Capítulo IX e X, p.03. Disponível no Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

*Jornal Folha do Norte*, nº 2765, Ano 53. 07 de julho de 1962. *Chacina que deu nome a uma localidade*. Capítulo XI e XII, p.03. Disponível no Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

### **SITES:**

*O que é um AVC*. Disponível em: <http://www.acidentevascularcerebral.com>. Acesso em 03/05/2011.

*Código Penal de 1940*. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br>. Acesso em 02 de março de 2010.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANJOS, Suelen Gonçalves dos. Cultura e Tradições negras no Mesquita: Um estudo da matrifocalidade numa comunidade remanescente de quilombo. *REVISTA PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos*. Brasília, UniCEUB, FACJS, Vol.1, n.1/06.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina rústica*. 3º Ed. São Paulo: Nacional, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. "Introdução: apresentação do problema." *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Ed. Universidade de Brasília, 1987.

BÁRBARA, Reginilde Rodrigues Santana. *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: Contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. 2ºed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985.

BRAGA, Júlio. *Na gamela do feitiço: Repressão e resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995.

BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna. Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo – RS: Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. *O mundo como teatro*. Lisboa: DIFEL, 1992.

CARVALHO, Antônio Carlos Duarte de. *Curandeiros e medicina: práticas populares e políticas estatais de saúde em São Paulo nas décadas de 30,40 e 50*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Universidade Estadual Paulista, 1995.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Caboclos e pretos-velhos da umbanda. In: *Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados*. (Orgs.) Reginaldo Prandi. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: Homenagens a Santa Bárbara, N.S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador ( 1860-1940)*. Salvador: EDUFBA, 2010.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2ª Ed.rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. A Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. PUC/SP. São Paulo: EDUC. n.17, 1998.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. PUC/SP. São Paulo: EDUC, 1981.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu que balance!* Mundos femininos, maternidade e pobreza. Salvador, 1890-1940. Salvador: EDUFBA, 2003.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *"Fazendo fita": Cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1987-1930*. Salvador: EDUFBA, 2002.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7º ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

HAMPATÊ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (coord). *História Geral da África*. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática, 1982. Vol I.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana em Salvador (1912-1916)*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 1996.

LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

LIMA, Vivaldo Costa Lima. *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África*. Salvador: Corrupio, 2005.

LODY, Raul. *O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. Rio de Janeiro: PALLAS, 1995.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986.

MALUF, Sônia Weidner, Peregrinos da Nova Era: Itinerários espirituais e terapêuticos no Brasil dos anos 1990. In: (Org.) Artur César Isaias. *Crenças, Sacralidade e Religiosidades*. Florianópolis: Insular, 2009.

MATOS, Maria Izilda de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru – SP: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. *Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea*. Cadernos Pagu, n. 11, 1998.

MONTERO, Paula. *Da doença à desordem*. A magia na umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Magia e pensamento mágico*. 2º ed. São Paulo: Ática, 1990.

NORA, Pierre. Os lugares da memória: História e cultura. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP. São Paulo: EDUC, n.10, 1994.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção negra: Santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet FAPERJ, 2008.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

OPOKU, Kofi Asare. A religião na África durante a época colonial. In: BOAHEN, A. Adu (coord). *História geral da África*. A África sob dominação colonial, 1880-1935. São Paulo: Ática, 1991. Vol VII.

PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. 2ªed.rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

PINTO FILHO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*. Revista PUC/SP. São Paulo: EDUC, n ° 17, 1998.

QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru – São Paulo: EDUSC, 1999.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Juca Rosa: Um pai-de-santo na Corte imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

\_\_\_\_\_. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas – SP: UNICAMP – CECULT, 2001.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Vol.9, n.19, Fev.1990.

SANTANA, Charles D' Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações, Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Denílson Lessa dos. *Nas encruzilhadas da cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas*. Santo Antônio de Jesus, Recôncavo Sul - Bahia (1940-1980). Dissertação de Mestrado. Bahia. UFBA, 2005.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O poder dos Candomblés: Perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Jocélio Teles do. *O dono da terra: O caboclo nos candomblés na Bahia*. Salvador: Sahar Letras, 1995.

SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da História*. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Fazer Charutos: Uma Atividade Feminina*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2001.

SILVA, Luis Carlos Borges da. *A Vila e o Coronel – Poder local na vila de Cabeças*. (1930-1962). Monografia de Especialização. UNEB, 2004.

SODRÈ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. *Memórias e tradições: viveres de trabalhadores rurais do município de Dom Macedo Costa Bahia (1930-1960)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1995.

SOUZA, Marina de Mello e. “Catolicismo negro no Brasil: Santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural”. In: *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n.28, 2002.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Folclore, Antropologia e História Social. In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. (Org) Antonio Luigi Negro e Marcos Silva. Campinas: UNICAMP, 2001.

THOMSON, Alistair. Recompondo memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Ética e história oral. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP. São Paulo: EDUC. n. 15, Abril/1997.